Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

Renan Dias Santos

ATOS DE INCORPORAÇÃO:

última correspondência com Antonin Artaud

São Paulo

2018

Renan Dias Santos

ATOS DE INCORPORAÇÃO:

última correspondência com Antonin Artaud

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas, sob orientação da Prof.ª Dra. Alice Kiyomi Yagyu.

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Santos, Renan Dias
ATOS DE INCORPORAÇÃO: última correspondência com Antonin Artaud / Renan Dias Santos ; orientadora, Alice Kiyomi Yagyu. -- São Paulo, 2018.
119 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Antonin Artaud 2. Corpo e Palavra 3. Ética e Criação 4. Subjetividade 5. Silêncio I. Kiyomi Yagyu, Alice II. Título.

CDD 21.ed. - 700

Elaborado por Sarah Lorenzon Ferreira - CRB-8/6888

FOLHA DE APROVAÇÃO

SANTOS, Renan Dias.

Atos de incorporação: última correspondência com Antonin Artaud.

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Banca examinadora:

_____

_____

_____

Data: _____/_____/_____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Rosely, por ter me ensinado que é preciso dizer; ao meu pai, Juvenal, quem me ensinou a escutar; e às minhas irmãs, Rê e Nana, porque crescemos (no presente).

Agradeço ao Gui e nosso inominável infinito; à Karina, por todo este processo criativo também sem fim; e à Camila, pela vizinhança na vida.

Às minhas avós, que cuidam do sem-tempo do mundo.

À Alice, pelos momentos de confiança, amizade e sensibilidade que orientaram esta pesquisa.

Especialmente, agradeço também à Clarissa, ao Marcos, à Nara e à dona Joanna: uma família que fez, de uma rachadura repentina, uma abertura ainda maior, e me acolhe.

À Indira, pela companhia sem mediações, cuidado sem distância.

À presença ininterrupta de André Liza, suas muitas portas, nosso encontro antigo.

À parceria de Alberto Villarreal, que impulsiona em mim, até hoje, os pensamentos mais corajosos.

Às generosas Rocío Galicia, Ileana Diéguez, Silvia Fernandes, Cecilia Villarreal, Chris Maris e Juliana Kase, que me olham com elevado grau de vidência e, por isso, têm toda a minha confiança.

Clarissa Moser, Priscilla Carbone, Ricardo Oshiro, Luaa Gabanini, Mônica Montenegro, Jenny Fonseca Tovar, Adão Monteiro e Flaviana Benjamin, obrigado pelas trocas durante o mestrado. Espero que elas se multipliquem!

Agradeço aos professores da banca examinadora, Veronica Stigger e Welington Andrade, pela gentileza de aceitarem o convite.

Às professoras Tatiana Motta Lima e Marilia Velardi, pela importante troca durante o processo de pesquisa; também agradeço pela disponibilidade da Dra. Elia Espinosa e do querido Luis Conde, do IIE/UNAM (México).

Aos amores, amigas e amigos que se misturam no tempo: Antonio Pereira, Felipe Rocha, Aline Alves, Leandro Lopes, Guga Machado, Marina Merlino, Lucas Padovan, Luiz Antonio Farina, Gabriela Andrade Moraes, Camila Móra, Mariana Fontana, Isabella Rosa, Bruna Kruger, Karen Rocha, Eliana Rocha, Lipe Araújo, Nando Araújo, Lucas Takano, Lucas Belchior, Heitor Dias, Andréa Rolfsen, Renata Bastos, Carla Brunhani, Marô Zamaro, Otacilio Alacran, Toninha Lima, Daniel Pacheli, Nell, Leonardo Vasconcelos, Ana Luiza Arra, Fernando Amorim, Rafael Maximo, Abílio Tavares, Isis Marks, Lívia de Souza, Adriana Butoi, Mónica Gómez, Mauricio Rico, Vinícius Flores, Luly Zonta, Renata Baboni... e quem não se importa de ser esquecido.

Em memória de Lua Barbosa.
Para o pequeno Mathias.
Infinitamente.

RESUMO

Um pesquisador nascido no Brasil em 1990 se depara com as cartas que Antonin Artaud escreveu durante seu período de internação no asilo de alienados de Rodez, na França, e descobre que chegou ao mundo arruinado. Decide não ignorar que sente uma imensa solidão e que, na maioria das vezes, se vê sozinho neste sentimento; que cresceu fingindo prazer e sentindo saudade, mas que já está desanimado até mesmo para sofrer; que a primeira coisa que disse, quando ainda era um bebê, foi: “Olá, mamãe, eu já sei que você não sou eu, então estou livre!” – e todos os adultos aplaudiram o espírito inteligente do menino que iria longe. Este pesquisador que nunca foi à Europa, mas está educado a falar com muita lucidez sobre qualquer matéria disponível no Eu e no além-Eu, recebeu três volumes de cartas escritas por Antonin Artaud, quem está morto há setenta anos, e começou então a ouvir dois tipos de silêncio: um que se estende por toda a superfície acima do palavrório, nasce sobre ele e preenche como neblina o espaço entre as ruínas, um silêncio compactuado; e um outro que grita impessoalmente na imensa falta de fundo abaixo das palavras. Não tem escolha: sente necessidade de partir, deseja esquecer Artaud. Ele se atrasa, porque segue com o corpo e abandona o espírito; leva o espírito, deixa cair a língua. Decide agarrar tudo o que vê pelo caminho, leva todas as palavras que encontra pela frente, para despejá-las no abismo de um silêncio público. E as páginas do presente trabalho são este movimento entre dois silêncios, um caminho de palavras arrastadas que ninguém poderá seguir, porque o pesquisador desapareceu sobre si mesmo.

Palavras-chave: Antonin Artaud. Corpo e Palavra. Ética e Criação. Subjetividade. Silêncio.

ABSTRACT

A researcher born in Brazil in 1990 faces letters Antonin Artaud wrote during his internment period in the asylum of alienated of Rodez, in France, and finds out that he came into this world ruined. He decides not to ignore that he feels an immense solitude and that, most of the time, sees himself alone in this feeling; that he grew faking pleasure and feeling nostalgia, but is already too down-hearted even for suffering; that the first thing he said, when he was still a baby, was: "Hello, mommy, I already know that you are not me, so I am free!" – and all the adults applauded the clever spirit of the boy who would go far. This researcher that never went to Europe, but is educated to speak very lucidly about any available subject in the "I" and the beyond-"I", received three volumes of letters written by Antonin Artaud, who has been dead for sixty years, and started to listen to two kinds of silence: one that extends through all surface above the chatter, that is born over it, that fills the space between the ruins like a mist, an agreed silence; and another one that screams impersonally in the immense lack of bottom under the words. There is no choice: he feels the need to leave, wishes to forget Artaud. He gets late, because he follows with his body and abandons the spirit; he takes the spirit, lets his tongue fall down. He decides to grasp everything that he sees through the way, takes every words he finds ahead, in order to pour them into the abyss of a public silence. And the pages of the present work are this movement between two silences, a path of dragged words that no one will be able to follow, because the researcher disappears over himself.

Keywords: Antonin Artaud. Body and word. Ethics and Creation. Subjectivity. Silence.

SUMÁRIO

PRÓLOGO 9
APRESENTAÇÃO 22
Quadro 22
Pesquisa 23
Missão 29
1 COLÔNIA 33
O segredo de polichinelo [*sobre o silêncio*] 33
O Mal [*sobre a cisão*] 38
O Organismo [sobre a corporação] 49
2 RUÍNAS 66
História [sobre os restos] 66
Doença [*sobre a autodestruição*] 77
Deus [sobre a *palavra e o infinito*] 88
3 ALTO-MAR 99
Teatro 99
Carta 103
Autorretrato 105
EPÍLOGO 110
REFERÊNCIAS 117

PRÓLOGO

Currículo:

Nasci em 1990, o que já é suficientemente trágico. Tocava Freddie Mercury em algum toca-fitas, mas não era na minha casa, porque meus pais gostavam de ouvir músicas sertanejas românticas quando ligavam o rádio. Com seis anos, escrevi uma carta para a vizinha que ia para a escola junto comigo. Tentei pedi-la em casamento. Ela ainda tinha cinco, então quem acabou lendo o pedido foi seu pai, por isso não nos casamos. Eu chorava ouvindo músicas sertanejas românticas e também quando os meninos da rua diziam que eu era um viadinho. Ali em Rancharia, o professor de inglês mal-humorado, o cabeleireiro que se montava no carnaval, um amigo que também gostava de subir no palco nas festas da escola e outros dois ou três meninos que não me lembro direito – talvez um deles seja aquele que cresceu, foi embora, cortou o pau, chamou-se de Bela, escreveu uma carta para ninguém na semana passada, postou na internet, tomou remédios e esperou morrer – eram os viadinhos. Os viadinhos, para mim, eram todos os caras que estavam mais solitários que os outros. Um dia desconfiei, enquanto pensava, que meus pensamentos eram só meus e senti uma puta solidão. Nesse dia, também percebi que seria impossível dizer tudo o que penso. Sobre sexo, por exemplo, eu não comecei a pensar sozinho. Na primeira vez que vi a foto de um pau, tive muitos pensamentos que não disse. A primeira vez que vi a foto de um pau foi na escola e ele estava todo fodido de bolhas. Um primo mais velho, que talvez tenha recebido aulas de educação sexual antes de mim, um dia interrompeu uns pensamentos que eu estava tendo e me entregou uma camisinha, porque poderia ser que, pela idade, disse ele, de repente me desse vontade de comer uma buceta. Eu estava pensando, no momento em que esse primo mais velho que não se calava nunca me interrompeu, se Jesus, no fim das contas, inventou um pai

com quem pudesse conversar sobre sua solidão. Naquela época, foi logo depois da virada do milênio e o mundo não acabou, eu frequentava a evangelização espírita kardecista aos domingos e lá rolava um papo de que a Terra estava deixando de ser um planeta de expiação e provas para se tornar um mundo de regeneração. Finalmente alguma coisa iria melhorar, chegariam espíritos não tão errados assim, minha geração teve sorte. Durante a semana, eu ia para a escola empolgado, porque estava apaixonado por uma menina que parecia também pensar sem querer quando ficava quieta. No horário de descanso, eu andava na linha do trem que passava por Rancharia, mas não sabia até onde ela chegava. Na verdade, eu fazia caminhadas na linha do trem porque nasci gordo demais, precisava emagrecer, não era saudável. Saltava os dormentes de madeira com o meu pai, era divertido, mas não me lembro das nossas conversas. Eu gostava de ouvir o horóscopo do dia na Rádio Esperança, para saber o que as pessoas do signo do meu pai poderiam estar sentindo. Meu pai, quando pensava em silêncio, às vezes me parecia só um outro viadinho. Enquanto eu ainda morava lá, meu pai chorou na minha frente por três ou quatro vezes: uma delas, quando morreu de repente um de seus passarinhos; outra vez, quando atravessamos o cemitério durante a caminhada e ele parou para ver o túmulo de um amigo que tinha morrido jovem, atropelado sem querer pelo próprio pai; chorou um dia falando sobre o pai dele, que morreu em 1990, para quem ele nunca disse “Eu te amo” – meu avô morreu de câncer e, aliás, também nunca deve ter dito que amava seu pai, que foi levado numa madrugada pela polícia, para desaparecer em alguma colônia de leprosos longe dali; e também quando caiu a ficha de que eu iria embora e ele estourou uma champanhe diet, que era pra comemorar o resultado do vestibular, mas fez barulho de soluço. Depois foi um longo silêncio. A champanhe era sem açúcar e sem álcool, porque eu fiquei diabético aos doze anos. Comemorei, porque perdi catorze quilos de uma vez. O Freddie Mercury, que era virginiano como eu, não conseguiu aparecer em público magro demais, diferente do Cazuza, que era ariano como minha mãe. Minha mãe se sente livre fora de casa, quando acelera o carro na

estrada. Meu pai sentia aflição de olhar para mim quando eu tinha doze anos, mas eu só pensava que agora não teria mais barriga para esconder no dia em que fosse tirar a roupa e comer uma buceta, como os meninos fortes da rua e aquele primo mais velho já faziam. Eu era um menino da casa, mas gostava de subir a escada de caracol no quintal e ficar olhando por cima do muro a estrada e o pasto que davam sei lá onde. O mar ficava longe, mas quando fui à praia pela primeira vez e vi um barco se distanciar até desaparecer, pensei nos pastos que formavam o horizonte de Rancharia. Quando tinha sete anos, distraído, caí num buraco dentro do mar e fiquei sentindo as ondas circularem em cima de mim. Eu me lembrei, naquele instante, assim tudo junto, dos Mamonas Assassinas, que tinham morrido num acidente de avião, do meu avô, que tinha morrido do coração, e do meu hamster, que um dia amanheceu na gaiola coberto de formigas. Então aceitei que aquele seria meu modo de morrer, não reagi. Abri os olhos e percebi que comecei a respirar tranquilamente dentro da água. Não, não estou mentindo. Talvez eu consiga viver no fundo de um rio, mas no fundo do oceano eu tenho medo, por isso não aproveitei para ir embora. Demorou mais alguns instantes, até que meu pai, que tem medo do mar, me puxou pra fora. Eu quase morri algumas vezes. Minha mãe chorava muito por ter um filho diabético, mas o médico garantiu que as técnicas para o autocontrole estavam já muito avançadas, que minha geração teve sorte. Na verdade, o médico não disse exatamente que estavam avançadas, ele disse que elas estavam evoluídas. Meu médico de diabetes também dava palestras no centro espírita kardecista de Rancharia e costumava explicar a perfeição do instrumento-corpo a serviço do pensamento-espírito. Ele dizia que, um dia, depois de muitos nascimentos repetidos, neste e em outros mundos, o espírito nem mais de corpo precisaria. Tudo isso estava escrito em um livro psicografado por Allan Kardec, que conseguiu se comunicar com uns homens mortos muito evoluídos, tipo Sócrates, Platão, Santo Agostinho, o próprio Jesus Cristo – que assinava como o Espírito da Verdade, então só podia ser ele –, São João Evangelista, o iluminado Benjamin Franklin, enfim. Sobre essa coisa de não precisar mais de corpo

um dia, eu sentia, de fato, quando olhava para os bois parados no horizonte de Rancharia, para os barcos enferrujando na areia da praia e para a lua que se repetia sozinha na noite, sempre ao redor daquela cidade fechada, casa do espírito-família, que talvez fosse mesmo necessário perder pedaços para ir a outro lugar. Isto também é, de certa maneira, um pensamento bastante literal que inventei depois de tanto cuidado recomendado por todo mundo, porque sempre tem alguém cujo avô diabético amputou um pé e depois foi morar no céu. Aqui em São Paulo, às vezes me dizem que tenho um humor esquisito, mas tem sido importante rir daquilo que me dá medo. Convém não me levar tão a sério! Isto eu pensei uma vez quando estava deitado na cama de um desconhecido, parado, com a barriga virada para o teto branco, enquanto ele tirava a minha roupa e ficava me olhando, sussurrando umas quase-palavras que aprendeu a dizer para mostrar a si mesmo que ainda conseguia ser um bicho (embora, em outros momentos, quando lhe ocorria a palavra “bicho”, provavelmente viesse, em sua cabeça, a imagem do cachorro humanizado – um labrador ou um golden retriever bem paulistano chamado Totó, Chuchu, sei lá – que ficou trancado na lavanderia do apartamento durante uma hora para não atrapalhar a selvageria privada do dono babão). Convém não me levar tão a sério! Isto foi o que pensei enquanto o cachorro latia e chorava. Talvez eu devesse ter chorado também naquele tempo, descrevendo no pensamento o espanto de ter fugido pra tão longe, escapado de nem sei o quê, para me tornar, eu sim, um bicho abatido pela boca murcha de uma bicha velha ali da Frei Caneca, mas não. Senti pena do cachorro e me vi em melhor situação que a dele, porque, pobrezinho, o bicho de notada raça havia sido comprado para uma vida toda. Eu só queria que a luz estivesse apagada, então fechei os olhos e me imaginei morto durante uma hora. O que consegui esquecer, isto sim, foram as aulas de teatro na Universidade. Elas começavam cedo demais para quem nunca conseguiu dormir durante a madrugada. Enquanto fui garçom na baladinha gay, sabia ser um menino bonito e agradável, misturava aquela ingenuidade que todo mundo espera de quem veio do interior com umas vulgaridades *cool* de gente descolada da cidade grande;

falava que era tímido, falava algumas coisas demasiado inteligentes pra quem trabalha abrindo garrafas, atendia em outro idioma, contava que estava na Universidade, só para surpreender; sabia que o avental marcava a minha bunda e gostava de encabular o olhar de quem estava fantasiando comigo, retribuindo o tesão com muita gentileza e cordialidade; recebia números de telefone – sentia um desprezo enorme pelo infeliz, que devia estar mil vezes mais sozinho que eu – e prometia ligar no dia seguinte; elogiava cabelos, roupas, sapatos e maquiagens, perguntava nome de perfume, compactuava com assuntos imbecis; outras vezes só tolerava papo sério, falava sobre política com os revoltados de direita e de esquerda, concordava com a importância da cultura, da educação, da leitura, sei lá; eu me deixava ser disputado por amigos e escolhia dar atenção para o cara mais desprestigiado do grupo; fazia cara de quem gosta de buceta, fazia cara de quem gosta de rola, fazia cara de quem gosta de trepar com casal, fazia cara de quem é pra casar; dizia que era *open*, dizia que tinha namorado, dizia que já tive namorada, dizia que o trabalho ali era só temporário; deixava que metessem a mão em mim, reclamava quando metiam a mão em mim, pedia licença, pisava no pé, pedia desculpas, chamava de querida, chamava de lindo, chamava de otário. Nunca me senti fingindo, era até bom. Difícil era estar no palco da faculdade. Ele parecia servir melhor para quem passa a vida se apropriando do mesmo personagem. Na escola, em Rancharia, quando eu estudava para o vestibular de medicina, só se falava em células-tronco, a esperança de todos os doentes, as células em branco que poderiam se transformar em qualquer outra. Minha geração teve sorte. Eu tinha estudado para me tornar um médico, queria ser geneticista, mas a Lua, uma amiga que cresceu comigo na escola, no espiritismo kardecista e no Pé na Estrada (o nosso grupo de teatro lá de Rancharia), dizia: “Para, bicha, a gente é artista!”. A Lua, no Pé na Estrada, gostava de cantar em roda antes de entrar em cena. No palco de São Paulo, cantar em roda nunca foi suficiente. O corpo de longe, que só queria dar o fora de Rancharia, precisava ser muito mais alongado para estar aqui. A professora, que nunca soube de onde vim, me perguntava

logo de manhã: “Mas que pé é esse, menino?” – era um pé inadequado para o palco. A última vez que fiz uma peça de teatro faz cinco anos, quando um diretor mexicano veio fazer um teste para escolher atores da Universidade. Eu estava tão cansado do teatro naquele dia, que me imaginei morto. Então os espíritos que disputam espaço em mim – dizem que eles estão sempre esperando uma chance para reencarnar – aproveitaram meu corpo vazio, sem sentido, e começaram a chorar e a correr em meu lugar, como se fosse cena. O diretor mexicano gostou, ainda bem. Minha avó, em Rancharia, uma semana antes de morrer, quando soube que eu iria trocar outra vez de cidade, perguntou pra mim se o México era tão longe quanto São Paulo. Eu disse que era. Minha avó vivia doente, quase morreu algumas vezes, mas acabou quebrando o pescoço num acidente de carro na estrada. Sempre conto histórias trágicas para as pessoas e costumo confiar em quem reage com uma risada involuntária e se assusta consigo mesmo. A vó Maria era preta e estava vestida de azul no caixão, igual à Nossa Senhora Aparecida. Há trezentos anos, três pescadores estavam sem sorte e, depois de puxarem a rede vazia algumas vezes, tiraram das águas do rio uma imagem quebrada pelo pescoço. Jogaram a rede de novo, pescaram a cabeça. Depois disso, a santa aparecida teria enchido a rede de peixes. Os peixes, por sua vez, encheriam a barriga do chefe da capitania, um militar português. Uma vez pensei que, há trezentos anos, os olhos antigos da vó Maria também estavam separados dela, mas viviam na cara de um cara que foi jogado nas águas de um rio por aqui para procurar ouro. A vó Maria era pernambucana e chegou em Rancharia para trabalhar colhendo algodão. Ela sabia contar o tempo só de olhar para o céu, e sorria por milagre. Já Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, é para os kardecistas um espírito evoluidíssimo, que chefia um departamento do umbral conhecido como Vale dos Suicidas. Na minha adolescência, eu dava aulas de evangelização espírita para crianças e tentava explicar que as diferentes santas marias e nossas senhoras dos católicos eram o mesmo espírito bondoso, a mãe de Jesus, que aparecia em lugares diferentes do planeta e ganhava outros nomes. Naquela época, eu também estava

apaixonado por uma menina da escola, que nasceu em 1990, mas não tinha o sobrenome do pai e se cortava com a gilete porque queria morrer. Eu rezava para Maria cuidar dos pensamentos dela e para que eu tivesse coragem de dizer “Eu te amo” entre uma aula e outra. Fiquei apaixonado porque nossa professora de redação dizia que meus textos eram muito parecidos com os dela. Eu costumava escrever aquilo que não podia falar. Quando ela aceitou namorar comigo, não falei que estava com medo de tirar a roupa. É a primeira vez que escrevo isso, aliás. Eu fiquei deitado com a barriga pra cima, olhando para o teto branco e tremendo. Tivemos que parar, porque quase desmaiei, como na primeira vez que injetei sozinho uma dose de insulina. No dia anterior à minha primeira injeção, quando eu tinha doze anos, fiquei beliscando a barriga e deformei o arame de um clipe de papel para conseguir espetar a pele. Eu estava nervoso, minha mãe estava nervosa, mas a ideia do autocontrole, o médico havia explicado, também tinha que valer para as emoções. Os diabéticos que não obedecem, que vivem com o sangue cheio de açúcar, acabam amputados, cegos, impotentes e vivem no hospital fazendo hemodiálise, porque os rins dos diabéticos param mesmo! É preciso ter cuidado. Na verdade, enfiar uma agulha na barriga não me incomodava tanto quanto tomar o comprimido para engordar, claro. Mas quando tirei a roupa para comer uma buceta pela primeira vez, já não me preocupava em esconder a barriga. Eu não queria mesmo era mostrar o pau. Além disso, a camisinha que ganhei do primo mais velho já estava vencida. Bom, depois, tive muitos namorados em São Paulo. Sou um viadinho e em Rancharia eles dizem que sempre souberam. Tenho ex-namorados que tomam comprimidos para não acabarem magros demais, nós tivemos sorte. A Lua, minha amiga, um dia riu e me disse que não sei ficar sozinho. A minha mãe não deve se sentir tão sozinha quando acelera o carro na estrada. A minha mãe, como a mãe de Jesus, tem várias versões de si mesma. Às vezes minha mãe, em Rancharia, está tão cansada que alguma coisa chora e quer sair correndo. Às vezes acho que meu problema com os namorados foi o prazer de sempre pensar em ir embora. Às vezes, transando, eu sinto vontade de chorar e quero

contar minha vida toda de uma vez, no escuro. Eu sinto saudade de um namorado que traí porque me apaixonei por um cara no México. Muitas coisas na vida eu vivi antes de dizer, às vezes gostaria que não tivesse sido assim. Às vezes. Eu falo pra todo mundo que meu namorado traído nesta e em outras ocasiões, antes de ir embora, me disse que sou i-gual-zinho ao meu pai. Isto não é verdade, nem mentira. Meus pais pagaram uma casa popular durante vinte e seis anos para a família morar e se separaram depois da última parcela. Quando meus pais se separaram, eu chorava e dizia uns textos de Lúcifer, o anjo traidor, em uma peça de teatro no México. Eu choro igual cachorro machucado quando estou sozinho. A Lua, minha amiga, foi quem me consolou quando meu ex-namorado foi embora. Quando chorar perdeu o sentido, eu ri e disse pra ela que estava acostumado. A Lua foi assassinada por um policial militar, numa blitz de trânsito. Este foi seu modo de morrer. Ela estava namorando, o namorado dirigia a moto. Era sábado de manhã, ela devia estar pensando as coisas de sempre, em silêncio. Foi um namorado meu, que conheceu a Lua em sonho, quem me enfiou no carro e pegou a estrada que vai pra Rancharia. Eu estava destruído, mas me lembrei, antes de chegar ao velório, que tinha um corretivo na mochila para cobrir as olheiras. A Lua, no caixão, parecia se sentir sozinha. Pintaram o nariz dela de vermelho e deu pra ouvir, no silêncio, nossa última roda, tipo: "*Meu cavalo tá cansado, meu cavalo quer voar/ Meu cavalo tá cansado, meu cavalo quer voar/ Atuar, atuar, pra poder voar/ Atuar, atuar, pra poder voar*". No mesmo dia, a minha tia, que é devota de Maria, a mãe de Jesus, disse para os filhos que nunca se deve desobedecer a polícia, para não acabar levando um tiro. A Lua não era muito bem falada em Rancharia, não entendiam muito bem do que ela gostava, entende? Talvez ela só quisesse avançar, dobrar a próxima esquina, sem essa de evoluir. A minha tia, que é devota de Maria, a mãe de Jesus, esse ano disse que seu voto para presidente vai naquele candidato que protege a sua casa, que quer liberar o porte de armas para acabar com a morte das pessoas de Deus. Quando penso na Lua e me sinto sozinho, imagino que sou uma casa atravessada por estradas onde nunca se exige parada.

Hoje moro com outro namorado e com outra amiga que também quase perderam o corpo na evolução do espírito-família. Eu acho que a Lua, minha amiga, gostaria de conhecer a minha casa. Eu gostaria de perguntar às minhas irmãs que casa elas se imaginam ser. Tem perguntas que não tenho coragem de fazer. Também vivo imaginando como eu poderia explicar a morte para o meu sobrinho, se de repente ele me perguntasse. Tentei escrever uma vez, mas eu não sei como uma criança vê o mundo. Acho que eu pediria para ele imaginar a Terra, que gira ao redor do sol; o sol, que se desloca no universo muito rápido, a duzentos quilômetros por segundo; a Terra, portanto, desenhando no infinito uma trajetória espiral que nos distancia anos-luz do lugar habitado no espaço em algum aniversário anterior, outro carnaval, dia dos namorados, despedida; as pessoas, de carona, que viajam pela imensidão em cima da Terra, que são pontos desenhando no espaço suas próprias espirais; eu diria que a trajetória de alguns fica visível no céu de outros planetas, porque são espirais de fogo, são vidas apaixonadas por incendiar, a todo instante, uma memória; explicaria que quando essas pessoas morrem, bebê, nascem as estrelas. E faria um grande silêncio, constrangido por ele não acreditar. Nem eu acredito. Li, uma vez, que uma grande estrela tinha se suicidado. Estou falando de astronomia, uma estrela mesmo, tipo o sol. Em sua natureza de estrela, produziu tanta poeira ao redor de si que um dia conseguiu se sufocar, uma coisa assim. Quando uma estrela morre, ela se fode tanto, que vira um buraco-negro. Todo mundo tem medo do buraco-negro, as pessoas ficam imaginando o planeta todo sendo engolido – na verdade, o seu mundinho – como se algum demônio fosse, por azar, escolher esse canto do universo pra colocar um ralo. Mas buraco-negro não tem fundo, isso que deveriam ensinar às crianças, se quisessem torná-las grandes de verdade. Deveriam explicar que acontece o contrário, que o mundo começa a brotar desse vazio. Não precisa colocar nada no lugar, já não se sente falta ou fome de nada. Na ausência que eu sinto, dá pra se afogar, bebê! Não, ainda não é hora do silêncio. Ainda não disse que, das poucas coisas que me lembro do teatro que aprendi na Universidade, uma delas é um trecho do *Woyzeck*,

uma peça escrita por um cara que morreu doente aos 23 anos, em que uma avó chama as crianças brincando na rua para contar-lhes uma pequena história. Ela dizia, eu decorei:

> Venham, meus caranguejinhos! Era uma vez um menino pobre, que não tinha nem pai, nem mãe. Tudo estava morto e não havia mais ninguém no mundo. Tudo morto. E o menino caminhou, procurando dia e noite. E já que não havia ninguém mais no mundo, quis ir para o céu, onde a lua olhava com tanta simpatia. E quando chegou na lua, viu que ela era um toco de madeira podre. E então foi para o sol, e quando chegou lá, viu que era um girassol murcho. E, quando chegou nas estrelas, viu que eram mosquitos dourados espetados, como o pássaro espeta os vagalumes nas árvores. E quando quis voltar para a terra, a terra era um porto destruído. E o menino estava sozinho. Então se sentou e chorou, e até hoje ainda está sentado, sozinho.[1]

Deus é uma parte mole de mim. Eu, corpo-camisinha, espírito hermético. Percebi recentemente que, quando estou transando, aqueles que morreram jovens procuram meu corpo vazio. Faço buracos todos os dias com a agulha para que eles continuem atravessando. Insuportável é essa estranha sensação de continuar pensando sozinho, depois que, neste silêncio, eles todos deixaram de pensar. Eu nasci em 1990 e nunca toquei o mundo. Aliás, num país como o nosso, não parece suspeito que homens vestidos de branco anunciem a descoberta de que uma doença transmitida pelo sexo se espalhou pela Terra a partir do continente africano? Isto aqui que se apresenta ainda é borracha. Eu sei que você me comeria assim mesmo, igualzinho ao velho holandês que estuprou uma escrava e iniciou minha família, mas meu objetivo hoje é chegar à pele. Não, não tem nada a ver com nudez, eu não vou tirar a roupa, não se engane, você já está grandinho – talvez não o bastante para ser levado a sério – e, ao mesmo tempo, você é jovem demais, mas não o suficiente para ser ajudado ou perdoado. Proponho o seguinte: arranco meu pé direito e nasce no lugar o seu nariz escorrendo uma boca murcha; a sua boca, babando, encontra meu

[1] BUCHNER, Georg. *Woyzeck*. EUA: Samuel French Trade, 2010, p. 45. Tradução nossa.

dedo médio e começa a sugá-lo como um espaguete oleoso, chupando pra dentro todos os outros dedos, o punho, o antebraço; do buraco do meu olho esquerdo cego começa a crescer o seu cabelo; corto a sua cabeça e vejo sair do seu pescoço decepado o dedo mindinho inflamado de um desconhecido; da sua bunda sai meu cotovelo e outros três dedos sujos de merda coçando as costas do sofá; estaríamos todos nus, mas seu intestino está enrolado no meu pulso; você começa a gemer tão alto que, no céu da sua boca, uma lâmpada se acende e esquenta; você mastiga o próprio pau e no lugar não nasce nada; brota uma garganta aberta, sem pele, gritando sozinha num vaso de planta da sala; uso um cotonete e queimo com ácido uma verruga muito íntima e, da ferida, brota um galho magro sustentando a rodinha de uma cadeira de escritório; a minha língua entra na sua orelha e sai de volta no meu umbigo pra alcançar um mosquito latindo na buceta do menino que passa chorando *God knows, God knows I want to break free* [Longuíssimo apito de navio]

(...)

Um enorme contêiner cheio de lixo chega à costa brasileira, como de costume. Não é de hoje que a Europa envia seu lixo oceano afora, mas, desta vez, estava eu passando uns dias na praia com algum ex-namorado – provavelmente me perguntando se suportaria reservar alguns gestos a uma só pessoa durante toda a vida, provavelmente intuindo que um gesto se repete porque quer morrer outra vez e diferente, provavelmente pensando que melhor seria me adaptar aos significados comuns dos gestos, que são uma ilusão difícil, mas pelo menos assim eu, que cresci morrendo e matando de sexo antes de nascer, poderia viver o luxo de transar sem camisinha, provavelmente ignorando que nunca tive prazer nem mesmo em estar nu e sozinho – quando, num passeio de fim de tarde para conhecer a região portuária, escutei um palavrão, tipo “CARALHO!”: logo ali à frente, alguns trabalhadores do porto retiravam, da grande caixa-caravela de metal, dezenas de sacos plásticos com fraldas maculadas e cozidas pelo calor, baterias enferrujadas, preservativos usados – que provavelmente encaparam paus de todos os tamanhos, provavelmente paus dos velhos homens do mundo, que provavelmente ainda comem o mundo todo, como de costume –, seringas talvez infectadas, embalagens de nobres produtos brasileiros que voltaram vazias e outros resíduos-surpresa. Imagine você que, talvez movido por uma curiosidade estranha de quem nunca cruzou o Atlântico, mas fora invadido todos os dias e por todos os buracos por muito lixo que vem de longe, chorume branco de valores-preservativos, obedeci à vontade de revirar como um vira-lata aquilo que fedia mais que um cadáver exumado antes do tempo. E foi entre papeis que escapavam de um saco de lixo hospitalar, ali entre os rejeitos europeus, que encontrei o prontuário de um antigo paciente do hospital psiquiátrico de Rodez, na França. “Antoine Marie Joseph Artaud”, dizia a identificação. “Delírio crônico extremamente luxuriante; preocupações mágicas; dupla personalidade etc.; manias de perseguição com períodos de reação violenta assinalados. Deve ser mantido”. Anexadas ao prontuário, uma pilha de cartas escritas pelo paciente, que foram retidas pela administração do hospital: todas ali, sujas de merda.

APRESENTAÇÃO

Quadro

Antonin Artaud foi preso na Irlanda em setembro de 1937, para onde partiu em missão religiosa. Chegara recentemente à Europa, depois de sua estadia no México, onde havia convivido com os indígenas da *Sierra Tarahumara* e entrado em contato com o *peyotl* e seus rituais, que impulsionariam enormemente sua experiência de pensamento a partir de então. Em Dublin, foi alvo de suspeita policial, uma vez que perambulava pela cidade pregando um cristianismo primitivo, obstinado em devolver aos irlandeses o bastão mágico de São Patrício, que levava consigo. Deportado para a França, alguma ocorrência confusa durante a viagem, que ele descreverá como um atentado sofrido enquanto dormia, fez com que Artaud fosse desembarcado e enviado direto para um asilo de alienados.

A Rodez, chegou em fevereiro de 1943, grafogritando desejoso por "ENTRAR EM UM REGIME DE HOMEM E NÃO DE BESTA FAMINTA, MARTIRIZADA E ENVENENADA", como até então estava sendo "MANTIDO DURANTE 5 ANOS E 4 MESES NOS ASILOS DE ALIENADOS FRANCESES"[2]. Foi recebido pelo chefe do hospital, o Dr. Gastón Ferdière, um amigo do poeta Robert Desnos e outros surrealistas. Poucos meses após sua chegada, foi submetido à terapia que um médico adjunto (o Dr. Jacques Latrémolière) experimentava com a máquina de eletrochoque.

Artaud deixou Rodez em maio de 1946, para viver ainda internado próximo à Paris. Somou mais de uma década preso em diferentes instituições, falecendo em 4 de março de 1948, no sanatório de Ivry-sur-Seine: as especulações em torno de sua morte, após um episódio de embolia, variam desde a versão oficial (efeito do diagnosticado câncer no reto) até overdose não intencional e suicídio. A maior parte

---

[2] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 16. Tradução nossa.

do que hoje é considerada sua obra completa – considerando que muito material se perdeu por desinteresse médico – foi produzida durante este período asilar, que compreende, inclusive, toda a Segunda Guerra e os anos de Ocupação do território francês pelas tropas nazistas.

Pesquisa

Em 1946, internado no asilo de Rodez, Antonin Artaud escreve a uma amiga:

> Anie,
> Uma tarde sofri um acidente na Gare Saint-Charles, me despedaçaram e quiseram substituir-me, não me substituíram, mas me deixaram em um mal estado corporal que demorou 50 anos para sanar,
> cocôs se desprenderam de meu ser.[3]

Esta pesquisa foi realizada a partir da *incorporação* de alguns pedaços excretados de Antonin Artaud: seria mais ou menos isto o que se reconheceria como uma operação metodológica possível. Para tal palavra – incorporação – é preciso que dois sentidos sejam percebidos, ou melhor, permitir que aconteça um duplo efeito: em uma direção mais evidente, nota-se que algo foi trazido para dentro, ou seja, os excrementos de Artaud foram tragados pelo pesquisador; mas, por outro lado, há justamente uma falha na precisão (e na previsão) do método, porque, paradoxalmente, a devoração impingiu não apenas o expurgo de profundos restos, mas o avessamento de fundos constitutivos do corpo. Engolir, neste caso, foi um atentado à integridade do pesquisador, uma desidentificação do pensamento ao sistema anatômico, um processo permanente de *não-corporação*. Sendo assim, o material selecionado para o início da pesquisa, para o qual se imaginavam análises possíveis, não foi o campo onde se levou a cabo a investigação; seria mais preciso

---

[3] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 2*. 3 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1986, p. 156. Tradução nossa.

dizer que o mal-estar proveniente da incorporação do testemunho de um morto trouxe a necessidade de exumação da matéria biologicamente autorizada a viver no presente.

O volume de mais de duzentas cartas resgatadas do período compreendido entre fevereiro de 1943 e maio de 1946, a correspondência de Rodez, constitui precisamente a matéria indigesta deste trabalho. Demais cartas escritas neste período e inúmeras outras incessantemente produzidas nos hospitais por onde passou nunca serão conhecidas, uma vez que o julgamento psiquiátrico era de que os textos nasciam apenas da "graforreia", uma patologia que consistiria na eliminação abundante de palavras incoerentes. Segundo a biografia escrita por Florence de Mèredieu, as cartas retidas serviram como base para que outros pacientes enrolassem seu fumo[4]: a partir da imagem da incorporação, pelo menos, esta pode ter sido uma das utilizações mais justas da incontinência gráfica de Artaud, em comparação com as objetivas análises clínicas ou críticas que costumam apenas multiplicar diagnósticos.

Antonin Artaud é frequentemente o nome que se dá ao cadáver que foi animado por uma sucessão de espíritos distintos. Quando alguém se aproxima dos vestígios deixados por Artaud e, mesmo não identificando a totalidade replicável de um homem, aceita isto como possível, passa a se perceber, a partir de então, invadido por toda sorte de impessoalidades que, não importa se para bem ou para mal, mantêm em pé o que se acostumou a chamar de *próprio corpo*. Em outras palavras, no método da incorporação, o recorte de pesquisa como um território predefinido (para onde deveriam ser devolvidos os pensamentos produzidos) não interessa. Se tem sentido falar em "recorte", este seria justamente o material a ser mastigado e engolido: neste caso, o próprio testemunho contido na correspondência de Rodez. Com esta dose, confrontou-se o Organismo. Isto quer dizer que o recorte serve como desapropriação, despossessão, certa impossibilidade de definição dos limites, perda de direção e, por

[4] MÈREDIEU, Florence. *Eis Antonin Artaud.* São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 739.

isso, também instiga a potência intuitiva, torna-se uma espécie de imagem interna desorganizada, que garante o comprometimento incondicional com a *desinternação do pensamento*.

Nesse processo, mencionar Artaud como uma entidade seria tão desconfortável quanto apresentar-se objetivamente. Entretanto, é verdade que a linguagem – como o pensamento, os afetos e a vida (potências coincidentes) – às vezes se encontra tão submetida a domínios menos espirituosos, onde a preocupação reside apenas em dissecar e classificar cadáveres, que um leitor, se isto interessar a alguém, pode se distrair por alguns momentos e entender que algo resistiu intacto ao tempo, seja o tal Antonin Artaud, seja o pesquisador de um homem morto. De qualquer forma, trata-se de apostar em uma intenção constante de fuga, pela qual, com mais ou menos êxito, escapa-se conforme se derem as possibilidades de abandonar-se.

A linguagem, o pensamento, os afetos (as afecções) e a vida normalmente são usados em desnível, visando submeter um espaço cheio de possibilidades às mesmas fronteiras que dão forma a recortes inanimados, que são conservados e vividos como totalidade. Isto é um tipo de covardia generalizada. Não foi uma operação diferente o que fez Jerzy Grotowski, um dos diretores de teatro mais reconhecidos do século XX, quando analisou Artaud, em um texto de 1967. De acordo com o diretor polonês, viver o teatro como um sonho abstrato irrealizável foi o “erro de Artaud”, que equivocou-se, segundo seu julgamento, ao “pesquisar sutilmente, por um caminho ilógico, quase invisível e intangível”, usando “uma linguagem que foi quase igualmente intangível e fugidia”. Seu incômodo vinha do fato de que “Artaud explica o desconhecido pelo desconhecido, a magia pela magia”[5]. Grotowski simplesmente ignorou – e isto sim parece configurar um enorme erro – que o único traço capaz de coletivizar a tal obra artaudiana é exatamente a recusa ao escalonamento de si mesmo para produzir uma

[5] GROTOWSKI, Jerzy. Ele não era inteiramente ele mesmo. In: *Para um teatro pobre*. 3 ed. Brasília: Teatro Caleidoscópio; Editora Dulcina, 2013, p. 84.

obra (artística ou teórica, já não faz diferença). A seguir, por exemplo, fala primeiro um Artaud com 29 anos de idade:

> Eu sofro porque o Espírito não está na vida e porque a vida não seja o Espírito, eu sofro por causa do Espírito-órgão, do Espírito-tradução, ou do Espírito-intimidação-das-coisas para fazê-las entrar no Espírito. (...) Que me desculpem minha liberdade absoluta. Eu me recuso a fazer diferenças entre qualquer dos minutos de mim mesmo. Eu não reconheço plano em meu espírito.[6]

Na sequência, já com um avanço de duas décadas, outro Artaud reitera:

> Van Gogh não morreu por um estado de delírio próprio,
> mas por ter sido corporalmente o campo de um problema em torno do qual, desde as origens, se debate o espírito iníquo desta humanidade. O do predomínio da carne sobre o espírito, ou do corpo sobre a carne, ou do espírito sobre ambos.[7]

Artaud não se colocava como herdeiro de legados, não se apropriava de cadáveres e, por isso, apesar de muitas vezes ter-se equiparado a Jesus Cristo, jamais desejou ser seguido. Isto logo explica, aliás, que sua inclinação ao cristianismo, muito presente nas cartas escritas em Rodez, nada tinha a ver com a manutenção das Igrejas: de certa forma, seu divino foge de casa, seu pensamento não pode ser repatriado. Como bem pensou Derrida, o próprio Teatro da Crueldade é um parricídio[8]. Já Grotowski, que empreendia um Teatro Laboratório, tinha uma atitude completamente diferente, e aprovei'tou-se dos restos de Artaud para *edificar-se*: "Gritamos em triunfo quando descobrimos equívocos tolos em Artaud"[9], chega a dizer no referido texto. E apresenta, em sua análise, a partir de metáforas laboratoriais, um entendimento do teatro como acúmulo de técnicas mais ou menos eficientes, que, tal qual todo território científico, deveria estar submetido a testes, a fim de que se

---

[6] ARTAUD, Antonin. O Umbigo dos Limbos. In: *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 207.
[7] ARTAUD, Antonin. Van Gogh – O Suicidado da Sociedade. In: *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 261
[8] Cf: DERRIDA, Jacques. *L'Écriture et la Différence.* Paris: Éditions du Seuil, 1967.
[9] GROTOWSKI, Jerzy. Ele não era inteiramente ele mesmo. In: *Para um teatro pobre*. 3 ed. Brasília: Teatro Caleidoscópio; Editora Dulcina, 2013, p. 87.

retivesse o *essencial*. Além disso, declarou explicitamente que se movia pela intenção de revogar "os supostos méritos de Artaud para devolvê-los aos seus verdadeiros pais", e que, despindo Artaud, não o fazia "para torturá-lo", mas para fazê-lo "descobrir quem ele realmente é"[10]: pois teria faltado ao analisado, segundo Grotowski, compreender "como ser pleno, como ser completo"[11].

Depois de morto, Artaud se tornou matéria de estudo em Universidades do mundo todo. Isto não significa, no entanto, que suas palavras tenham recebido mais atenção dos acadêmicos que a dispensada pelos médicos dos asilos, que já eram bastante seletivos ao abordá-las[12]. Acontece que Artaud parece ser mais aproveitável a partir de *O Teatro e seu Duplo*[13], de 1935, como confirmam sua ampla divulgação e as muitas análises que fazem de suas proposições "mais teatrais", mas pouco se sabe (ou quer-se saber) que a maior parte de sua "obra" foi escrita nos anos em que o "homem de teatro" já estava mantido fora da cena social. É unânime, como entre os doutores de Rodez, a afirmação da genialidade de Artaud por doutores universitários. Ainda assim, é também muito comum que se conheça quase nada de suas palavras: muitas vezes justifica-se pela insuficiência de traduções e publicações, mas parece que isto pode ser facilmente colocado sob suspeita: especificamente no campo das Artes Cênicas, em uma Universidade criada para europeizar São Paulo, multiplicam-se discursos sobre o Corpo, um campo metafísico onde se depositam tanto conceitos quanto exercícios de alongamento, umas posturas de yoga, técnicas de psicologização dos músculos, o peso da linguagem anatômica, teorias cognitivas e outras possibilidades de soterramento das infinitas possibilidades corpóreas.

---

[10] GROTOWSKI, Jerzy. Ele não era inteiramente ele mesmo. In: *Para um teatro pobre*. 3 ed. Brasília: Teatro Caleidoscópio; Editora Dulcina, 2013, p. 85.
[11] Ibidem, p. 88.
[12] Em uma carta do dia 27 de fevereiro de 1946, Artaud reclama ao amigo Jean Paulhan: "Não quero que nenhum médico me diga já nunca mais o que tive que ouvir aqui: 'Sr. Artaud, estou aqui para fazer ressurgir sua poesia'" (ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 2*. 3 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1986, p. 159. Tradução nossa).
[13] ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo.* 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

> A Europa se cristaliza, mumifica-se lentamente dentro das amarras das suas fronteiras, das suas fábricas, dos seus tribunais, das suas Universidades.
> (...) Fabricais engenheiros, magistrados, médicos a quem escapam os verdadeiros mistérios do corpo, as leis cósmicas do ser; falsos sábios, cegos face ao além, filósofos que pretendem reconstruir o Espírito. O menor ato de criação espontânea constitui um mundo mais complexo e mais revelador que qualquer sistema metafísico. Deixai-nos, pois, Senhores; sois tão-somente usurpadores. Com que direito pretendeis canalizar a inteligência e dar diplomas de Espírito?
> (...) Em nome da vossa própria lógica, vos dizemos: a vida fede, senhores.
> Contemplai por um momento os vossos rostos, e considerai os vossos produtos.
> Através das peneiras dos vossos diplomas, passa uma juventude definhada, perdida.[14]

Às inteligências empilháveis, talvez Artaud não deixe de ser um corpo carente de forma, habitado por uma alma excessivamente desviante: exatamente a imagem da natureza que a modernidade precisaria dominar, conhecer, desmembrar, até provar que o mundo cadavérico realmente atingiu seu fim, que não sobrou qualquer terreno inapropriável onde um espírito pudesse vir a levantar um gesto impróprio. E o que teorizar, quando os saberes se juntam para abater os corpos?

A produção de cadáveres como fermento civilizatório nunca foi apenas uma metáfora, mas cada vez mais adquire um espantoso sentido literal. E a burocracia, cultivada por todos os lados, serve ao projeto de insensibilização generalizada: há infinitas medidas que isolam a dor, já se nasce enfiado no regime utilitário da morte para não estranhá-la. Por isso, o luto é um dos processos afetivos mais revolucionários, e todas as páginas seguintes são devidas a ele, à defesa ininterrupta do direito de vivê-lo e compartilhá-lo. O luto entendido como experiência pessoal, apesar da rápida utilização coletiva do corpo morto, é a sustentação da grande apatia política. É compreensível que, para um cadáver, e quanto mais jovem o cadáver, lamente-se a injustiça de uma vida interrompida. No entanto, a potência da dor do luto

---

[14] ARTAUD, Antonin. Carta aos reitores das universidades europeias. In: *Carta aos Poderes.* Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1979, p. 18 e 19.

– e a potência de qualquer coisa, talvez – está justamente na possibilidade de assumir-se o paradoxo: é preciso também sair à defesa de que nada falta a um cadáver.

Missão

O *silêncio compactuado* é também um palavrório abundante e homogêneo dado como terreno apropriado para que uma vida se levante. O valor de uma pessoa costuma ser medido, então, pelo tamanho de sua edificação. Uma crença que moveu integralmente o projeto civilizatório moderno foi, portanto, a necessidade de autoconstrução: das nações aos indivíduos. Nada disso é novidade. E também já está evidente que este terreno padeceu, de tempos em tempos, de algumas erosões periféricas que costumaram avançar relativamente rápido e que, se fossem ignoradas, ameaçariam ruir a seleta parte da vida que se impunha. Precisou-se inventar o *trabalho*, que foi sempre um só: a manutenção do palavrório que só diz nada, ou melhor, a conservação do Nada que possibilitaria imaginar a construção de Tudo. De certa forma, o amor pela obra (que pouco a pouco coincidiu com a autofilia e a autoproteção) garantiu por muito tempo o pacto do trabalho. Também no desenvolvimento deste cenário, alguns dos que não alcançaram levantar grandes edifícios no loteamento do silêncio e pareciam perigosos ao projeto foram reivindicando o direito de trabalhar, por ser capazes inclusive de realizar verdadeiras obras de arte com a matéria disponível, e passaram a guardar também a integridade do terreno.

Agora, tudo está diferente: foram copiados tão perfeitamente alguns territórios a partir deste, mundos para *corporações* livres da doença do terreno, que já não dependem do trabalho na matéria. Aqueles que não se importam de existir apenas como virtualidade programada estão acelerando a ruína geral da *terra do silêncio*. E por que não pareceria bom o desabamento das grandes edificações nacionais ou

pessoais, que já haviam compactado tantos outros corpos “desimportantes” na preparação do terreno? Seria este um bom argumento contra os reformadores das ruínas. Ao mesmo tempo, reivindicar apenas o desabamento e a transformação de tudo e todos em terra morta, silêncio total, seria a velha política da vingança, das bombas, dos atentados: em regimes de guerra, nada se vence sem alguns sacrifícios, ninguém se importa com a morte. É por isso que o armamento das relações, em todos os sentidos, é evidentemente o instrumento mais eficiente para arruinar.

Então, até agora, percebem-se três atitudes: a dos desejos incorporais, soberanos, que, através de seus poderosos mortos-vivos, espoliam a matéria em que antes puderam usar todo tipo de técnica e agregar valor, quando ainda estavam vinculados à carne – estes desejos não podem anular por completo o plano anterior, querem apenas negativá-lo, porque se sustentam como oposição; também a dos arruinados reformadores do mundo, que estão baseados na ideia de justiça, a partir de um ideal civilizatório que já começou impossibilitado por um mal sub-reptício; e a dos arruinados vingadores, que sempre estão dispostos a desistir da vida para matar também no outro a vontade de viver. Todas essas atitudes produzem o mesmo efeito. E como seria isto possível? A questão é simples: colaboram entre si na manutenção, a qualquer preço, do palavrório que permite o silenciamento. Imaginar uma vida sem o fundo de palavras repetidas, cujo efeito é, paradoxalmente, um silêncio abafado, lhes é impossível. Trabalham juntas no terreno e, embora discordem do destino a ser dado às obras, defendem o *fundamento*.

Então resta apresentar duas outras atitudes possíveis neste cenário, que à primeira vista parecem ter a mesma intenção, uma vez que compartilham a ação de *escavar o terreno*. Entretanto, uma delas é a procura obstinada por qualquer coisa que, retirada das profundezas, pudesse não estar contaminada: por se tratar da busca por uma nova pedra fundamental, esta escavação se soma aos *fundamentalismos* praticados pelas atitudes anteriormente apresentadas. Esta se caracteriza, em geral, por produzir certos acúmulos de matéria que, segundo análises específicas, não

podem ser aproveitados: pilhas de resíduos expostos, destinados à reciclagem, à devolução aos velhos circuitos do palavrório.

A possibilidade ética que se vislumbra nesta pesquisa, então, a atitude que aqui se afirma, é uma tentativa de outro modo de escavação: desintencionado do bem e do mal, que se empreende não apenas pela desconfiança de todo e qualquer fundo, mas pela criação de esculturas com a matéria mortificada do terreno. Afundando-se cada vez mais no palavrório, o escavador – que detém apenas o direito biológico de viver escapando da morte – decide conectar em si mesmo os resíduos daquilo que um dia esteve na superfície. Um fenômeno então acontece: vivendo em um buraco que se aprofunda tanto quanto se alarga, o escavador se esquece de sua existência anatômica. A vida aí se torna a gênese singular e contínua de uma monstruosidade, que cresce pelo desejo de atualizar em si mesma os cacos do mundo, até que, incorporando o último pedaço de fundo, já sem qualquer possibilidade de identificação do tal indivíduo escavador, finalmente despenca no abismo sem fim: ali, depois de algum tempo, já esquecida de toda referência, não sente mais que cai. Entrega-se aos deslimites do movimento e sente amor quando se choca com outras esculturas monstruosas, também fugidas e feitas de palavras. Quando elas se despedaçam, produzindo faísca, já não resta nenhum deus se sentindo sozinho a tal ponto de proclamar-se criador da luz e governador do mundo: eis a ética.

O ensaio acadêmico a seguir, que continua esta escavação já iniciada há algumas páginas (e antes delas), está composto por três partes maiores: *Colônia*; *Ruínas*; *Alto-mar*. As palavras que dão nome a essas partes são imagens que possibilitam a aglomeração de pedaços de ideias singularmente fragmentados. Inspira-se, para isto, em um pensamento oferecido por Gilles Deleuze, que, quando citado por pessoas fundamentalistas, não chega a ser mais que um Rivotril acadêmico: “O caráter especial das máquinas esquizofrênicas vem do fato de elas colocarem em jogo elementos completamente díspares, estranhos uns aos outros. E,

no entanto, elas funcionam”[15]: máquinas de criação de linguagem, e não de operações entre significantes, articulação entre conceitos, inter/trans/multidisciplinaridade, não, nenhum elemento está inteiro e forte o suficiente para ser simplesmente misturado. Deleuze imagina que essas relações produtivas são “Tais como as sequências das personagens de Beckett: seixo-bolso-boca; um sapato-um fornilho de cachimbo-um pacotinho mole não determinado-uma tampa de buzina de bicicleta-uma metade de muleta”[16] [17]. Contudo, apesar de parecer que o cenário atual se encontra nas condições fragmentárias ideais para que os materiais sejam extraídos e montados como tais máquinas, haveria ainda de se reconhecer que a destruição amplamente promovida todavia esconde perigosos *maquinismos*.

Para um nascido em 1990 – corporizado no triunfo dos discursos de Margareth Thatcher, depois do silêncio de torturados, na bruma imunológica que penetrou cada buraco do mundo contra o vírus do HIV; entupido por todo tipo de conhecimento necessário para ser admitido em um exame padrão e convertido em um entulho que revolve a si mesmo para trazer outros resíduos informativos à superfície –, como se pensa o encontro e a criação?

Enfim, as três partes a seguir podem ser lidas como voltas que o pesquisador conseguiu dar no acúmulo de seu Corpo, depois de se corresponder com Antonin Artaud e se apaixonar por (ou doer-se com) ele. Partiu sozinho, porque esta é a condição exigida a todo sobrevivente contemporâneo. Avançou contra a origem de si mesmo, invaginou-se, e ninguém menos corajoso poderá avaliar se alcançou ou não seu grande objetivo de pesquisa: despedaçar a história do mundo em relâmpagos de estrondosos encontros.

---

[15] DELEUZE, Gilles. Esquizofrenia e Sociedade. In: *Dois Regimes de Loucos*: textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016, p. 23.
[16] Ibidem, p. 24.
[17] Cf. BECKETT, Samuel. *Molloy*. Trad. Ana Helena Souza. Rio de Janeiro: Globo, 2008; BECKETT, Samuel. *Malone Morre*. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1986.

1 COLÔNIA

O segredo de polichinelo [*sobre o silêncio*]

Um trabalho jornalístico muito circulado e premiado[18] é o livro-reportagem *Holocausto Brasileiro*, da mineira Daniela Arbex, que apresenta com detalhes o cenário terrível e recente do Hospital Colônia de Barbacena, comparado a um campo de concentração nazista pelo psiquiatra italiano Franco Basaglia, precursor da luta antimanicomial, durante sua passagem pelo Brasil, em 1979. Ali, como relatam testemunhas que compuseram o quadro de funcionários do Colônia no período de maior lotação, o número de falecimentos por dia chegava a dezesseis: resultado dos extremos maus-tratos de todo tipo, desde doenças contraídas porque dormiam em colchões improvisados com grama, bebiam água do esgoto e comiam ratos, até a exposição negligenciada ao duro inverno da Mantiqueira – nus ou vestidos com trapos, amontoavam-se e acabavam esmagados uns pelos outros –, além dos tais "acidentes" com o eletrochoque, tão amplamente praticado que, não raro, sobrecarregava a rede de energia elétrica da cidade toda. Eram experimentos como o relatado a seguir que aconteciam em Barbacena, no ano em que o Dr. Basaglia declarou à imprensa seu horror ao visitar aquela instituição mantida pelo governo de Minas Gerais:

> A colega Maria do Carmo, que também era da cozinha, foi a primeira a tentar. Cortou um pedaço de cobertor, encheu a boca do paciente, que a esta altura já estava amarrado na cama, molhou a testa dele e começou o procedimento. Contou mentalmente um, dois, três e aproximou os eletrodos das têmporas de sua cobaia, sem nenhum tipo de anestesia. Ligou a engenhoca na voltagem 110 e, após nova contagem, 120 de carga. O coração da jovem vítima não resistiu. O paciente morreu ali mesmo, de parada cardíaca, na frente de todos. (...) A segunda candidata se aproximou de outra cama e, trêmula, iniciou a prova. O paciente escolhido era mais jovem que o primeiro. Aparentava ter menos de vinte anos. Com os olhos esbugalhados de medo, ele até tentou reagir, mas não conseguia se mover preso ao

[18] O best-seller foi considerado Melhor Livro-Reportagem do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (2013) e segundo melhor Livro-Reportagem no prêmio Jabuti (2014).

> leito. Suas súplicas foram abafadas pelo tecido que enchia a boca. Um, dois, três, nova contagem, e o homem recebeu a descarga. Não resistiu. Era a segunda morte da noite, e as aulas estavam só começando.[19]

Um cadáver do Colônia começou a valer mais ou menos 200 reais como mercadoria procurada por diferentes faculdades de medicina, interessadas em abastecer seus laboratórios. Os alunos, nas aulas de anatomia, já sabiam reconhecer a carne procedente de Barbacena apenas pelas marcas que traziam os órgãos, pela magreza dos corpos. Quando a demanda pelos cadáveres inteiros diminuiu, conta a jornalista, começou o escambo dos pedaços, dos ossos, com o detalhe macabro de que os mortos eram diluídos em tonéis de ácido no pátio do hospital, na frente dos outros pacientes[20].

Estas e outras denúncias realizadas no trabalho de Arbex – diz Eliane Brum, no prefácio que escreveu para a primeira edição do livro – expõem "a anatomia do sistema, (...) um genocídio cometido, sistematicamente, pelo Estado brasileiro, com a conivência de médicos, de funcionários e também da sociedade", que sustentou com omissão, por tanto tempo, "esta violação dos direitos humanos mais básicos"[21]. Arbex também conclui a reportagem dizendo que a história contada ali "representa a vergonha da omissão coletiva que faz mais e mais vítimas no Brasil", apontando os hospitais públicos superlotados, as prisões (também as chamadas "socioeducativas", para adolescentes) e as comunidades dominadas pelo tráfico como campos de concentração atuais. Diz ainda que "O descaso diante da realidade nos transforma em prisioneiros dela" e recomenda: "Enquanto o silêncio acobertar a indiferença, a

---

[19] ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 17 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2016, p. 37 e 38.
[20] Ibidem, p. 78.
[21] BRUM, Eliane In: ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 17 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2016, p. 15.

sociedade continuará avançando em direção ao passado de barbárie. É tempo de escrever uma nova história e de mudar o final”[22].

Em certo sentido, a indignação e a vergonha podem ser mesmo sensações muito presentes neste contato com o chamado *Holocausto Brasileiro*, e o trabalho da autora é, sem dúvida, uma impactante leitura. Entretanto, atravessa seu texto um filósofo mal aproveitado para a reportagem: sem participar diretamente das reflexões sobre o terror relatado, conta-se apenas que ele teria feito turismo por Minas Gerais, sem conhecer o Colônia, ciceroneado por um psiquiatra brasileiro que denunciaria os crimes cometidos no hospital. Mencionado ali como o autor de *Doença mental e Personalidade*[23] e *História da Loucura*[24], o “personagem” é Michel Foucault, quem poderia atuar, caso circulasse pelas partes menos anedóticas do livro, como um corpo estranho ainda mais impactante, capaz de desorganizar o *gran finale* da história progressista e passar com certa resistência à defesa dos redentores direitos humanos, que abrem e encerram o discurso das jornalistas.

Um dado que se repete ao longo do livro de Daniela Arbex, reiterado por Eliane Brum, é o espanto de que a maioria da população do Hospital Colônia de Barbacena não tinha diagnóstico de doença mental:

> Desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos. Maria de Jesus, brasileira de apenas vinte e três anos, teve o Colônia como destino, em 1911, porque apresentava tristeza como sintoma. Assim como ela, a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o Colônia tornou–se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. A teoria eugenista, que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos. Livrar a sociedade da escória,

[22] ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 17 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2016, p. 255.
[23] FOUCAULT, Michel. *Maladie mentale et personnalité.* Paris: Presses Universitaires, 1954.
[24] FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*: na Idade Clássica. 8 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2007.

> desfazendo-se dela, de preferência em local que a vista não pudesse alcançar.[25]

A leitura confiante no humanismo como conquista natural, que acredita na história como consciência acumulativa, ou seja, disciplina que serviria a uma civilização em progresso, reconhece imediatamente na reportagem sobre o hospital mineiro um anacronismo bárbaro. No entanto, parece que se pode identificar, naquele recorte abandonado de mundo, muito mais um cenário criado pela história instrumentalizada na sensibilidade civilizatória que propriamente um regresso à *desumanidade* da barbárie. Os pontos em que Arbex, ao longo do livro, coloca o acento do absurdo desenham, de fato, um cenário ultrapassado para os ideais de uma sociedade que já é capaz de circunscrever a Modernidade mesma como uma incipiência de um modelo naturalmente *evoluído* pelo pensamento cada vez mais pós, multi, transdisciplinar, intelectualmente inovador e ilimitado, institucionalmente sensível, moralmente justo, emocionalmente controlado, socialmente integrado e, por isso, cada vez mais humano (e, de preferência, superando-o).

Pode-se ler na *História da Loucura* a descrição que Foucault faz de uma política surgida em toda a Europa, a partir de processos que assumiram formas particulares, mas que resultaram em colaboração – entre interesses absolutistas, burgueses e da Igreja – para que fosse promovida "A Grande Internação" dos séculos XVII e XVIII. Coincidem no período – por decretos reais, pelo desejo da burguesia de ordenar a miséria ou pelos ideais de caridade cristã para com os pobres resignados – a criação do Hospital Geral como modelo de enclausuramento francês, das *Zushthäusern* na Alemanha e das *houses of correction* (e, em seguida, das *workhouses*) na Inglaterra[26]. E apenas no final do século XVIII, às vésperas da Revolução Francesa (marco político que dá corpo à Modernidade), Foucault situa o aparecimento de uma subjetividade que demonstraria indignação frente à prisão indiscriminada. Esta transformação do

---

[25] ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 17 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2016, p. 25 e 26.
[26] FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*: na Idade Clássica. 8 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 48-55.

pensamento inaugura a figura social do filantropo (moderno que, por definição, ama a humanidade):

> Em alguns anos, foi toda uma rede que se espalhou pela Europa. Howard, ao final do século XVIII, estabelecerá o projeto de percorrê-la toda; através da Inglaterra, Holanda, Alemanha, França, Itália, Espanha, fará a peregrinação de todos esses lugares de internamento – "hospitais, prisões, casas de detenção" – e sua filantropia se declarará indignada com o fato de que tenham podido relegar entre os mesmos muros os condenados de direito comum, jovens que perturbavam o descanso de suas famílias (ou que lhes dilapidavam os bens), vagabundos e insanos. (...) Em cinquenta anos, o internamento tornou-se um amálgama abusivo de elementos heterogêneos. No entanto, em sua origem ele devia comportar uma unidade que justificasse sua urgência; entre essas formas diversas e a era clássica que as suscitou deve existir um princípio de coerência que não basta pôr de lado sob o escândalo da sensibilidade pré-revolucionária.[27]

O que se percebe, portanto, é que a "sensibilidade" ultra-pós-trans-revolucionária, que costuma ser assumida como conquista do mundo contemporâneo, pode ser até mesmo economizada, uma vez que a conclusão que se chega hoje é de que, ao terrível Colônia, teria faltado humanidade. Tira-se esta avaliação do bolso da história civilizada/civilizatória há pelo menos dois séculos. Agora, quando se contempla uma paisagem exposta pela palavra de Antonin Artaud – devidamente diagnosticado e enclausurado, inserido em um avançado século XX de corpos submetidos a diferentes terapias modernas –, a indignação se estende não apenas à Idade Clássica e seus restos grosseiros, tampouco é usada para a correção da Modernidade e seus múltiplos "cuidados" com o humano (que agora também nos parecem abusivos, mas refináveis), mas coloca em xeque o próprio pacto civilizatório, que segue "progredindo":

> Não se surpreenda ao receber uma carta minha, faz muito tempo que se tem consciência do horrendo escândalo da minha existência. É o famoso segredo de polichinelo[28] que ninguém esconde e que todo

---

[27] FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*: na Idade Clássica. 8 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 55.

[28] Polichinelo, personagem da *commedia dell'arte* italiana, revela um segredo a outro personagem (mais ou menos por ingenuidade), pedindo silêncio a respeito, mas repete a ação com todos os outros.

> mundo se conta, que vai de boca em boca mas que ninguém confessa e que não é válido porque ao mesmo tempo todos fingem ignorá-lo e é o segredo da minha *internação*
> Toda a terra e todos os meus amigos sabem que estou internado porque me *enfeitiçam* e que ao mesmo tempo enfeitiçam meus amigos para fazê-los acreditar que estou doente, mas que na verdade não sou mais que um velho executado e um velho mártir dos homens que comem todos eles sobre o meu corpo e não me retêm prisioneiro mais que para poder comer melhor e livremente sobre o meu corpo.[29]

Nesse sentido, ainda especulando sobre o que teria preservado o silêncio em torno do holocausto no Colônia, não seria exagero dizer que, de modo mais ou menos literal, desumanizados comedores de ratos são imprescindíveis para saciar a saúde compartilhada por médicos, policiais, religiosos, jornalistas, educadores, acadêmicos etc.: projeto que se torna comum em determinado nível, que produz um *silêncio compactuado*. E é aí que aparece uma parte grande do problema, escancarada na descrição retorcida e lúcida que Artaud faz de sua internação: o segredo parece aberto, ou seja, é reconhecível no plano das práticas, ao mesmo tempo que, em graus variados, permanece secreto para os praticantes, que desfrutam do feitiço do silêncio porque acreditam nele como terreno original onde se pode edificar cada vez mais o humano, *a* Humanidade.

O Mal [*sobre a cisão*]

Graciliano Ramos se tornou um preso político durante o Estado Novo e, após dez anos de sua libertação, iniciou a escritura das *Memórias do Cárcere*. Elas ganharam corpo nos últimos oito anos vividos pelo escritor alagoano e foram postumamente publicadas. Aliás, a quase sempre mencionada “falta” de um último capítulo costuma servir para a apresentação do livro como tarefa inacabada, incompleta, que poderia ter sido terminada, não fosse a chegada da morte. Entretanto,

---

[29] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 188. Tradução nossa.

sobre isso, caberia outra percepção, facilitada pela leitura que Ana Kiffer faz das memórias do escritor, abordando a relação entre literatura e corpo em experiências-limite: para a autora, tal testemunho abandonaria “a arte do espírito e do intelecto” para descer “aos infernos do corpo”[30]. Ora, depois deste olhar que coloca ao mesmo nível (ou entrelaça no tempo) as impressões do corpo e as marcas da palavra, qualquer especulação em torno de uma memória ausente (algo que teria ficado impossibilitado de inscrever-se no mundo), não seria de uma metafísica já inoperante, um resto de forçosa dualidade entre vida e morte? E para que tem servido o pensamento encerrado em dualidades?

Para começar, tomando a operação dualista entre liberdade e encarceramento, o que se pretende destacar aqui é um momento das *Memórias* em que o prisioneiro, vizinho de cela da psiquiatra Nise da Silveira, está sendo transferido à temida Colônia Correcional de Dois Rios:

> Nise chamou-me da sala 4. Encostei o ouvido ao buraco, percebi um recado para alguém lá de fora. impacientei-me: não se tratava de liberdade; mas Nise insistiu, disse coisas ininteligíveis, deu-me um endereço. Confessei não entender nada e busquei um lápis para escrever o que ela dizia. Difícil encontrar o lápis. Aborrecia-me o trabalho inútil. O homem da lista já me chamara duas vezes. Receei que ele viesse de novo apressar-me, visse a cama afastada, o guarda-vento fora do lugar, e me surpreendesse a conversar com uma vizinha, infringindo o regulamento. Encontrei o lápis, mas a linguagem de Nise era confusa e extensa: impossível agarrar o sentido, resumir aquilo em duas ou três linhas. Depois de numerosas repetições, garatujei zonzo letras e algarismos na carteira de cigarros, pois o bloco de papel se ausentara. Esforço enorme escrever; irritava-me, na desgraçada situação, o desperdício de energias necessárias na viagem à Colônia. Nise estava sendo ingênua: habituada por ofício aos desarranjos mentais, ignorava-me o alheamento, a fuga das idéias: com certeza não me diferençava muito dos clientes dela, imbecis ou idiotas. Seria tão difícil verificar isto?[31]

Artaud, diagnosticado como demente, também se via injustamente internado: conforme tentava explicar em muitas cartas aos doutores, amigos e

---

[30] KIFFER, Ana. Corpo, memória, cadeia: o que pode o corpo escrito? *Alea*. São Paulo, v. 8, n. 2, jul-dez 2016, p. 264.
[31] RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere* I. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996, p. 620 e 621.

familiares, estaria preso por ser um agitador social. A polícia francesa e os médicos, com seus falsos diagnósticos, teriam criado tais doenças, ele repete, para mantê-lo trancado nos asilos de alienados. Inclusive, no manuscrito de uma das primeiras cartas endereçadas ao Dr. Latremolière, quando chega a Rodez, pode-se ler uma concordância peculiar: ele diz que "toda a polícia e toda a medicina *conhece*" o motivo dos sintomas apresentados em seu corpo, referindo-se ao *envenenamento* pelas medicações contra a sífilis recebidas no antigo asilo[32]. O verbo no singular usado por Artaud, de acordo com uma nota do tradutor para a publicação em espanhol, seria não um lapso, mas o entendimento de 'toda a polícia e toda a medicina' como sujeito simples, a percepção de um "sintagma indissolúvel"[33].

No Hospital Colônia de Barbacena, a chegada dos pacientes se dava geralmente por uma linha de trem – assim como chegavam aos campos de extermínio os prisioneiros de Hitler – em um vagão específico, que o escritor João Guimarães Rosa descreve evidenciando "as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos"[34]. Além disso, segundo a investigação de Daniela Arbex, "muita gente era enviada para o hospital de ônibus ou em viatura policial. Várias requisições de internação eram assinadas por delegados"[35]. No documentário lançado a partir do livro-reportagem, uma ex-funcionária do Colônia ainda relata:

> (...) tinha um funcionário, que ele era guarda emprestado da Polícia Civil. E ele ficava com arma, que ele achava que era polícia aqui dentro. Então muitas vezes ele puxou a arma pra mim, ele puxava pra paciente; os remédios punha tudo dentro de uma caixa de papelão, ele olhava pra cara do paciente: "Esse aqui que eu vou dar... esse aqui

---

[32] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 18. Tradução nossa.
[33] A nota (número 3) do tradutor se encontra em ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 220. Tradução nossa.
[34] O cenário para o conto "Sorôco, sua mãe, sua filha" é uma estação do trem que vai para Barbacena. Sorôco está enviando sua mãe e sua filha para o Colônia. (ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 18).
[35] ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 17 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2016, p. 30.

> que eu vou dar... esse aqui que eu vou dar" [distribuindo o remédio sem critério]. Se o paciente não quisesse, ele ameaçava com arma.[36]

Sobre esta intimidade da polícia com o Colônia e a escassez de profissionais especializados, Arbex argumenta que "a psiquiatria se constituiu no Brasil somente no início do século XIX", o que explicaria o fato de que "a assistência aos alienados ainda era algo incipiente no país"[37]. No entanto, na história da Grande Internação durante a Idade Clássica, Foucault aponta que "as formas autoritárias da coação"[38] foram as ferramentas que possibilitaram a criação do Hospital Geral na França ("uma estrutura semijurídica"[39]) e as demais modalidades de internação europeias no período. Elas pareceriam sem critério claro aos nossos olhos, mas o filósofo encontra na arqueologia das transformações de nossa sensibilidade, ou seja, nas forças que constituíram as discriminatórias especialidades da Modernidade – a psiquiatria é uma delas –, um elemento indispensável à revolução burguesa: justamente a "Polícia, no sentido preciso que a era clássica atribui a esse termo, isto é, conjunto das medidas que tornam o trabalho ao mesmo tempo possível e necessário para todos aqueles que não poderiam viver sem ele"[40]. Além disso, Foucault não deixa de declarar sua desconfiança: "Antes de ter o sentido médico que lhe atribuímos, *ou que pelo menos gostamos de supor que tem*, o internamento foi exigido por razões bem diversas da preocupação com a cura"[41].

A cineasta e ensaísta Susan Sontag, no ensaio *Abordando Artaud (Approaching Artaud)* – uma análise cujo título, aliás, pode produzir a cena de um Artaud enquadrado pela polícia –, traz uma definição extremamente precisa para a loucura:

---

[36] Trecho do depoimento de Walkiria Monteiro, que trabalhou como enfermeira no Hospital Colônia de Barbacena, para o documentário *Holocausto Brasileiro* (HBO e Vagalume Filmes, 2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y6yxGzlXRVg>. Acesso em: 05 jan 2018.
[37] ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 17 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2016, p. 30.
[38] FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*: na Idade Clássica. 8 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 56.
[39] Ibidem, p.50
[40] Ibidem, p. 63
[41] Ibidem, p. 63, grifo nosso.

> Loucura significa não fazer sentido – significa dizer o que não deve ser levado a sério. Mas isto depende inteiramente de como uma dada cultura define sentido e seriedade; as definições variaram enormemente através da história. O que é chamado insano denota aquilo que na determinação de uma sociedade particular não deve ser pensado. A loucura é um conceito que fixa limites; as fronteiras da loucura definem o que é "outro". Uma pessoa louca é alguém cuja voz a sociedade não deseja ouvir, cujo comportamento é intolerável e deve ser suprimido. Sociedades diferentes utilizam definições diferentes do que constitui a loucura (isto é, do que não faz sentido). Mas nenhuma definição é menos provincial que outra. Parte do escândalo relativo à prática corrente na União Soviética de prender dissidentes políticos em manicômios está equivocado, não apenas ao sustentar que tal procedimento é repulsivo (o que é correto), mas que tal procedimento é uma utilização fraudulenta do conceito de doença mental; se dá como certo que haja um critério universal, correto, científico de sanidade (o imposto pelos programas de saúde mental, por assim dizer, dos Estados Unidos, Inglaterra e Suécia, ao invés do executado em países como o Marrocos, por exemplo). Isto simplesmente não é verdade. Em cada sociedade, as definições de sanidade e loucura são arbitrárias – e, no sentido mais amplo, políticas.[42]

É provável que para Nise da Silveira, portanto, quem dividia cela também com Olga Benario Prestes e tinha Artaud como referência intelectual, a liberdade ou a falta dela não fossem assim condições tão óbvias quanto naturalmente figuravam a Graciliano Ramos naquele momento de temor à Colônia Correcional. Não que não fizesse diferença estar dentro ou fora de uma cela, não se trata disto, mas o direito de liberdade não poderia ser descontextualizado das desigualdades políticas. Daí também se explicaria o fato de Nise não diferenciar o tratamento dado a um declarado preso político, que se encontrava *alheado de si* pelo medo da repressão e da possibilidade da morte, e os cuidados que dispensava a um 'desarranjado mental': o que já não se pode ignorar é que ambos se encontram no impedimento de participar, porque são, de algum modo, perigosos a um projeto social. Neste ponto, o chefe do asilo de Rodez – quando determina que Artaud "não dispõe de nenhuma autorização de saída", devido a comportamentos como "escarros, cantos, genuflexões, rituais,

[42] SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986, p. 54.

encantamentos”[43] – apresenta uma incoerência nos gestos muito mais perigosa: por um lado, o Dr. Ferdière abriga no asilo quem precisa se esconder das tropas nazistas, utilizando os muros do hospital como proteção aos resistentes, que têm sua liberdade ameaçada; por outro, é ele o responsável por dizer quem está louco e precisa permanecer, pelos mesmos muros, isolado da sociedade.

Ora, indiscutivelmente reconhece-se que o poeta Robert Desnos, amigo de Artaud e Ferdière, ainda que não tenha sido (por pouco) fuzilado ou enfiado em uma câmara de gás, foi uma vítima do poder de Hitler, já que contraiu a fatal febre tifoide nos campos de concentração; dessa maneira, partindo-se do entendimento de que a definição da loucura também é uma arbitragem/arbitrariedade política, não seria justa a conclusão de que, independentemente de qual tenha sido o golpe final (um câncer no reto, overdose “não intencional” ou suicídio dentro de um asilo em Paris), a morte de Antonin Artaud foi uma execução psiquiátrica?

A pergunta, formulada assim, não apresenta propriamente uma mentira, mas de repente provoca certo alívio que precisa ser colocado sob suspeita: surgem as figuras portadoras ou nascidas do mal. No entanto, o Dr. Ferdière já foi muitas vezes colocado nesse “tribunal” e o esperado monstro não exatamente dá as caras. Falecendo em 1990, ele chega a escrever o prólogo para a publicação de sua correspondência com Artaud, onde manifesta que, apesar da repetição do maniqueísmo Artaud-Ferdière ao longo dos anos, sente-se enormemente culpado apenas por ter deixado seu paciente sair de Rodez: insinua que a causa de sua morte tenha sido um descuido da clínica de Ivry (onde ocorre de fato o óbito). Diz, inclusive, que suspeita da leitura das radiografias que concluiu o câncer intestinal, uma vez que poderiam ser marcas da intoxicação por ópio. Lamenta-se por “não haver tomado

[43] MÈREDIEU, Florence de. *Eis Antonin Artaud*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 729.

maiores precauções na organização da pós-cura" e, logo, porque "Artaud morreu relativamente jovem e não nos deu um número maior de obras de arte – como o admirável Van Gogh"[44].

Este comentário de Ferdière, que também era escritor, revela que o doutor levou para o túmulo sua função de avaliação e "ressocialização" do paciente, a partir de suas próprias referências médicas, literárias e artísticas: além das cartas e dos textos destinados à publicação, Artaud deixou em torno de 500 cadernos do período de internação, muitos deles produzidos no asilo de Rodez por incentivo do mesmo médico que lamenta a insuficiência. Misto de palavras e desenhos marcados a partir dos *infernos do corpo*, para retomar a chave do olhar de Ana Kiffer, certamente Ferdière os via como rascunho, treinamento para futuras obras. De todo modo, as objeções de Ferdière provocam reações que variam em uma escala que vai desde uma total compreensão dos motivos do médico, atravessando inúmeros graus intermediários de empatia ou indignação, até o ódio completo de sua figura: nenhuma destas posições seria uma justiça à altura das reivindicações de Artaud, que não se deixava enclausurar em um sistema bilateral para perseguir a causa dos sofrimentos de seu tempo. Em outras palavras, ele nunca reduziria a sua morte a uma espécie de mal particular da psiquiatria.

Para pensar o mal, Artaud prescinde do amparo do bem. Eis uma fórmula importante: um bem não pode ser definido como uma imagem em oposição a um mal, ou seja, resultaria inútil efetuar-se apenas um deslocamento de forças já escravizadas de uma ponta a outra neste domínio. Um grande exemplo da recusa de Artaud a este tipo de operação "revolucionária" é sua conhecida ruptura com os surrealistas, muito

---

[44] FERDIÈRE, Gaston. Prólogo do Doutor Ferdière. In: ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 3.* Madrid: Editorial Fundamentos, 1980, p. 13 e 14. Tradução nossa.

antes da internação, em razão da aliança do movimento com o Partido Comunista Francês:

> Não me importa absolutamente, eu o proclamo bem alto, que o poder passe das mãos da burguesia para as do proletariado. Para mim a Revolução não está aí. Ela não está em uma simples transmissão de poderes. Uma Revolução que pôs na primeira fileira de suas preocupações as necessidades da produção e que devido a este fato se obstina em apoiar-se no maquinismo como um meio de facilitar a condição dos operários é para mim uma revolução de castrados. E eu não me alimento desta erva aí. Eu acho, ao contrário, que uma das razões principais do mal de que sofremos reside na exteriorização desenfreada e na multiplicação prolongada ao infinito da força; ela reside também em uma facilidade anormal introduzida nas trocas de homem para homem e que não deixa mais ao pensamento o tempo de retomar raiz nele mesmo. Estamos todos desesperados de tanto maquinismo em todos os níveis de nossa meditação. Mas as verdadeiras raízes do mal são mais profundas, seria preciso um volume para analisá-las. (...) Há bombas a pôr em alguma parte, mas na base da maioria dos hábitos do pensamento presente, europeu ou não. Por estes hábitos, os Senhores Surrealistas estão atingidos muito mais do que eu lhes asseguro, e o respeito deles por certos fetiches feitos homens e o ajoelhamento deles diante do Comunismo é a melhor prova. [45]

A partir da recusa de Artaud àqueles que chamava de “revolucionários de papel de bosta”[46], uma sequência de questões aparecem sobre o problema da resistência ao mal. Está evidente que, para ele, um pensamento que não *retomasse raiz em si mesmo* estaria impossibilitado de seguir crescendo ou produzindo, ou seja, o mal como *maquinismo* atuaria como castração, submetendo a um ou outro centro de poder a potência criativa do pensar. Logo, permite-se entender aqui que o pareamento do bem com o mal trabalharia sob um falso fundo, seriam eles próprios uma dupla falsa tornada importante, e o incessante deslocamento de um para outro funcionaria apenas como estratégia de conservação dos pontos que mantêm o fundo (ou fundamento). Em outras palavras, todo fundamentalismo precisa de um maquinismo, isto é, um sistema produtivo binário que verifique sua eficácia, que diga ser justo um horizonte

---

[45] ARTAUD, Antonin. Manifesto por um teatro abortado. In: *Linguagem e Vida*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 39.
[46] Ibidem.

incapaz de sustentar a variação nada plana do pensamento. As dualidades traçam linhas de exclusão que dão à política a forma de uma rede de retenção daquilo que interessa a um projeto de realidade. Naturalmente, quando se diz aqui que há um *falso* fundo, não se aplica a palavra como oposição a um desejado fundo verdadeiro, mas entende-se que tudo aquilo que reivindica o lugar da absoluta verdade torna-se falso.

Isto explicaria por que o nazismo acabou empreendendo, em sua busca pelo real mais real, um enorme deslocamento que seria convenientemente localizado como aberração na história moderna, uma aproximação anômala ao extremo *irreal* da sensibilidade humana. A propaganda nazista, baseada na teoria eugênica e na afirmação de um tipo de arte como ideal de beleza, não fez outra coisa que levar ao limite falso da *desrazão* a defesa da falsa razão pura. A partir do julgamento que se realiza do nazismo como monstruosidade, chega-se a um duplo e perigoso resultado: a reafirmação da experiência da loucura como maldição para quem recusa (ou estaria *biologicamente* incapacitado de viver) a razão e, portanto, a conservação da razão (e sua sombra) como único caminho para o bem político absoluto. Aliás, não são poucas as especulações contemporâneas que tentam explicar o mal “desumano” do nazismo com um diagnóstico póstumo para Hitler: constam nos arquivos da BBC e do jornal Daily Mail, inclusive, notícias de 2007 a respeito de uma pesquisa de psiquiatria, apresentada naquele ano em um congresso europeu, sobre a suposta sífilis contraída pelo ditador por meio de relação sexual com uma prostituta judia, o que teria feito avançar o quadro clínico do Führer a transtornos de personalidade baseados, claro, no delírio paranoico contra um povo inimigo[47]. Nada de novo: este mal, obstinado em fixar um fundo onde possa exercer poder, sempre se justifica pelo lado que está autorizado em seu próprio maquinismo dicotômico. Neste caso, a medicina atual usa

[47] Os artigos sobre a suspeita de uma suposta sífilis que teria levado Hitler à loucura estão disponíveis em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070621_hitlersifilis_pu.shtml> e <http://www.dailymail.co.uk/news/article-463391/Did-Hitler-unleash-Holocaust-Jewish-prostitute-gave-syphilis.html> Acesso em: 12 fev 2018.

seu domínio classificatório, tão útil ao projeto de Hitler, e desliga-se da memória do mal nazista.

Outra falsidade que compunha o poderoso fundo nazista pode ser reconstituída hoje ‘em todos os níveis de nossa meditação’, na ideia dicotômica entre processos autoritários (o mal) e colaborativos (o bem), no plano moral que produziria uma tal “obra comum”. E o risco deste maquinismo já fora detectado por Hannah Arendt durante sua viagem à Jerusalém para acompanhar o julgamento de Adolf Eichmann, funcionário responsável por organizar a Solução Final no Terceiro Reich. Ainda que a obra, neste caso, fosse a produção de um genocídio, ela também havia sido pensada como uma ‘facilidade anormal introduzida nas trocas de homem para homem’. Arendt descreve como a maldade pôde ser reduzida, por Eichmann, à ideia de uma colaboração entre indivíduos com funções bem definidas, uma organização burocrática, mas, por fim, mais eficiente ao bem comum:

> Ele, seus homens e os judeus estavam todos “se esforçando juntos” e cada vez que havia alguma dificuldade os funcionários judeus vinham correndo até ele para “desabafar seus corações”, contar-lhe todo “seu sofrimento e dor”, e pedir sua ajuda. Os judeus “desejavam” emigrar, e ele, Eichmann, estava ali para ajudá-los, porque aconteceu de, ao mesmo tempo, as autoridades nazistas terem expressado o desejo de ver o Reich *judenrein* [“limpo” dos judeus]. Os dois desejos coincidiam, e ele, Eichmann, podia “fazer justiça a ambas as partes”. No julgamento, ele jamais cedeu um milímetro quando chegava nessa parte da história, embora concordasse que hoje, quando “os tempos mudaram tanto”, os judeus podem não gostar mais de se lembrar desse “esforço conjunto” e ele não queria “ferir seus sentimentos”.[48]

A organização social, para Artaud – quem, pelo diagnóstico de insano, foi excluído até da legitimidade para criticar esta ou aquela obra política –, revela-se exatamente como uma colaboração que, pelo disfarce de benevolência, produz a comunhão do mal. Há um enorme sofrimento em sua banalizada situação, muito notável nas cartas que escreve em Rodez: todos aqueles com quem se corresponde

---

[48] ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 60.

sinceramente, com quem se liga pelo *coração*, em alguma medida participam do mal que se expressa em seu aprisionamento. Por isso, Artaud não deixa de indignar-se com os destinatários, mas não é raro que o faça juntamente com um afetuoso aviso de que todos compartilham os efeitos maléficos das ações dirigidas contra ele. Tenta explicar ao Dr. Latrémolière, responsável pela terapia de eletrochoque, por exemplo, "uma espécie de *dicotomia do eu* que lhe teria [ao próprio doutor] sido imposta pelo Mal", razão pela qual havia perdido a consciência de que também fora vítima de tal feitiçaria[49]. Justamente após ter fraturado uma vértebra pela força do eletrochoque, Artaud escreve a Latrémolière para pedir-lhe a interrupção do tratamento. Acamado e sentindo dores violentas, como se pode ler no diagnóstico do próprio doutor[50], o paciente diz: "se meu muito considerável afeto por você não se ressentiu *em absoluto* isso se deve a que te conheço de antigamente e que me lembro de quem é você, mesmo que você ainda não possa reconhecer-me totalmente"[51]. Também contra Jean Paulhan, levanta suspeitas de que o editor tenha em si um usurpador de si mesmo, que teria falsificado uma carta, sendo tal remetente "um homem mal-intencionado", de coração e espírito irreconhecíveis, embora a assinatura e a escritura não lhe parecessem estranhas[52].

O Mal, portanto, também atuaria confundindo o reconhecimento do outro e de si mesmo. No sentido que Artaud defende em sua correspondência, esta relação entre *um eu* e *um outro* já nada tem a ver com a noção de identidade e alteridade (Eu e Outro), um maquinismo superdimensionado na Modernidade para sustentar as teorias

---

[49] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 18 e 19. Tradução nossa.
[50] MÈREDIEU, Florence. *Eis Antonin Artaud.* São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 737.
[51] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 31. Tradução nossa.
[52] Ibidem, p. 48. Tradução nossa.

da personalidade saudável (leia-se: personalidade única) e conservar nas mãos dos psiquiatras o poder de exercer o Mal. Ele diz:

> Eu sinto uma grande amizade por você e você sabe disso, mas se você não interromper imediatamente este eletrochoque eu não poderei conservar um lugar para você em meu coração. – Porque este tratamento iníquo me separa de tudo e da vida. – Coloque-se durante um segundo em meu lugar Dr. Latrémolière, como um escritor e um pensador que não para de trabalhar e veja você o que pensaria dos homens e de tudo se se permitissem dispor de você desta maneira. (...) Eu acredito, Sr. Latrémolière, que você me compreendeu muito bem e que me admitiu em seu coração, mas que você não sempre se encontra a gosto aí com todo o seu eu pessoal e toda a sua consciência representativa própria.[53]

O que não se reconhece, portanto, é o prolongamento entre outro e eu, uma ligação que Artaud vê como uma interpenetração de corações. O problema da cisão provocada pelo Mal está na trama em que os malvados ignoram a força de desapropriação ou despossessão de si mesmos, ao passo que se acreditam menos destruidores que o Monstro. A atitude do Mal separa os corações para seguir definindo territórios.

O Organismo **[sobre a corporação]**

O espiritismo kardecista, apesar de nascido na França em 1857, tem aqui no Brasil sua maior comunidade. No censo realizado pelo IBGE em 2010, 3,8 milhões de pessoas se declararam seguidoras da doutrina no país. Revelou-se também o grupo religioso com a maior porcentagem de brasileiros declarados brancos (68,7%), além de liderar os indicadores de rendimento (19,7% possuem renda domiciliar per capita mensal maior que cinco salários mínimos) e de escolaridade (31,5% têm nível superior

[53] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 2.* 3 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1986, p. 15. Tradução nossa.

completo). Os espíritas se distribuem, em sua grande maioria, pelos estados da região Sudeste.[54] Em 1968, foi criada a Associação Médico-Espírita de São Paulo e, em 1995, a AME do Brasil: são bastante ativas politicamente, pressionando os poderes públicos, por exemplo, com argumentos biológicos e de direitos humanos em campanhas contra a legalização do aborto[55].

Ainda nos primeiros anos da doutrina inaugurada por Allan Kardec, as teorias espíritas fizeram sucesso entre membros da elite carioca, que liam francês. Durante o final do século XIX, sofreram repúdio da Igreja e enfrentaram conflitos com as famílias donas de escravos, uma vez que se posicionavam favoráveis ao abolicionismo. As publicações de Kardec, chegadas diretamente da Europa, inspiravam ricos intelectuais brasileiros a evoluírem o cenário colonial para a prática de uma vida cada vez mais moderna.

Para os kardecistas, os espíritos reencarnam na Terra a fim de experimentarem possibilidades de aperfeiçoamento moral e/ou intelectual. Quando estão mortos (desencarnados), encontram diferentes “moradas”, que se criam e se sustentam pela frequência vibratória de suas consciências, coletivizadas e espacializadas geograficamente a partir da superfície do mundo visível: desde as muito sublimes e desmaterializadas regiões do altíssimo plano astral, nas faixas vibratórias mais elevadas da atmosfera terrestre, decaindo em direção à crosta (rodeada pelas regiões mais densas do Umbral, onde encontram-se os espíritos que ainda precisam renascer aqui), chegando a localidades psicofísicas subterrâneas, isto é, as Trevas, o mais profundo Abismo). Todo esse sistema de organização dos mundos espirituais foram descritos em uma obra muito conhecida no Brasil, psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier), intitulada *Nosso Lar*[56].

---

[54] Todos as informações foram consultadas no site oficial do IBGE. Dados disponíveis em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao> Acesso em: 02 jun 2018.
[55] Disponível em: <http://www.amebrasil.org.br/html/aborto.htm> Acesso em: 19 jul 2018.
[56] XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1943. Digitalizada em 2011, por “Luz Espírita”. Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l25.pdf> Acesso em: 06 dez 2017.

De acordo com o livro, que é creditado à autoria do espírito André Luiz (um médico desencarnado), Nosso Lar é uma colônia espiritual localizada na menos densa das faixas vibratórias umbralinas que circundam o globo, mais precisamente situada sobre a cidade do Rio de Janeiro. Como ela, inúmeras cidades extrafísicas estariam espalhadas invisivelmente pelo mundo espiritual: colônias correcionais, colônias socorristas, colônias de pesquisa científica, de desenvolvimento das artes, enfim. Além destas convivências organizadas, haveria também a parte menos civilizada do Umbral, para onde iria a maioria dos terráqueos – porque morrem ainda muito ligados às paixões do corpo – até atingir o merecimento necessário para receber o socorro de trabalhadores da Providência Divina.

> O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior. E note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais.[57]

No romance, o leitor acompanha a trajetória pós-morte de André Luiz, que, antes de ser socorrido e levado à colônia Nosso Lar, vagava em um agrupamento desorganizado de almas sofredoras: “Organização é atributo dos Espíritos organizados. Que quer você? A zona inferior a que nos referimos é qual a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão”[58]. Ali, de acordo com o enredo, o médico escuta vozes que o chamam de suicida, sem entender o motivo para tal designação, já que se lembrava ter desencarnado por consequência de um câncer.

---

[57] XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1943. Digitalizada em 2011, por “Luz Espírita”. Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l25.pdf>, p. 45.
[58] Ibidem.

Após o resgate ao Nosso Lar, ele entende finalmente que as leis de Deus também condenam os excessos da matéria como suicídio, ou seja, não é tolerada a "ausência de autodomínio" quando não se é leigo sobre as leis do corpo: "Já observou, meu amigo, que seu fígado foi maltratado pela sua própria ação; que os rins foram esquecidos, com terrível menosprezo às dádivas sagradas?"[59].

O personagem (real, para os espíritas) descobre que Nosso Lar é uma colônia de trabalho. O exercício de adequação às leis de Deus ali se dá como reabilitação produtivo-civilizatória para a reencarnação na sociedade terrena. A cidade, por onde se anda de transporte público, conta com Ministérios, organizados ao redor do palácio do Governador (o centro da colônia). Além disso, paga-se e ganha-se "bônus-hora" nas "fábricas de 'Nosso Lar'"; a ocupação é terapia para a alma imperfeita: "A preparação de sucos, de tecidos e artefatos em geral, dá trabalho a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo"[60].

Há também um hospital na colônia, onde se recuperam em seus leitos os recém-resgatados: "Multidões sem conta erram em todas as direções nos círculos imediatos à crosta planetária, constituídas de loucos, doentes e ignorantes"[61]. André Luiz se recuperava para integrar, mais tarde, as equipes de socorro às almas doentes. O espírito narra, no romance psicografado, como a relação com trabalhadores mais evoluídos foi fundamental para seu aprendizado. Uma vez, por exemplo, enquanto tentava se comunicar com uma senhora de escravos desencarnada, que lhe dizia coisas confusas, a companheira da enfermaria lhe advertiu: "André, meu amigo, você esqueceu que estamos providenciando alívio a doentes e perturbados? (...) Os dementes falam de maneira incessante e quem os ouve, gastando interesse espiritual, pode não estar menos louco". Com tal habilidade para se manter firme nos propósitos

---

[59] XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1943. Digitalizada em 2011, por "Luz Espírita". Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l25.pdf>, p. 21.
[60] Ibidem, p. 88.
[61] Ibidem, p. 24.

da Providência, mostrando suas “excelentes qualidades de psicóloga”[62], Narcisa transparecia seu conquistado “grau evolutivo”.

Descendo as escadarias que levavam aos porões da cidade espiritual, os mais duros isolamentos:

> Depois de extensos corredores, deparou-se-nos vastíssima escadaria, comunicando com os pavimentos inferiores.
> – Desçamos – disse Tobias em tom grave.
> E notando minha estranheza, explicou, solícito:
> – As Câmaras de Retificação estão localizadas nas vizinhanças do Umbral. Os necessitados que aí se reúnem não toleram as luzes, nem a atmosfera de cima, nos primeiros tempos de moradia em “Nosso Lar”.[63]

Michel Foucault situa no início do século XIX a consolidação de uma dupla função social para a pena do encarceramento: além da privação de liberdade, ou seja, da exclusão social do criminoso, a prisão também passa a responder à necessidade de transformação técnica dos indivíduos, sua cura social. Diferente das instalações depositárias de multidões, que caracterizavam os leprosários e seus substitutos (os hospitais gerais), a organização pluricelular do sistema prisional moderno visa à garantia do isolamento e da reflexão moral suscitada por ele. Foucault explica que “a solidão é a condição primeira da submissão total”, encarcera-se não somente para que o indivíduo não tenha a chance de cometer novos crimes, mas a fim de que seja assaltado pelo remorso[64]. Concepção semelhante pode-se encontrar na literatura kardecista, quando um espírito trabalhador da colônia Nosso Lar explica a André Luiz o motivo pelo qual recolhem as almas revoltadas no Umbral e as levam para tais Câmaras de Retificação: “nas esferas superiores as defesas são mais fortes, imprimindo-se, consequentemente, mais intensidade de culpa na falta cometida”[65].

---

[62] XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1943. Digitalizada em 2011, por “Luz Espírita”. Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l25.pdf>, p. 115.
[63] Ibidem, p. 88.
[64] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 223.
[65] XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1943. Digitalizada em 2011, por “Luz Espírita”. Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l25.pdf>, p. 147.

Ainda afirma Foucault – falando dos vivos e suas invenções (de todo modo, sustentadas por inúmeras condições metafísicas) – que não apenas a solidão seria suficiente ao sistema penitenciário burguês. Para produzir esta noção penal que condena individualmente e deseja promover, ao mesmo tempo, processos de regeneração social pela individualização da consciência,

> (...) o aparelho carcerário recorreu a três grandes esquemas: o esquema político-moral do isolamento individual e da hierarquia; o modelo econômico da força aplicada a um trabalho obrigatório; o modelo técnico-médico da cura e da normalização. A cela, a oficina, o hospital.[66]

Também destaca Foucault a confluência dos discursos penal e psiquiátrico, que produziu a noção de um indivíduo perigoso, "representante de um tipo de anomalia": o *delinquente*. O surgimento dessa figura só foi possível graças à ampliação da análise, que não se detinha mais apenas na infração cometida, mas ocupava-se da investigação da *biografia* do sujeito, ou melhor, empenhava-se em criar esta "unidade biográfica" e, portanto, o sujeito mesmo da punição: "apareceu o corpo do prisioneiro, (...) que o próprio aparelho do castigo fabricou como ponto de aplicação do poder de punir e como objeto do que ainda hoje se chama a ciência penitenciária"[67]. Tal atitude passaria a determinar "o 'criminoso' antes do crime e, num raciocínio-limite, fora deste"[68]. A colaboração do discurso psiquiátrico permitiu a elaboração do delinquente como alguém "amarrado a seu delito por um feixe de fios complexos (instintos, pulsões, tendências, temperamento)"[69]. E é neste ponto que Foucault apresenta brevemente uma concepção muito fortalecida no século XIX, que é a "etnografia das prisões", ou seja, a ideia de que a comunidade dos delinquentes seria "outro povo num mesmo povo: que tem seus hábitos, seus instintos, seus costumes à parte" [70]:

---

[66] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 223.
[67] Ibidem, p. 241.
[68] Ibidem, p. 238 e 239.
[69] Ibidem, p. 239.
[70] MARQUET-WASSELOT, J.J. *L'Ethnographie des prisons*, 1841, p. 9 apud FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 239.

> Estamos aí ainda muito próximos das descrições "pitorescas" do mundo dos malfeitores – *velha tradição que remonta longe* e se revigora na primeira metade do século XIX, no momento em que a percepção de outra forma de vida vem se articular sobre a de outra classe e outra espécie humana. Uma zoologia das subespécies sociais, uma etnologia das civilizações de malfeitores, com seus ritos e língua, se esboçam numa forma de paródia. Mas aí se manifesta entretanto o trabalho de constituição de uma nova objetividade onde o criminoso pertence a uma tipologia ao mesmo tempo natural e desviante. A delinquência, desvio patológico da espécie humana, pode ser analisada como síndromes mórbidas ou como grandes formas teratológicas.[71]

Esta descrição que Foucault faz da defesa jurídica positivista, que entende os condenados como 'outro povo', começa a parecer bastante íntima para um leitor em terras politizadas pela colonização, este 'longe' que possibilitou a 'velha tradição' de discursar sobre o exótico 'mundo dos malfeitores'. Tais palavras de Foucault tanto servem para dizer do nascimento de uma instituição moderna na escala da cidade, com arquitetura definida, como – ainda que tal desvio não tenha sido priorizado em suas elaborações históricas/filosóficas – revelam um organismo-mundo, anatomicamente territorializado a partir de uma determinada hierarquização dos corpos, dos modos de vida, dos signos, das línguas etc. Isto quer dizer que, considerando uma bio-organização do planeta, em que cada espécie humana ou suas subespécies habitariam um pedaço deste imenso corpo, todo território espoliado pelos europeus desde o século XVI se apresenta teratológico, ou seja, mais que um depósito de almas criminosas – porque para isso também serviu[72] –, os territórios explorados como colônias seriam verdadeiras anomalias sociais e, por conseguinte, berços de monstros.

Achille Mbembe, um filósofo camaronês contemporâneo que começou a ser publicado no Brasil há apenas poucos meses, pode ajudar no entendimento de que não foi à toa que a hierarquia moral das sociedades europeias, na escala que vai dos condenados aos homens livres da cidade, foi associada, como denuncia Foucault, a

---

[71] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 239 e 240.
[72] Em Portugal, muitos criminosos recebiam a pena do degredo, ou seja, eram banidos do país para viverem nas colônias.

esta noção do naturalmente apto ou desviante à civilização, amigo ou inimigo do projeto de Humanidade. Mbembe pensa a partir de Foucault e outros europeus, é verdade, mas como que os atravessa pelo avesso, que é, afinal de contas, o lugar em que a história do "além-mar" foi costurada na Modernidade: a colonização foi (é) a prática da racialização, indispensável à consolidação objetiva e subjetiva das formas capitalistas. E, se cabe pensar aqui também a questão do mal, tal qual exposta por Artaud e discutida anteriormente, percebe-se que foi o maquinismo entre o civilizado e o selvagem aquilo que trabalhou para manter o fundo de amparo ao capitalismo: a raça, esta *falsa* categoria.

> Na maneira de pensar, classificar e imaginar os mundos distantes, o discurso europeu, tanto o erudito como o popular, com frequência recorreu a procedimentos de fabulação. Ao apresentar como reais, certos e exatos fatos muitas vezes inventados, escapou-lhe justamente o objeto que buscava apreender, mantendo com ele uma relação fundamentalmente imaginária, mesmo quando sua pretensão era desenvolver saberes destinados a apreendê-lo objetivamente. As principais características dessa relação imaginária ainda estão longe de ser elucidadas, mas os procedimentos graças aos quais o trabalho de fabulação pôde ganhar corpo, assim como seus efeitos violentos, são hoje bem conhecidos. Nesse sentido, há pouco a acrescentar. No entanto, se existe um objeto e um lugar em que esta relação imaginária e a economia ficcional que a sustenta se dão a ver do modo mais brutal, distinto e manifesto, é exatamente esse signo que chamam de negro e, por tabela, o aparente não lugar que chamamos de África, cuja característica é ser não um nome comum e muito menos um nome próprio, mas o indício de uma *ausência de obra*.[73]

A Humanidade é um conceito que nasceu, portanto, inerente à Civilidade, e que produziu corpos "não-humanos" para alimentar-se deles. Nunca um projeto de convivência, um pensamento a partir do comum, mas uma prática de dominação. A ficção da raça, ou seja, o racismo, liberou à livre apropriação os tais biologicamente incapazes de construir uma obra social adequada ao capitalismo. Sob o discurso da inaptidão biológica para o exercício iluminado do pensamento, os corpos apropriados foram reduzidos a coisas valoráveis segundo os interesses de mercado.

---

[73] MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a, p. 31. Grifo nosso.

Em relação à escravidão, os primeiros kardecistas brasileiros eram abolicionistas, mas o caminho evolutivo defendido pela religião dos cristãos mais científicos do país nunca foi dissociado da cultura progressista dos colonizadores. Em um periódico de 1862, intitulado *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, Kardec aborda concepções da frenologia[74], teorias raciais e pressupostos espíritas, iniciando uma reflexão com a seguinte pergunta: "A raça negra é perfectível?"[75], ou seja, cientificamente falando, os negros também poderiam, como os brancos, atingir o mais alto grau espiritual na evolução divina? E segue a especulação no decorrer do tal artigo, assumindo uma frenologia espiritualista como verdade: ela se oporia à frenologia materialista, por não acreditar que o corpo dê formato à alma, mas o contrário, já que o espírito viria de outras encarnações. Kardec conclui, defendendo a hipótese de que a chamada raça negra poderia sim chegar à perfeição moral, argumentando a partir do seguinte caminho "lógico":

> Mas, então, por que nós, civilizados, esclarecidos, nascemos na Europa e não na Oceania? em corpos brancos, ao invés de corpos negros? Por que um ponto de partida tão diferente, se só se progride como Espírito? Por que Deus nos liberou da longa rota percorrida pelos selvagens? Seriam nossas almas de natureza diversa das suas? Por que tentar torná-los cristãos? Se os tornais cristãos, é que os olhais como vosso igual perante Deus. E se é vosso igual perante Deus, por que Deus vos concede privilégios? Por mais que façais, não chegareis a nenhuma solução, a menos que admitais para nós um progresso anterior e para os selvagens um progresso ulterior. Se a alma do selvagem deve progredir posteriormente, é que nos alcançará; se progredimos anteriormente, é que fomos selvagens, pois se for diferente o ponto de partida, não haverá mais justiça, e se Deus não for justo, já não será Deus. Eis, pois, forçosamente, duas existências extremas: a do selvagem e a do homem ultracivilizado; mas, entre esses dois extremos, não haverá nenhum ponto intermediário? Segui a escala dos povos e vereis que é uma corrente ininterrupta, sem solução de continuidade.[76]

---

[74] A frenologia foi desenvolvida pelo médico anatomista alemão Franz Joseph Gall, como uma ciência capaz de diagnosticar o grau de criminalidade de um indivíduo a partir do exame da forma de sua cabeça, já que cada protuberância indicaria a quantidade de desenvolvimento desta ou aquela parte do cérebro, que associava com características de personalidade e caráter.

[75] KARDEC, Allan. *Revista Espírita*: Jornal de Estudos Psicológicos. Brasília: FEB, 1862. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1862.pdf> Acesso em: 05 jan 2018, p. 141.

[76] Ibidem, p. 147.

A Federação Espírita Brasileira, que traduziu a revista e disponibiliza o artigo em sua página, divulgou ao final do número uma nota explicativa, declarando que, após o estudo das obras básicas deixadas por Kardec, pode-se afirmar que “na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana”, que não se admite nenhuma forma de preconceito, “cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade”[77]. Não esclarece, entretanto, por que a evolução espiritual ou progresso moral kardecista até hoje só encontra caminho em práticas culturais do homem que se disse branco e, por isso, humano. Este foi, inclusive, o nó não desatado que, em 1908, teria dado origem à Umbanda, uma dissidência do movimento espírita que advogava pelo reconhecimento da superioridade espiritual – sem necessidade de qualquer tipo de adaptação moral/intelectual – de entidades como os caboclos, os escravos negros, os boiadeiros etc. Ainda assim, no censo realizado em 2010 pelo IBGE, os umbandistas somados aos praticantes do Candomblé somaram apenas 0,3% da população brasileira. Se o kardecismo tem proporcionalmente o maior número de pessoas declaradas brancas e, por isso, os mais elevados índices de renda e escolaridade, no outro extremo estão os religiosos ligados a tradições africanas, que não encontram a mesma inserção civil, não passam socialmente com a mesma discrição e com a mesma credibilidade dos intelectuais espíritas, figurando, não por acaso, a maior representatividade de pessoas que se declararam pretas[78].

Todas essas informações podem parecer muito particulares, miudezas forçosamente ampliadas como um retrato social geral, uma análise restrita demais a circuitos religiosos pouco expressivos diante do grupo dos católicos, dos evangélicos ou dos sem religião. No entanto, esta pequena amostragem discursivo-material está replicada em muitos outros projetos de modernização e pós-modernização do cenário

---

[77] FEB In: KARDEC, Allan. *Revista Espírita*: Jornal de Estudos Psicológicos. Brasília: FEB, 1862. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1862.pdf> Acesso em: 05 jan 2018, p. 535.
[78] Dados do IBGE, 2010.

neocolonial, em todas as instituições onde ainda hoje são colocadas as apostas de progresso moral/intelectual/social no Brasil: a Universidade de São Paulo, por exemplo, com menos de um século de existência, considerada referência latino-americana na educação superior, conserva o lema *Scientia Vinces* ("Vencerás pela Ciência"); além disso, recentemente puderam ser expostos vestígios, "em seu DNA", de um planejamento cultural baseado em princípios eugênicos, que parecem se expressar *claramente* no perfil social predominante na "comunidade USP"[79]. Em outras palavras, todas as instituições legitimadas como capazes de cooperar no processo de "descolonização" dos espaços e corpos, ainda que muito incipientemente se transformem para inserir populações marginalizadas, todavia operam hegemonicamente a partir de uma razão civilizatória capitalista, isto é, obedecem a uma lógica excludente, exploratória, que é finalmente não a anulação, mas a globalização de um indispensável *fundo* colonial.

Mbembe propõe, em sua crítica, a atualização da abrangência da categoria "negro" (inseparável da noção de "raça"): um nome, portanto, que designa uma humanidade subalterna, negativo do ideal de Humanidade. Em tempos de total reconfiguração do capitalismo, ou seja, na versão neoliberal do mundo – que, além de outras coisas, se moveria por dívidas insolvíveis (atingindo amplamente a economia europeia), em um mundo "sem trabalhadores propriamente ditos", mas "nômades do trabalho", produzindo um abandono de massas à condição de "humanidade supérflua"[80] – talvez pudesse ser considerado, segundo ele, um "devir-negro do mundo":

> Pela primeira vez na história humana, o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predações de toda a espécie, destituição de qualquer possibilidade de autodeterminação e, acima de tudo, das duas matrizes do possível, que são o futuro e o tempo). A essa nova condição fungível e solúvel, à sua

[79] A esse respeito, ver: SILVA, Priscila Elisabete da. *Um projeto civilizatório e regenerador*: análise sobre raça no projeto da Universidade de São Paulo (1900-1940). Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da USP, 2015.
[80] MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a, p. 15 e 16.

> institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o *devir-negro do mundo*.[81]

Evidentemente, não se trata de uma defesa de que o racismo tenha acabado, de que os corpos marcados como negros e os que se alimentam dessa marcação para se constituírem como "raça dominante" estejam vivendo em pé de igualdade. Mas a análise de Mbembe – muito mais complexa do que se apresenta aqui – denuncia a inerência da ficção da raça em toda a história do capitalismo, como já foi dito, e sobretudo possibilita a percepção de uma generalização contemporânea da lógica racista como modo de relação em todos os níveis. Da popularização da ideia de que existem culturas essencialmente más, que passa a justificar as guerras "contra o terror", até as mais cotidianas relações interpessoais, predominam esforços de afirmação das fronteiras – também a multiplicação interna delas – e a construção do Outro como mal radical.

No Brasil, paralelamente ao crescimento da população carcerária, estão as tais operações "pacificadoras" das comunidades mais subalternizadas, o encurralamento dos povos indígenas, as execuções de civis pelo Estado (acobertadas por todo tipo de maquinismo criado pela modernização embranquecedora), numa absoluta assunção da política como forma de guerra, isto é, a participação na ordem *necropolítica* globalizada[82]. Além disso, na versão mais recente do capitalismo, totalmente capilar, pode-se observar o triunfo do ódio como afeto político interpessoal: por todos os lados, os corpos se entendem como territórios em guerra, fazem alianças efêmeras para aumentarem seu poder de destruição e atacarem o inimigo da vez. Sobre esse sentimento de extrema intolerância, não é de se espantar, considerando a evolução simbiótica do homem moderno e do conceito de raça, que ele esteja movendo pensamentos à direita e à esquerda, uma vez que a democracia burguesa também nasce da ficção do perigo diante do estrangeiro bárbaro. Por essa

---

[81] MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a, p. 19 e 20.
[82] A esse respeito, ver outro famoso ensaio do autor: MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

perspectiva, não seria exagero dizer que a lógica racista, que já excede as classificações por cor da pele e multiplica todo tipo de hierarquização humana, não está circunscrita apenas ao grupo político mais obviamente conservador.

Suely Rolnik, que também acaba de publicar as suas *notas para uma vida não cafetinada*[83] – uma análise que consegue cartografar "toda espécie de forças, das mais ativas às mais reativas"[84], no recente cenário brasileiro que ainda se descortina (as prisões do Mensalão, as manifestações de 2013, o Golpe que tirou Dilma Rousseff da presidência, o movimento dos secundaristas, a popularidade de figuras como o deputado Jair Bolsonaro) –, defende que a descolonização da política precisa considerar a descafetinização dos afetos, ou seja, alerta sobre os efeitos de uma expropriação generalizada da potência de vida, uma espoliação sub-reptícia da força de criação. Em diálogo indireto, mas de notada comunhão com Mbembe, Rolnik pensa a multiplicada subjetividade subalterna, produzida por aquilo que ela chama de "inconsciente colonial-capitalístico"[85] (ou cafetinístico), não apenas para descrever os "abusos" que engendraram os corpos dos "traumas" (muitas vezes reativos), mas para apontar justamente neles a possibilidade de insurreição de outra política: "a mesma ameaça à integridade pode (...) impulsionar os subalternos a reconectar-se com o saber-do-vivo por uma questão de vida ou morte"[86].

Na crítica de Mbembe, ele afirma que, "ao tentar falar com uma voz autenticamente sua", o sujeito que queira se libertar de sua posição heterodeterminada "sempre incorre no risco de somente conseguir se exprimir a partir de um discurso pré-constituído", já que a África e o negro existem apenas "a partir de uma biblioteca colonial"; ele avalia, portanto, que "só é possível problematizar a identidade negra enquanto identidade em devir"[87]. Rolnik, que talvez

---

[83] ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição:* notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.
[84] Ibidem, p. 23.
[85] Ibidem, p. 113.
[86] Ibidem, p. 128.
[87] MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a, p. 170.

tenha logrado escrever uma teoria para uma esquerda não tradicionalista, e sim em devir, por sua vez é muito precisa a respeito da ineficácia de uma política que se imagina apenas como oposição:

> Limitar-se a promover "inclusão" como sua principal meta – senão a única – não só revela que as esquerdas tradicionais, de fato, tendem a tomar a cartografia dominante como referência, mas, mais do que isso, que elas a consideram como "a" referência, absoluta e universal, segundo a qual todas as demais deveriam moldar-se. É que do ponto de vista da cartografia dominante – da qual, nesse aspecto, as próprias esquerdas compartilham –, as diferenças de qualquer modo de existência em relação ao seu são avaliadas como índices de atraso nas etapas de um suposto determinismo que seria próprio ao "progresso civilizatório", ao qual estaria destinado o conjunto da humanidade. Neutraliza-se assim a experiência singular dessas subjetividades e denega-se toda e qualquer alteridade.[88]

O soldado ainda é o maior símbolo corporal da indiferença, o organismo que se presta ao papel do desaparecimento de si mesmo na homogeneidade da marcha e no interior das máquinas. A negação do outro e seu aniquilamento, operado pela transformação do diferente em inimigo, só tem um objetivo, o velho objetivo, o qual ainda há quem acredite ter nascido e morrido com Hitler: a perpetuação da raça pura, a construção das cidades dos iguais. No entanto, quando Hitler escravizou e dizimou judeus, ciganos e outros "anormais", a propaganda negativa, o trabalho forçado em cativeiro e o genocídio já estavam no manual europeu das técnicas eficientes de modernização. E até pelo menos treze anos após a morte do ditador, ainda existiam zoológicos humanos na Europa, como mostra a famosa foto tirada em 1958 em Bruxelas, de uma criança congolesa mantida em um cercado para a visitação da autodeterminada humanidade. O projeto de modernização do mundo, o sonho de evolução das civilizações até a absoluta padronização moral e corporal é ainda uma intenção em curso. A própria escala de progresso espiritual dos kardecistas serve de ilustração: nas regiões atmosféricas mais altas, habitariam os espíritos mais evoluídos, frequentemente mencionados na religião como *legiões* ou *falanges* (!) de

---

[88] ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição:* notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018, p. 119 e 120.

almas de luz, que não conservariam mais nem mesmo a necessidade de aparência corporal. Sem a criação desta ficção religiosa que justificaria o sofrimento da desigualdade com a inteligência divina, que trabalharia justamente para que todos alcancem a perfeição em sua obra, não haveria o céu dos espíritas. Este maquinismo (desigualdade/igualdade) também está na obra do mundo e suas diferentes classes. No entanto, se poderia parecer que o capitalismo está interessado em manter a pobreza para alimentar-se dela, talvez seja importante considerar que o cenário tem mudado bastante, resultado de um projeto de longa data. O maquinismo do capital não estaria operando agora com uma tendência ao polo oposto, justamente onde a oposição gostaria de fazer justiça? A inclusão nas falsas comunidades minoritárias (capitalizadas, homogêneas, comandadas) não seria uma espécie de última chamada para o recrutamento dos espíritos historicamente rebeldes? Se assim for, aos que ousam resistir ou simplesmente acabam julgados como incapazes de acompanhar a marcha, a máscara do inimigo acompanha o direito de ser morto.

O último texto de Artaud, a conferência radiofônica *Para Acabar com o Julgamento de Deus*, escrito no final de 1947 – que é inclusive onde ele apresenta como "solução" a necessidade de fazer para si um "corpo sem órgãos", que inspiraria o ensaio posteriormente escrito por Gilles Deleuze e Félix Guattari –, parece comprovar, nesse contexto, que a psiquiatria foi mesmo uma invenção da sociedade "para se defender das investigações de certas lucidezes superiores cujas *faculdades de adivinhação* a incomodavam"[89]. Sua vidência:

Kré		**puc te**
Kré	Tudo isso deverá	**puk te**
pek	ser arranjado	**li le**
kre	muito precisamente	**pec ti le**
e	numa sucessão fulminante	**kruk**
pte		

Fiquei sabendo ontem

[89] ARTAUD, Antonin. Van Gogh. O Suicidado da Sociedade. In: *Linguagem e Vida*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 258.

(devo estar desatualizado ou então é apenas um boato, uma dessas intrigas divulgadas entre a pia e a privada, quando as refeições ingurgitadas são mais uma vez devidamente expulsas para a latrina)
fiquei sabendo ontem
de uma das mais sensacionais dentre essas práticas das escolas públicas americanas
sem dúvida daquelas responsáveis por esse país considerar-se na vanguarda do progresso.
Parece que, entre os exames e testes requeridos a uma criança que ingressa na escola pública, há o assim chamado teste do líquido seminal ou do esperma,
que consiste em recolher um pouco do esperma da criança recém-chegada para ser colocado numa proveta
e ficar à disposição para experimentos de inseminação artificial que posteriormente venham a ser feitos.
Pois cada vez mais os americanos sentem falta de braços e crianças
ou seja, não de operários
mas de soldados
e eles querem a todo custo e por todos os meios possíveis fazer e produzir soldados
com vista a todas as guerras planetárias que poderão travar-se a seguir e que pretendem *demonstrar* pela esmagadora virtude da força a superioridade dos produtos americanos
e dos frutos do suor americano em todos os campos de atividade e da superioridade do possível dinamismo da força.
Pois é necessário produzir,
é necessário, por todos os meios de atividade humana, substituir a natureza onde esta possa ser substituída,
é necessário abrir mais espaço para a inércia humana,
é necessário ocupar os operários
é necessário criar novos campos de atividade
onde finalmente será instaurado o reino de todos os falsos produtos manufaturados
todos os ignóbeis sucedâneos sintéticos
onde a maravilhosa natureza real não tem mais lugar
cedendo finalmente e vergonhosamente diante dos triunfantes produtos artificiais
onde o esperma de todas as usinas de fecundação artificial
operará milagres na produção de exércitos e navios de guerra.
Não haverá mais frutos, não haverá mais árvores, não haverá mais plantas, farmacológicas ou não, e consequentemente não haverá mais alimentos,
Só produtos sintéticos até dizer chega,
entre os vapores,
entre os humores especiais da atmosfera, em eixos especiais de atmosferas extraídas violentamente e sinteticamente da resistência de uma natureza que da guerra só conheceu o medo.
E viva a guerra, não é assim?
Pois é assim – não é? – que os americanos vão se preparando passo a passo para a guerra.
Para defender essa insensata manufatura da concorrência que não pode deixar de aparecer por todos os lados,
é preciso ter soldados, exércitos, aviões, encouraçados,
daí o esperma
no qual os governos americanos tiveram o descaramento de pensar.

Pois temos mais de um inimigo
que nos espreita, meu filho,
a nós, os capitalistas natos
e entre esses inimigos
a Rússia de Stalin
à qual também não faltam homens em armas.
Tudo isso está muito bem
mas eu não sabia que os americanos eram um povo tão belicoso.
Para guerrear é preciso levar tiros
E embora tenha visto muitos americanos na guerra
Eles sempre tiveram enormes exércitos de tanques, aviões, encouraçados, que lhes serviam de escudo.
Vi máquinas combatendo muito
mas só infinitamente longe
lá atrás
vi os homens que as conduziam.[90]

[90] ARTAUD, Antonin. Para Acabar com o Julgamento de Deus. In: *Escritos de Antonin Artaud.* p. 146-148.

2 RUÍNAS

História [sobre os restos]

No final de outubro de 1945, Antonin Artaud escreve ao Dr. Ferdiére:

> Onde estão os mortos? Sob os problemas que escrevemos, os quadros que pintamos, os atos que fazemos, os estados de ânimo que temos e todo o tempo querem nos dizer que são eles os que pensam em nós e não nós. (...) Mas eu sempre tentei defender as consciências dos meus amigos, de todos aqueles que gostam do que faço contra essas intoleráveis intrusões, pois tentar trocar a consciência de um homem apoiando-se ademais em um espírito morto é uma *sujeira* contra a qual sempre me levantei e que pratica muita gente nesta terra…
> E essa sujeira é a que atacarei cada vez mais em todos os meus livros.[91]

Pouco mais de dois anos após esta afirmação, Artaud morreria. Hitler já havia se suicidado há alguns meses, mas, nos tempos dos poderes ilimitados, o arquiteto Albert Speer teria apresentado ao ditador um plano para que levantassem um Reich imponente, a partir de enormes construções projetadas segundo o "princípio de ruínas": versões das plantas que eram desenhadas por Speer previam a deterioração milenar dos monumentos que ainda seriam levantados, inspirados pela ideia de sintetizarem-se, em uma só civilização grandiosa, Atenas, Esparta e Roma.[92] Hitler e seu arquiteto se entendiam muito bem, compartilhavam o desejo de construção de uma soberania inabalável pelo tempo, que anulasse o caráter efêmero da história: queriam ser lembrados no grau da Eternidade, na indestrutibilidade da dominação que poderia ser exercida pela *exibição do resto*.

Desde o início do século XIX, é conhecida a história de Sarah Baartman, dos khoisan, que foi levada para a Europa com a finalidade de ser exibida em feiras como

---

[91] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 3.* Madrid: Editorial Fundamentos, 1980, p. 117 e 118.
[92] A esse respeito, ver o documentário "Arquitetura da Destruição", de Peter Cohen. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gDqGT4xepjQ> Acesso em: 12 abr 2018.

aberração. No processo de colonização sul-africano, os holandeses iniciaram o genocídio dos khoisan e os apresentaram para o mundo europeu como *hotentotes*, que significa “gagos”, em razão da sonoridade de suas línguas, que incorporam variações de cliques (estalos produzidos no céu da boca). Baartman foi transformada em uma espécie de paródia da Vênus Calipígia, uma estátua romana esculpida em mármore branco, do século I a.C., exposta no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles e exaltada por suas “belas nádegas”. A estátua seria todavia a cópia de uma Afrodite grega muito mais antiga. Chamada de Vênus Hotentote, Baartman aparecia seminua nos palcos, para que os europeus conferissem suas nádegas proeminentes, que consideravam uma atrativa bizarrice, uma monstruosidade que poderia ser tocada, caso alguém quisesse atestar a veracidade do que via. Após a morte de Baartman, o naturalista francês Georges Cuvier produziu uma estatueta de gesso a partir de seu corpo e preservou seu esqueleto, seu cérebro e órgãos genitais em formol: os pedaços serviram à tese que Cuvier apresentou à *Académie Nationale de Médecine*, defendendo que sua Vênus seria mais um parente de macacos que propriamente um corpo humano; além disso, o mundo todo pôde visitar tais peças conservadas entre as obras do Museu do Homem, em Paris, até 1974. Depois de vários pedidos para que seus restos mortais deixassem a Europa, Sarah Baartman foi enterrada na África do Sul somente em 2002, mediante intervenção oficial de Nelson Mandela[93].

Do litoral da terra de Mandela, recentemente pôde-se conhecer também os destroços de um navio negreiro português, que afundou em 1794. Em junho de 2015, vários jornais pelo mundo anunciaram que mergulhadores estadunidenses e sul-africanos confirmaram haver encontrado os pedaços da embarcação perto da região costeira da Cidade do Cabo. O São José Paquete África teria saído de Moçambique, carregando de 400 a 500 nativos raptados, para que fossem vendidos no Maranhão,

---

[93] PARKINSON, Justin. *Sarah Baartman*: a chocante história da africana que virou atração de circo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab> Acesso: 15 jan 2018.

mas colidiu com algumas rochas próximas ao continente e afundou, matando 212 destes: muitos estavam acorrentados e não puderam nadar. Os que se salvaram do afogamento, foram comercializados. Os restos do navio estão expostos no *National Museum of African American History and Culture*, em Washington, nos EUA.[94]

Outro navio negreiro foi encontrado afundado na Baía da Ilha Grande, em Angra dos Reis (RJ), mas desta vez o naufrágio teria sido proposital. O veleiro estadunidense, denominado Camargo, também partiu de Moçambique, porém em 1852 (quando o tráfico já estava proibido por lei), com aproximadamente 600 prisioneiros. Aqueles que não morreram durante a viagem e, portanto, não tiveram seus corpos descartados no fundo do Atlântico, chegaram aqui como mercadoria tão lucrativa que, para não deixar rastros do crime, o tumbeiro (como eram conhecidos esses navios) fora incendiado pela própria tripulação. O grande comprador dos escravos desembarcados era o comendador Joaquim José de Souza Breves, "o rei do café", que teria sido processado, mas inocentado. O comandante Nathaniel Gordon conseguiu fugir do Brasil, mas não escapou do julgamento nos Estados Unidos, tornando-se o único traficante de escravos condenado e executado naquele país.[95] Em uma nota do The New York Times lançada um dia após a execução de Gordon, em fevereiro de 1862, pode-se ler:

> Que nos desculpe sua família e amigos, mas não podemos deixar de nos alegrar com o fato de que o comércio de escravos recebeu um golpe tão duro. Nossa cidade foi desgraçada por tempo suficiente. Todo o nosso país compartilhou essa desgraça. Nós nos alegramos na crença de que as perspectivas são mais brilhantes para o futuro, e que a severidade com a qual a lei foi executada neste caso será eficaz para a destruição de um crime tão enorme dentro das fronteiras, não apenas desta cidade, mas de toda a terra.[96]

---

[94] Notícias disponíveis, por exemplo, em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2015/06/1636218-navio-negreiro-que-naufragou-com-escravos-e-encontrado-na-africa-do-sul.shtml>; <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/historia/o-tragico-fim-do-navio-negreiro-sao-jose-paquete-6in3uc5e2yht69nxctmsvh3fd/>; <https://www.nytimes.com/2015/06/02/opinion/finding-a-slave-ship-uncovering-history.html> Acesso em: 18 jun 2018.

[95] Ver: RAMBELLI, Gilson. Tráfico e navios negreiros: contribuição da Arqueologia Náutica e Subaquática. *Revista Navigator*: subsídios para a história marítima do Brasil, v. 2, n. 4, pp. 59-72, 2006.

[96] Disponível em: <https://www.nytimes.com/1862/02/22/archives/the-execution-of-nathaniel-gordon.html> Acesso em: 17 mar 2018.

Gilson Rambelli, que hoje é professor do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, foi quem assumiu a coordenação de uma pesquisa acerca do Camargo, intitulada “Arqueologia subaquática de um navio negreiro: a história que não está nos livros”[97]. Ele diz que

> (...) foi bem interessante constatar que, dentre a enorme variedade de navios afundados, visitados sempre por mergulhadores, esse ficou esquecido justamente porque envolvia a temática do navio negreiro. É como se, num acordo tácito, todos dissessem, ‘vamos deixar isso quieto, não vamos mexer nessa história, deixa cair no esquecimento’.[98]

Parece, contudo, considerando eventos como estes, que envolvem a ideia de uma matéria que teria remanescido no tempo – os pedaços de Sarah Baartman, os destroços revelados de um tumbeiro, a história naufragada de outro etc. – que, se a necessidade de olhar para aquilo que foi escondido no tempo é mesmo indiscutível, não bastaria trazer à tona os restos: note-se que tanto a exibição do traficante executado à sua comunidade quanto o ocultamento do navio negreiro para os brasileiros figuram a mesma intenção: passar a limpo a História. Esconder e exibir são um maquinismo (no sentido artaudiano que se permite pensar até aqui) amplamente usado na fabricação do tempo linear, sucessivo: cria-se sempre, para a noção de presente, um fundo emergente, falsamente limpo, em branco, sobre o qual uma superação do passado poderia ser afirmada; reforça-se a ideia de liberdade (tudo poderia ser criado). E mesmo que toda variação de fundos acabe criando um cenário de exclusões, têm-se a sensação de que o agora é “mais verdadeiro”, a mais pura realidade.

Esta compulsão pelo “mais real”, que se agrava em meio a uma muito mencionada crise de representações, é um tema também abordado por Ileana

---

[97] Dados de pesquisa disponíveis em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/48260/arqueologia-subaquatica-de-um-navio-negreiro-a-historia-que-nao-esta-nos-livros/> Acesso em: 01 maio 2018.
[98] Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/28019/navio-negreiro/> Acesso em: 01 maio 2018.

Diéguez, professora da Universidad Autónoma Metropolitana, no México. Um ponto importante que a pesquisadora problematiza é a difundida intenção de abolir-se o mundo representacional (no sentido de evitar-se uma falsidade, um simulacro) em nome da apresentação de um real imediato: ela explica que este apelo pode ser comumente encontrado, inclusive, em muitos discursos que legitimam certas formas no teatro contemporâneo, mas,

> Indo além da questão propriamente teatral, o debate da representação como substituição de "verdade e presença" deveria considerar os inevitáveis deslocamentos da presença, sua disseminação na diferença. A presença como desocultamento ou aparição, regresso à origem, à pátria da legitimidade, também sugere "a nostalgia de uma presença oculta sob a representação" e o enlace com as tramas da autoridade e os fundamentalismos.[99]

Deve-se lembrar, considerando espaços de pensamento possibilitados por Diéguez, que o contexto mexicano atual apresenta cotidianas e crescentes operações representacionais de dominação, que se dão tanto pelo ocultamento quanto pela exposição de corpos brutalmente assassinados. À exorbitante cifra de "desaparecidos" e à descoberta de muitas valas clandestinas, soma-se a espetacularização dos cadáveres como mensagens de poder. Diéguez – dialogando mais evidentemente com o já mencionado conceito de necropoder/necropolítica, de Achille Mbembe – propõe, para estas "teatralidades da violência" que convocam "imaginários do horror", o termo *necroteatro.* Esta noção diz respeito não apenas à morte, à matança, mas refere-se à fabricação de uma linguagem específica que se dá a ver no dilaceramento do corpo morto. Nestas cenas,

> os usos do corpo coberto, mutilado ou desfigurado servem para outros propósitos, mais além de cobrir ou desaparecer o inimigo: buscam expor sua degradação à vista de outros e dar a isto um sentido,

---

[99] DIÉGUEZ, Ileana. *De malestares teatrales y vacíos representacionales:* el teatro trascendido. In: CORNAGO, Óscar (Org.). Utopías de la proximidad en el contexto de la globalización: la creación escénica en Iberoamérica. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2009. Tradução nossa.

> utilizando a disposição desses fragmentos para fazê-los falar e produzir uma mensagem corporal que expanda o terror.[100]

O que parece haver em comum entre estas utilizações discursivas do cadáver desmembrado, que remetem à análise foucaultiana da soberania exercida por meio do suplício, e a potência conservadora de um império em ruínas, como sonhavam Speer e Hitler, é sem dúvida uma operação de fragilização da vida, triunfo das lógicas operadas por dois polos "negativos". Acontece que o efeito provocado pela linguagem do resto, nestes casos, talvez se dê pela manipulação da imaginação dos cidadãos-espectadores: segundo os planos nazistas, as ruínas seriam projetadas para que se entrevisse a civilização esmagadora que deveriam imitar; no caso das cenas necroteatrais, os pedaços 'mensageiros' talvez já quase não falem em nome da memória de um corpo vivo, porque a necessidade imediata de quem os lê é imaginar a presença já invisível do cadáver inteiro. Possibilitou-se, assim, a positivação do corpo morto ou, em outras palavras, o espaço imaginativo da vida se limitou ao fundo maquinado entre o cadáver que preserva sua identidade e pedaços imemoráveis de um defunto.

Desse modo, se "O texto corporal produzido nestas circunstâncias constitui o emblema mais poderoso para o exercício do medo"[101], também pode-se pensar que, inerente a este afeto paralisante, que tenta "educar" para a submissão, acontece um tipo passivo de recrutamento dos vivos à política de guerra, a criação de uma subjetividade que tem, como única ideia de vida, a sobrevivência: a espetacularização dos restos não disseminaria, também nos espectadores, um sentimento de inimizade análogo ao que move matadores? Não uma oposição aos que destroçaram um "semelhante", mas a aversão àquilo que deixou de ser até mesmo um corpo morto, para representar um familiar resto comunicante. Um corpo desmembrado pode se tornar, pois, um inimigo de todos. A ilusão criada por tais ruínas coloca a sobrevivência

---

[100] DIÉGUEZ, Ileana. Necroteatro: Iconografías del cuerpo roto y sus registros punitivos. In: *Investigación Teatral* Vol. 3, Núm. 5. Invierno 2013-2014, p. 18. Tradução nossa.
[101] Ibidem, p. 17. Tradução nossa.

em primeiro plano, e o sobrevivente é aquele que escolhe enrijecer a própria carne para proteger as fronteiras do corpo, ainda que pague o preço de “viver morto”.

Artaud, com todos os maquinismos da Guerra replicados no cárcere de um asilo de alienados, lutando contra a devastação do corpo, do espírito, da linguagem, observava o mundo:

> Veja você, minha querida Anne, que em sete anos de reclusão acabei por aprender muitas coisas. E, acima de tudo, comprovo uma coisa: é que os seres ainda se creem vivos quando estão mortos. Vivem com essa famosa crença de que a vida pode durar e que têm um destino a ser realizado nesta terra. Mas eu não acredito, em absoluto, que seja deste lado da terra onde cumpram seu próprio destino, porque na verdade a alma de todos eles abandonou a vida. Para mim, os homens vivos, e isto faz muitos anos, já não são propriamente falando, e sim espectros, os espectros de outro, o Outro que já não está aí. E quanto mais passarem os anos, mais tornar-se-ão espectros, espectros, quer dizer, *demônios*. Estes demônios são obstinados por viver como se ainda fossem homens, quando não são mais que demônios. E nós nos encontramos todos nesta situação. E eu também. Passo meu tempo fazendo voltar a minha alma ao meu corpo, porque ela me abandona a custa de desolação, de sofrimento e de horror. Este mundo é feio e os homens são vis e condenados. Não sabem e não querem acreditar nisto. Ainda que seja, entretanto, a verdade. Tudo isto para lhe dizer que levo sete anos sofrendo e que já estou farto.[102]

Naturalmente, o cenário de um mundo arruinado triunfa seu mal, se não no medo, na melancolia. Quando Artaud morreu, em 1948 (faz exatamente 70 anos), a revista francesa *84* publicou um número em sua homenagem. Seu amigo, Jacques Prevel, escrevera na ocasião:

> Não tenho certeza de que o mundo não esteja ameaçado com sua morte. Quando ele vivia, restava ainda alguma indizível arquitetura no céu e essa catedral que desabará em breve, como ele dizia, eu os desafio a percebê-la ainda na bruma. Quando a solidão aumenta, não existem mais do que ruínas por toda parte.[103]

Quando Artaud nasceu, em 1896, Friedrich Nietzsche já estava mergulhado há um bom tempo em sua década sem palavras, com o olhar paralisado longe. E, no dia

---

[102] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981. Tradução nossa. p. 164

[103] PREVEL, Jacques apud MÈREDIEU, Florence. *Eis Antonin Artaud.* São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 971.

da morte do filósofo alemão, Hitler era uma criança de onze anos, vivendo em uma cidadezinha no norte da Áustria. Os livros de Nietzsche eram admirados por Hitler, e há quem defenda uma ideia, empreendida também por sua irmã Elisabeth Förster-Nietzsche, após sua morte, de que sua filosofia se associava ao Nacional-Socialismo. No entanto, as palavras restadas de Nietzsche muito provavelmente foram lidas por sua irmã e pelo ditador como quem procura um pedaço de fundo a ser desenterrado e superficializado[104]. Usaram, pois, o cadáver. Pode-se notar que, pelo menos a história como processo melancólico, muito ativa no princípio de ruínas criado pelos nazistas (que era, no fim das contas, o projeto de memória do Terceiro Reich), já estava denunciada nas considerações de Nietzsche:

> Pois eles não querem que o grande surja: seu meio para isto é dizer: "Vede, o grande já está aí!" Em verdade, o grande que já está aí lhes importa tão pouco quanto o grande que surge: sua vida dá provas disto. A história monumental é um traje mascarado, no qual seu ódio contra o que é poderoso e grande em seu tempo se faz passar por uma admiração saciada pelo que há de grande e poderoso nos tempos passados. Envoltos neste disfarce, eles invertem o sentido próprio daquele tipo de consideração histórica e o transformam em seu contrário; quer eles o saibam claramente ou não, agem em todo caso desta forma, como se o seu lema fosse: deixem os mortos enterrarem os vivos.[105]

Movia o pensamento de Nietzsche uma ideia de que “um excesso de história prejudica o vivente”[106], e contra os excessivamente históricos – aqueles que não sabem viver além da melancolia – o filósofo sublinhou uma presença paradoxal no presente: não o resto do passado, mas a potência da extemporaneidade. Era esta ideia apresentada por Nietzsche que facilitaria concepções como as de Giorgio Agamben, que se refere ao alemão para propor o paradoxo do que viria a ser o *contemporâneo*: segundo Agamben, “significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida

---

[104] Sobre isso, ver: RÊGO, José Lins do. *O Nietzsche de Hitler*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cniet/v37n3/2316-8242-cniet-37-03-00088.pdf> Acesso em: 14 abr 2018
[105] NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003, p. 24.
[106] Ibidem, p. 17.

para nós, distancia-se infinitamente de nós”[107]. De modo semelhante, Gilles Deleuze e Félix Guattari também já haviam dito:

> É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada. Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de “a atualidade”. O atual ou o novo, talvez seja a *energeia*, próxima de Aristóteles, mas ainda mais de Nietzsche (embora Nietzsche o tenha chamado de o inatual).[108]

De certa forma, a potência não melancólica da história está também em toda a metodologia de pesquisa praticada por Foucault. A arqueologia e a genealogia, em seu caso, foram relacionadas ao trabalho do presente. Nem a produção de uma peça de museu, nem a afirmação de um modelo arborescente, um efeito que se percebe na leitura de Foucault é justamente uma disponibilidade para aquilo que esteve à margem da História: seu interesse por certos arquivos produzia uma espécie de ativismo contra o *Universal* (dentro de um campo produtor de textos *universitários*). Praticava, a partir do que teria sobrado para contar história, a abertura ao presente (e do presente), que Deleuze definiria como a tal rachadura. Sem essa certeira ruptura, também Achille Mbembe não teria podido enxergar as forças específicas deste tempo. E, obviamente, pode-se juntar aqui a atitude da pesquisadora Ileana Diéguez, que foge do maquinismo criado entre as ficções do real puro e da representação enganosa, procurando produzir palavras não *sobre* o que seria um campo de investigação determinado por interesses acadêmicos, mas *caminhando com* quem busca os corpos de seus seres queridos. A esperança de poder fazer o luto, neste caso, é também a chance de incluir na história outras textualidades, perturbando o campo de

---

[107] AGAMBEN, GIORGIO. O que é o Contemporâneo? In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 65.
[108] DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 113.

representações (ou “presentações”, não importa) que padece pela dominação da gramática do terror.

Artaud também leu Nietzsche sem reduzi-lo. O filósofo figura entre aqueles que menciona como as tais “lucidezes superiores” silenciadas pela “consciência geral da sociedade”[109]. Na tese escrita já depois de sua saída de Rodez, em que defende Van Gogh (quem haveria sido, portanto, suicidado por esta consciência social geral), ele se pergunta: “o que é um autêntico alienado?”; e responde: “um homem que a sociedade não quis ouvir e a quem ela quis impedir de dizer verdades insuportáveis”[110]. É mais ou menos neste período que Artaud inclui Nietzsche nessa lista, mais precisamente em uma das cartas enviadas a André Breton, em que explica furioso outra vez o “enfeitiçamento” dos maquinismos – nesta ocasião, ele denomina “manobras obscenas”, “matemáticas”[111] – que teria decidido a alienação do filósofo, assim como o destino de Van Gogh, o estrangulamento de Gérard de Nerval, a morte misteriosa de Edgar Alan Poe etc. E completa dizendo que esta primeira decisão seria seguida, assim, de outras manobras deste feiticeiro conjurado pelas almas dos viventes, uma prática “para esconder, e esconder de si mesmo ao esquecer”[112].

Nietzsche propõe – contra este esquecimento forçado, ocultação de cadáveres – um esquecimento que seja tão vivo quanto a lembrança, uma a-historicidade tão importante quanto a história nos processos da memória. Em oposição ao “coveiro do presente”, diz ele,

> penso esta força crescendo singularmente a partir de si mesma, transformando e incorporando o que é estranho e passado, curando feridas, restabelecendo o perdido, reconstituindo por si mesma as formas partidas.[113]

---

[109] ARTAUD, Antonin. Van Gogh – O Suicidado da Sociedade. In: *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 262.
[110] Ibidem, p. 260.
[111] ARTAUD, Antonin. *A perda de si*. Seleção, organização e prefácio: Ana Kiffer. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, p. 129.
[112] Ibidem, p. 129.
[113] NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003, p.10.

A radicalidade deste pensamento, em Nietzsche, está no fato de que não existiria uma vida a ser cultuada *apesar da* história. Em outras palavras, o resto é uma invenção. A crença neste presente seletivo, que escolhe os pedaços com que se constrói e devém presença absoluta, foi exatamente o que promoveu a generalização da política da sobrevida (que, sem vacilo, já pode ser vista em avançado deslocamento aos processos de subjetivação por *sobremorte*).

Sob esta outra prática, a *incorporação* das formas partidas, não se pode mais apenas olhar para o famoso quadro de Paul Klee, intitulado *Angelus Novus*, em cima do qual Walter Benjamin imprimiu sua leitura, identificando-o como o "Anjo da História"[114], sem que se contemplem, isto é, incorporem (de modo a ativar o presente, claro) todas as camadas que se depositaram desde então sobre a tela: se o Anjo olha a tempestade do passado em ruínas, Walter Benjamin vê o anjo e, depois disso, muitos assistiram Benjamin projetando sua alma no Anjo, que seguia olhando a tempestade que – se assim é possível pensar a dimensão da arte e da vida – espreitava Paul Klee. Em outras palavras, para se estar à altura desta política/ética/estética da incorporação, o corpo precisa estender-se ao infinito da história. Neste cenário sem fim, vive-se um movimento análogo ao movimento que David Lapoujade destaca no pensamento de Deleuze: "Se é importante segui-lo, não é para remontar a um derradeiro fundamento, mas para *trazer à tona o sem fundo* que rosna sob o fundamento"[115].

Artaud, em Rodez, escreveu uma carta a Pablo Picasso, após se entusiasmar admirando uma reprodução da pintura de *A Mulher que Chora*, em um periódico francês. Como se tivesse sido interpelado sobre os vínculos da história sem fundo com a palavra, ou seja, nomeando a linguagem que ameaça o esquema de fundamentos, diz:

---

[114] Benjamin descreve o quadro como um anjo de "olhos escancarados" diante da tempestade do passado que, pela ideia de progresso, "o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu" (BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 226).
[115] LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015, p. 35.

> (...) depois de tantas batalhas míticas que resultaram cabeças de profetas estilizadas sobre navios conservados ou perdidos, depois de tantos corpos de seres pendurados sobre os muros das construções etruscas ou nas uterinas cavernas parietais das tumbas, pintadas como uma ossada, fica
>
> pas ta safer dezi traba
> pas memunka narida
>
> *testemunho*, consciência suprema, pó dos desvanecidos.[116]

Doença **[*sobre a autodestruição*]**

Há um relato conhecido entre os praticantes da doutrina espírita, acerca da manifestação do espírito de um homem parisiense que alugara um gabinete para banho no famoso *La Samaritaine* e, algumas horas depois, fora encontrado morto por um funcionário: "o infeliz degolara-se com uma navalha e todo o seu sangue misturava-se à água da banheira"[117]. Seis dias após sua morte, o suicida teria sido evocado por Allan Kardec em uma sessão mediúnica, para passar por uma série de perguntas acerca de sua nova condição de existência. Essa "metodologia" de Kardec, como conta a história da doutrina, tencionava trazer à *luz* da ciência fenômenos relegados às trevas do misticismo. Segundo a revista, aconteceu então que, para a surpresa do médium, o espírito não tinha consciência de seu estado, não se acreditava morto:

> Esta dúvida da morte é muito comum nas pessoas recentemente desencarnadas e principalmente naquelas que, durante a vida, não elevam a alma acima da matéria. É um fenômeno que parece singular à primeira vista, mas que se explica naturalmente. Se a um indivíduo, pela primeira vez sonambulizado, perguntarmos se dorme, ele responderá quase sempre que *não*, e essa resposta é lógica: o interlocutor é que faz mal a pergunta, servindo-se de um termo

---

[116] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 2*. 3 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1986, p. 154 e 155. Tradução nossa.

[117] KARDEC, Allan. *Revista Espírita*: Jornal de Estudos Psicológicos. Brasília: FEB, 1858. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf> Acesso em: 02 jan 2018, p. 259.

> impróprio. Na linguagem comum, a idéia do sono prende-se à suspensão de todas as faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e sente, que tem consciência da sua liberdade, não se crê adormecido, e de fato não dorme, na acepção vulgar do vocábulo. Eis a razão por que responde *não*, até que se familiarize com essa maneira de apreender o fato. O mesmo acontece com o homem que acaba de desencarnar; para ele a morte era o aniquilamento do ser, e, tal como o sonâmbulo, vê, sente e fala, e assim não se considera morto, e isto afirmando até que adquira a intuição do seu novo estado.[118]

Nos trabalhos realizados dentro dos centros espíritas kardecistas hoje, não é incomum que algum médium comece a se debater, como se tentasse espantar da pele algo que lhe causa muito incômodo. Para a crença desse grupo religioso, trata-se da manifestação de espíritos que não aceitam estar mortos, porque, de alguma forma, apegaram-se demais à matéria, não se desligaram completamente do corpo. "Viveriam" um estado que teria levado o suicida do Le Samaritaine a dizer, quando evocado: "não estou morto... e, no entanto, sinto os vermes a me corroerem"[119].

Nelson Moraes é um médium brasileiro que teria psicografado o romance *Um Roqueiro no Além*, a partir da comunicação estabelecida com um espírito que se apresenta como Zílio. Ali, o morto também se espanta ao perceber que está dentro de um caixão, impossibilitado de mover-se; assiste ao seu velório, preso em um corpo que já começa a feder. Quando consegue se desprender da matéria e caminha pelo cemitério, precisa também sacudir os vermes que caem aos montes de si mesmo. Mas só se liberta dos sofrimentos de um corpo em decomposição, quando julga sua vida e entende que foi também um suicida: não cortara a garganta, como o francês do Le Samaritaine, mas, informa o livro, abusara do álcool e de outras drogas. O tal roqueiro brasileiro famoso, no Além, reflete:

> Na verdade, fui um equivocado, apontei tudo que eu achava que estava errado, mas não soube indicar o certo. Minhas intenções eram boas, mas minhas atitudes eram contraditórias. Em vez de atacar e ferir o sistema, eu deveria ter contribuído para transformá-lo. Não corri

---

[118] KARDEC, Allan. *Revista Espírita*: Jornal de Estudos Psicológicos. Brasília: FEB, 1858. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf> Acesso em: 02 jan 2018, p. 263.
[119] Ibidem, p. 262.

> atrás do ouro dos tolos, mas, na cama de meu apartamento, fiquei com a boca aberta esperando a morte chegar. Ela chegou antecipada! Veio convidada pela minha insensatez. Em vez de repousar em seus braços, ela agora fazia arder minha consciência. No auge da minha angustia, eu questionava:
> -Quanto tempo terei que ficar nesta situação? Ficarei aqui até o dia do trem passar? Será que vou? ou será que fico?[120]

Como se os trocadilhos ainda não fossem suficientes para identificar o astro misterioso, o espírito de Zílio deixa claro que se arrepende do ideal de uma Sociedade Alternativa, que defendia em vida[121]. O médium chega a lançar um segundo livro (*Há Dez Mil Anos*), em que o roqueiro reabilitado no plano espiritual aparece ainda mais disposto a contribuir para a reforma do sistema, totalmente curado de si mesmo (o que também equivale, é notável, a não mais conseguir fazer poesia com as palavras): "Hoje me sinto muito feliz quando deparo com um encarnado lendo meus depoimentos, muito mais do que quando encontro executando minhas músicas"[122].

O cantor e compositor Raul Seixas morreu na cama de seu apartamento em São Paulo. Era famoso por suas letras anarquistas e foi preso e exilado durante o governo dos militares, que desconfiavam de sua intenção de construir, no ano de 1974, uma anti-cidade em Minas Gerais. Durante uma entrevista para a extinta Record FM de São Paulo, Raul conta:

> Eu fui pego na pista do Aterro [do Flamengo, no Rio] quando eu voltava de um show. Um carro do Dops barrou o meu táxi e eu fiquei nu com uma carapuça preta na cabeça. Fui para um lugar, se não me engano, Realengo. Eu sinto que foi por ali, Realengo. Um lugar subterrâneo, que tinha limo. Eu tateava as paredes e tinha limo.
> E vinham cinco caras me interrogar. Tinha um bonzinho, um outro bruto que me dava murro, um que dava choque elétrico em lugares particulares e tudo. Eu fiquei três dias lá. Sabe, cada um tinha uma personalidade. Era uma tortura de personalidade. Eu não sabia quem vinha. Só sentia pelos passos.[123]

---

[120] MORAES, Nelson. *Um Roqueiro do Além.* São Paulo: Aliança, 2011, p. 15.
[121] Ibidem, p. 50.
[122] MORAES, Nelson. *Há Dez Mil Anos.* São Paulo: Aliança, 2014, p. 11.
[123] Entrevista de Raul Seixas a André Barbosa, pertencente ao arquivo do jornalista, parcialmente transcrita e disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/08/em-audio-de-1998-raul-seixas-relata-tortura-sofrida-durante-a-ditadura-militar> Acesso em: 27 jun 2018.

A morte do roqueiro baiano aconteceu na noite de 21 de agosto de 1989, em seu apartamento, na cidade de São Paulo. Como todos souberam, Raul Seixas, além de alcoólatra, era diabético (do tipo 2); esquecendo-se ou desobrigando-se de injetar insulina, ainda teria bebido demais[124]. Na linguagem dos espíritas, o suicídio de um irresponsável. Para a medicina, um autodescontrole fulminante.

Os médicos dizem que nem todo Diabético-tipo-2 apresenta um quadro clínico em que obrigatoriamente tenha que injetar insulina. O controle, para tal tipo de Organismo, poderia ser alcançado apenas com a mudança de alguns hábitos, com adaptação a outras rotinas, reeducação da vida. Já um Diabético-tipo-1 recebe o nome de Insulinodependente. Este Doente Crônico, que mais comumente recebe o diagnóstico quando criança ou até o início da idade adulta, foi identificado após autoarruinar-se, combater a si próprio, em um evento que acontece por "presença de auto-anticorpos contra constituintes da célula-beta pancreática, que participam da sua autodestruição"[125]. Com maiores detalhes, a *literatura médica* narra o episódio assim:

> Doenças auto-imunes como o DM1 envolvem a interação de diferentes subpopulações de linfócitos e células apresentadoras de antígenos. Entre estas populações celulares, estão incluídos os linfócitos CD4+ e CD8+, células B, células matadoras naturais (NK – *natural killer*), macrófagos e células dendríticas, que desempenham importante papel na geração da resposta auto-imune.[126]

O médico responsável pela terapia de eletrochoque em Rodez é o Dr. Latremolière, que também contribui para a literatura de sua área de pesquisa, tomando o asilo onde trabalha como campo de análise para escrever sua tese: *Accidents et incidents observés au cours de 1200 électrochocs* (Acidentes e incidentes observados no decorrer de 1200 eletrochoques). Este é aproximadamente o número de sessões que foram praticadas sob sua responsabilidade somente no período que

---

[124] Cf: FRANS, Elton. *Raul Seixas:* a história que não foi contada. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2000.
[125] SESTERHEIM, Patricia. SAITOVITCH, David. STAUB, Henrique L. Diabetes mellitus tipo 1: multifatores que conferem suscetibilidade à patogenia auto-imune. *Revista Scientia Medica*, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 212-217, out./dez. 2007, p. 214.
[126] Ibidem.

corresponde ao primeiro ano de internação de Artaud naquele hospital. Na tese, um dos dados apresentados pelo jovem doutor é “Antoine A., 46 anos, antigo toxicômano, atacado de psicose alucinatória crônica, com manias delirantes polimorfas luxuriantes”[127]. O dito acidente sofrido por Artaud em sua terceira sessão (a fratura de uma vértebra em razão dos fortes espasmos provocados pelo choque) aparece descrito em uma comunicação, redigida pelo residente e por seu chefe, o Dr. Ferdière, preparada para um encontro da Sociedade Médico-Psicológica:

> Obs. III. *Fratura com compressão da D8 e D9.* – Trata-se de um delirante crônico de 46 anos, apresentando um bom estado geral. Observa-se uma escoliose dorsal direita, no topo em D6. Na terceira sessão, dores dorsais violentas que forçam nosso paciente a manter uma postura rígida, com o tórax muito inclinado para a frente. A radiografia mostra uma compressão de corpos D8 e D9 que se encontram na “curva de retorno” da escoliose [...]. O repouso no leito faz que cessem os fenômenos dolorosos e novas sessões são praticadas sem inconvenientes.[128]

Quando recuperado, Artaud recebeu mais 55 sessões de eletrochoque. Após a fratura, acamado, escrevia cartas ao Dr. Ferdière, questionando o tratamento. Em uma delas, do dia 12 de julho de 1943, pode-se ler o ritmo urgente de sua reivindicação:

> Não teria sido necessário aplicar-me o eletrochoque, porque meu querido amigo eu sou verdadeiramente um homem sereno e sem delírios e não sei muito bem que maus ventos lhe passaram para me considerar de repente como louco quando eu lhe expunha tecnicamente em uma carta as modalidades ocultas segundo as quais *o Mal impõe sua biologia particular ao organismo humano*, mas sobretudo porque ao fazer isso *você me desmagnetizou* portanto me colocou em estado de menor resistência ante os assaltos das forças perniciosas que nos espreitam a todos e que são a causa de todas as nossas doenças tanto mentais como físicas ao atacar primeiro nosso cérebro e nosso sistema simpático e nervoso.[129]

---

[127] LATRÉMOLIÈRE, Jacques. Tese de medicina, 1944. apud MÈREDIEU, Florence. *Eis Antonin Artaud*. São Paulo: Perspectiva, 737.
[128] Cf: MÈREDIEU, Florence. *Sur l’électrochoc, le Cas Antonin Artaud*. Paris: Paperback, 1996, p. 102.
[129] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 3*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1980, p. 48 e 49.

A crítica à noção de doença, em Artaud, passa necessariamente pela crise do Organismo. Melhor dizendo, o paradoxo que coloca é o da necessidade de "dirigir" a crise, o que de modo algum deveria ser feito com a intenção de combatê-la, radicá-la, acalmá-la, mas levá-la aos seus fins desconhecidos. Estas ideias de facilitação e intensificação do que é certamente uma potencialidade destrutiva aparecem explicitamente na transmissão radiofônica *Para Acabar com o Julgamento de Deus*, quando a imagem de um refazimento de si está associada necessariamente com uma espécie de atentado contra a organização do corpo:

> Assim, agora é preciso emascular o homem. (...) Colocando-o de novo, pela última vez, na mesa de autópsia para refazer sua anatomia.
> O homem é enfermo porque é mal construído.
> Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúculo que o corrói mortalmente,
> deus
> e juntamente com deus
> os seus órgãos
> Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força
> mas não existe coisa mais inútil que um órgão.
>
> Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos,
> então o terão libertado dos seus automatismos
> e devolvido sua verdadeira liberdade.
> Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas
> como no delírio dos bailes populares
> e esse avesso será
> seu verdadeiro lugar.[130]

A imagem do "corpo sem órgãos" ficou bastante conhecida depois do destaque dado por Deleuze e Guattari, no famoso ensaio que compõe os *Mil Platôs*, intitulado *28 de Novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos*[131], em que, apesar desta chamada (própria dos manuais e das receitas), não se propõem a resolver o que para alguns é um grande incômodo, isto é, o que julgam uma "imprecisão" da linguagem artaudiana: "Até mesmo microrganismos são estudados com um instrumento de precisão, o microscópio. Tudo o que é imperceptível demanda

---

[130] ARTAUD, Antonin. Para Acabar com o Julgamento de Deus. In: *Escritos de Antonin Artaud*. Org. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983, p. 161 e 162.
[131] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

precisão”[132], diria Grotowski, por exemplo. Esta comparação, aliás, revela como – pelo menos neste texto produzido sobre a insuficiência da linguagem em *O Teatro e seu Duplo* – o diretor esteve infinitamente distante de Artaud, ocupando justamente o pedestal do julgamento contra o qual se direciona toda a crítica (a intensificação da crise, portanto) de suas palavras imprecisas: o lugar de deus que, com ou sem ele, acomodaria sempre um soberano e, por conseguinte, preservaria a *saúde* dos órgãos para “funcioná-los” de acordo com a necessidade de manutenção de tal soberania. Dizendo de outro modo, é possível notar que a extrema discordância acerca da noção de saúde – do corpo, da linguagem – é o que impede Grotowski de entender, ou melhor, *acompanhar* Artaud. Claro que o teatro contemporâneo pode enxergar, apesar das divergências, uma grande afinidade entre eles, mas às vezes isto serve apenas para aumentar a solidão de um corpo historicamente encarcerado, que dizia a seu médico: “Minha grande dor aqui foi que você não tenha ido nunca até o fundo da minha consciência como teria sido preciso para fazer-me uma total justiça e para cumprir completamente com seu dever”[133]. Aliás, um problema também notável, segundo o próprio Artaud, na relação entre Van Gogh e Theo:

> (...) Theo talvez fosse materialmente muito bom para seu irmão, mas isso não impede que o considerasse delirante, iluminado, alucinado, e se esforçasse, ao invés de acompanhá-lo em seu delírio, em acalmá-lo.[134]

Quanto a Deleuze e Guattari, logo no início do texto, nota-se que os autores se colocam em companhia de Artaud, adentrando as imprecisas estruturas de paradoxos que lhe são caras: o corpo sem órgãos (CsO) preexiste e também não, é preciso fazê-lo; “é não-desejo, mas também desejo”[135], eles dizem. E não interpretam a

---

[132] GROTOWSKI, Jerzy. Ele não era inteiramente ele mesmo. In: *Para um teatro pobre*. 3 ed. Brasília: Teatro Caleidoscópio; Editora Dulcina, 2013, p. 84.
[133] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 3.* Madrid: Editorial Fundamentos, 1980, p. 100.
[134] ARTAUD, Antonin. Van Gogh – O Suicidado da Sociedade. In: *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 271.
[135] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 9.

transmissão radiofônica, ou seja, não recortam o CsO como um pedaço de Artaud com o qual poderiam compactuar e a partir do qual descartar supostas rebarbas. Deleuze e Guattari parecem ter o CsO como lugar de partida não essencial, e sim material: é o ponto onde tocam o pensamento retorcido por Artaud, que poderia ser imaginado como uma porta de entrada aos paradoxos, é verdade, e também como um dos agudos vértices de uma estrutura feita para rasgar. É um choque, uma interpenetração, um atentado à anatomia da linguagem e à objetividade do corpo.

Agora, a recomendação de prudência é explícita (e, de certa forma, incômoda como um freio) durante o ensaio de Deleuze e Guattari. No início, eles reconhecem tratar-se de "uma experimentação não somente radiofônica, mas biológica, política, *atraindo sobre si censura e repressão*"[136], e oferecem nas páginas seguintes, como antídoto, a "prudência como dose, como regra imanente à experimentação: *injeções de prudência*"[137]. Dizem:

> É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circunstâncias o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. Imitem os estratos. Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente. Por isto encontrava-se desde o início o paradoxo destes corpos lúgubres e esvaziados: *eles haviam se esvaziado de seus órgãos* ao invés de buscar os pontos nos quais podiam paciente e momentaneamente desfazer esta organização dos órgãos que se chama organismo.[138]

No entanto, esta ideia não pareceria estranha a Artaud? Considerando que se voltam a uma conferência cuja intenção é colocar-se de vez um fim no julgamento de Deus, impossível não estranhar o tom paternal com que Deleuze e Guattari

---

[136] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 10. Grifo nosso.
[137] Ibidem, p. 11. Grifo nosso.
[138] Ibidem, p. 23.

perguntam: “Que aconteceu? Você agiu com a prudência necessária?”[139]. Soma-se aqui esta inquietação à voz de Laymert Garcia dos Santos que, entrevistando Guattari durante sua passagem pelo Brasil, diz:

> (...) eu me pergunto se é mesmo possível seguir a recomendação. Quando a gente se torna cada vez mais aberto aos devires – e também à violência desse processo – corre-se o risco de não mais *seguir* e sim de ser tomado pela viagem. Ainda haveria lugar para a prudência? E em que medida as precauções não falsificariam a viagem?[140]

Guattari responde diferenciando a *trip* e o *processo*. Afirma que “A questão da prudência surgiu precisamente em reação às mitologias espontaneístas de uma certa época. Não se tratava de tudo e de qualquer coisa, de improvisação, do ‘liberou geral’ etc.”[141]. Pode-se reconhecer aí que há mesmo um evidente risco, ainda que paradoxal, de conferir à experimentação a autoridade de Deus e sofrer as consequências disso: uma nova submissão ao Absoluto. Ainda que levantem a bandeira da experimentação, todavia agarram-se a algo. Neste caso, porém, não haveria uma enorme contradição na sugestão de prudência a quem se apropria da experimentação justamente por uma espécie de necessidade de segurança (ainda que negando-a)? Não seria esta ideia, se não a mesma, ainda muito próxima do autocontrole?

A partir desta diferença que Deleuze e Guattari pretenderam explicitar entre uma viagem de adoração à autodestruição e um processo gradual de destruição do organismo, que não é a morte, talvez pudessem ser pensadas duas diferentes atitudes: *incorporar* e *possuir*, que produziriam dois efeitos distintos, dois modos diversos de saúde.

Que não se esqueça disto: Artaud propõe que o corpo seja colocado outra vez na mesa de autópsia, a fim de que sua anatomia seja refeita, e diz que aquela será *a*

---

[139] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 11.
[140] SANTOS, Laymert Garcia dos.; UNO, Kuniichi; GUATTARI, Félix. *Confrontações*. São Paulo: n-1 edições, 2016, p. 17.
[141] Ibidem, p. 18.

última vez. Isto porque a incorporação não tenciona preservar qualquer fundo: ainda que se possa discutir se a vida sem fundos é ou não uma utopia, não se move com Artaud sem esta convicção; seria como quem intui que pode encontrar alguma coisa além do que alcança enxergar, mas não está animado o suficiente para deslocar-se; transforma-se em um cuidador da normalidade, converte-se no próprio ponto de referência para uma dada realidade. Em outras palavras, possui a si mesmo.

E eis o ponto em que o tema da prudência, entendido como economia das possibilidades de reterritorialização[142], não parece muito compatível com a proposta artaudiana: toda ação que reserva um índice de reorganização em um plano distinto (seguro) tem necessidade de reviver a anatomia do cadáver, que é a origem de toda a descoberta, ou melhor, toda a apropriação de um corpo como sistema organizado. O índice de reorganização, neste caso, não precisa sequer ser um órgão, nem mesmo uma célula: se o cadáver for totalmente perdido, basta que um pedaço de pensamento ou de linguagem extensivo à sua carne tenha sido colocado em formol, que o corpo retornará. Esta atitude de possessão está por toda parte, "Pois a lógica anatômica do homem moderno é jamais ter podido viver, nem pensar viver, a não ser como possesso"[143]. Verbos da modernidade: separar, possuir, dominar.

> E qual é, nesse delírio, o lugar do eu humano?
> Van Gogh procurou o seu durante toda a vida com uma energia e uma determinação estranhas,
> e não se suicidou num acesso de loucura, no transe de não alcançá-lo,
> mas ao contrário, tinha acabado de alcançá-lo e de descobrir o que ele era e quem ele era, quando a consciência geral da sociedade, para puni-lo por ter se desprendido dela,
> o suicidou.
> (...)
> Ela se introduziu, portanto, em seu corpo,
> esta sociedade
> absolvida,
> consagrada,
> santificada
> e possessa,

[142] SANTOS, Laymert Garcia dos.; UNO, Kuniichi; GUATTARI, Félix. *Confrontações*. São Paulo: n-1 edições, 2016, p. 20.
[143] ARTAUD, Antonin. Van Gogh – O Suicidado da Sociedade. In: *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 262.

> apagou nele a consciência sobrenatural que acabava de adquirir, e, como uma inundação de corvos negros nas fibras de sua árvore interna,
> submergiu-o num último torvelinho,
> e, tomando seu lugar,
> matou-o.[144]

Não se trata, talvez, de fugir à incorporação da sociedade: talvez os possuídos sejam simples negadores dela e, por isso, terminam possuídos; escolhem uma parte conveniente para preservar e são dominados pelo poder arruinador desta sobrevivente. A incorporação deve permitir a entrada de tudo – parece assustador –, mas só porque, adjacente ao ato de penetração, está a potência do incorporal, isto é, a possibilidade de não corporificar. E então que cuidado é possível aí para que a sociedade não acabe assassinando o incorporado?

Artaud responde em uma carta a André Breton como fez até o momento para escapar do golpe que foi dado em Van Gogh:

> (...) aprendi a me servir de certos meios de ataque ou de agressão que precedem todos os possíveis levantes da consciência da massa contra mim,
> é que a massa não me perdoa.
> Sabendo como as consciências se aproximam, uma da outra, através dos espaços, aprendi também a surpreendê-las, a observá-las bem, a escutá-las e a vê-las.[145]

Ele propõe sempre um novo ataque ao invés da conservação: “Eu não quero que de uma falsa anatomia do cosmos saia um esqueleto do qual serei obrigado a apertar a mão”[146]. E, ainda que Deleuze e Guattari não tenham vinculado a reterritorialização à territorialização do mesmo – dizem: “ter sempre um pequeno pedaço de uma *nova terra*”[147] – o que se faz quando o mundo todo parece usado e aos pedaços? Embora não estejam errados sobre a indispensável atualidade da

---

[144] ARTAUD, Antonin. Van Gogh – O Suicidado da Sociedade. In: *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 262.
[145] ARTAUD, Antonin. *A perda de si*. Seleção, organização e prefácio: Ana Kiffer. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, p. 131.
[146] Ibidem, p. 132.
[147] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 24.

experiência, a nova terra não é algo que se possui, não há nada de novo que se possa agarrar pelo caminho, mas o próprio corpo lançado à incorporação se torna todo terra, é uma produção que se dá despossuindo-se sem reservas. E isto não é a morte, não é uma negativa autodestruição. Artaud escuta em sua própria anatomia os maquinismos, as grandes obras, as casas de Deus, está incorporado delas. E, então, destrói em si mesmo esta organização que garante a submissão do corpo à ficção do "auto".

Quanto à sua morte, pode-se concordar com Deleuze e Guattari: o CsO "Não é tranquilizador, porque você pode falhar"[148], isto é, pode-se estar enfraquecido por todo tipo de feitiçaria, existindo apenas como um possuído, até entregar-se à exigência de um órgão ou de um pensamento. O que importa é que, nos sucessivos ataques habilmente efetuados por Artaud sobre si mesmo, ele deixou incômodos buracos na "sujeira unânime"[149] ou, numa metáfora mais exata, falhas decisivas no "crime organizado"[150].

> Tudo passará, o nada e a existência, mas o ser deste homem não passará, pois é nele que eles sempre desembocaram.
> O cadáver de Nanaqui desembocou em uma tumba, a de Germaine Artaud no cemitério Saint-Pierre, em Marselha.[151]

Deus [sobre a *palavra e o infinito*]

Pode-se ler em Nietzsche que um homem louco, gritando, foi quem invadiu o mercado pela manhã, carregando uma lanterna. Procurava Deus e, por isso, os descrentes começaram a fazer piadas. Perguntavam uns aos outros, gargalhando, se

---

[148] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 28 de novembro de 1947 – Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996, p. 9
[149] ARTAUD, Antonin. Van Gogh – O Suicidado da Sociedade. In: *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 261.
[150] Ibidem, p. 257.
[151] ARTAUD, Antonin. *Oeuvres complètes XV*. Paris: Gallimard, 1981 apud MÈREDIEU, Florence de. *Eis Antonin Artaud*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 972.

estaria o homem perdido como uma criança, se teria descido de algum navio, se estaria com medo, se emigrava. Riam, riam muito. Tinham muitas palavras para despejar sobre o louco, talvez todas, mas esses detalhes o filósofo não chega a dar. Na sequência, conta Nietzsche, "O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar"[152], gritando ainda:

> Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda 'em cima' e 'embaixo'? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e sagrado que o mundo até então possuíra sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará esse sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então![153]

E depois do grito, já no silêncio esgotado do louco, "também eles [os que riam] ficaram em silêncio, olhando espantados para ele"[154]. O louco voltou a falar apenas para confirmar-se como um autêntico delirante, ou seja, disse que ninguém ali o entenderia, porque falava do que ainda viria a ser. E essas são talvez as palavras mais conhecidas de Nietzsche.

Klaus Kinski sobe num palco em Berlin em 1971 – a casa está lotada – e dirige-se a um microfone para dizer seu texto. Anuncia o julgamento de Jesus Cristo: um homem acusado por suas tendências anarquistas, sua sedução, sua conspiração contra a autoridade do Estado; que tem cicatrizes nas mãos e nos pés e alega exercer

---

[152] NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 137.
[153] Ibidem, p. 137 e 138.
[154] Ibidem, p. 138. Grifo nosso.

a profissão de trabalhador; um homem cuja nacionalidade é desconhecida e é chamado também de Filho do Homem, Mensageiro da Paz, Luz do Mundo, Salvador. Ainda nestes poucos segundos de apresentação do acusado, alguém do público grita “Piadista!”: na sequência, um coro de espectadores ri. O ator faz uma pausa, mas continua apresentando seu Cristo humilde, nômade, seguido por gente imoral de todo tipo. Kinski apresenta a lista das pessoas que rodeavam o acusado: para cada inspiração, expira uma palavra (*blasfemas, apátridas, ciganas, putas, órfãs, desempregadas, vagabundas, desesperadas, criminosas, abusadas...*); em cada expiração, expulsa de si um excluído social, que os espectadores enxergam por alguns segundos, antes de ser tragado novamente pela boca e pelas narinas daquele que fala.

Kinski apresenta o Novo Testamento a partir deste Salvador (*Erlöser*). É interrompido várias vezes, a plateia está dividida. Muitos gargalham, outros aplaudem. O ator esbraveja para que se calem e, provocado, desafia um interventor a falar ao microfone, quer saber quem tem a maior boca. Um espectador, então, vai ao palco meio cambaleante, pega o microfone de Kinski, mete uma mão no bolso porque está tímido, pede desculpas à plateia por não ser um grande orador e recomenda que ela não se engane, porque se aquele homem fosse Cristo, diz, não teria mandado ninguém calar a boca, teria tentado outra vez convencê-los de sua grandeza. É aplaudido, muda de expressão, acha-se inteligente e desce do palco. Kinski grita, então, que não foi essa a atitude do Salvador: quando chicoteado, açoitou de volta (e na cara).

A conferência com Cristo é suspensa pelo menos duas vezes. Klaus Kinski – conhecido por suas parcerias com o cineasta Werner Herzog, protagonizando Woyzeck e Nosferatu, por exemplo – atira longe o microfone, abandona o palco; ouvem-se gritos, gargalhadas. Antes de sua saída, outro espectador sobe e não arreda o pé, quer falar e é ignorado por Kinski. Um segurança do teatro o tira à força

e o público se divide. Os acusadores bradam, na ausência daquela figura que respondia com a ira de Kinski e as palavras de Jesus Cristo: “Fascista!”.[155]

O artista cearense José Leonilson começa a gravar um diário, em janeiro de 1990. Conta suas experiências amorosas pela cidade de São Paulo, reage aos acontecimentos políticos nacionais e mundiais da época, contextualiza suas criações artísticas, descreve o que vê. Está às vésperas de completar a idade em que Jesus Cristo teria sido crucificado e produz obras como *I'm Always Provoking Family's Drama*[156]: uma pintura em que se vê, no fundo azul, além da referida frase, o esboço de um corpo (um homenzinho apenas contornado, como costumava desenhar) carregando uma bandeira também em branco, com outro homenzinho na horizontal, espetado pelo mastro da bandeira na altura do peito e que parece, ao mesmo tempo, estar flutuando: um duplo. A pintura pode ser vista no documentário *A Paixão de JL*[157], todo narrado pela voz do próprio Leonilson, justamente no momento em que o artista chora no gravador, dizendo que se sente como o personagem do filme *Paris Texas*: um andarilho que não sabe o que está procurando, mas admira as paisagens pelo caminho. As paisagens de Leonilson são os garotos que encontra, que desaparecem durante a caminhada.

Nas cartas escritas em Rodez, sobretudo até 1944, Antonin Artaud mostra viver um intenso cristianismo. Afirma-se um religioso, sobretudo porque já não seria Artaud, mas Antonin Nalpas, um sucessor, cujo corpo havia sido “refundido” por Deus[158] após a morte do primeiro. Renascera virgem, já que tinha a missão de lutar contra o Mal. Os médicos decidiram pelo eletrochoque como combate à dupla personalidade, pois as terapias de choque seriam capazes de “zerar” o paciente. Uma alternativa do tipo,

---

[155] Ver: *Jesus Christus Erlöser*. Klaus Kinski (ator); Peter Geyer (diretor). Alemanha: Universal/ Music/ DVD, 2009. 84 min, Dolby Digital 2.0.
[156] Leonilson, J. (1990). *I'm Always Provoking Family's Drama.* [aquarela e tinta preta sobre papel] São Paulo: coleção particular.
[157] *A Paixão de JL*. Direção: Carlos Nader. Brasil: Instituto Itaú Cultural, 2015. 82 min.
[158] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 35. Tradução nossa.

por exemplo, era a insulinoterapia: injetava-se o hormônio usado no tratamento de diabéticos para induzir o paciente ao coma hipoglicêmico.

Artaud destinava muitas de suas cartas ao médico responsável por aplicar-lhe as descargas de eletrochoque. Isto porque, diferentemente do chefe do asilo, o Dr. Latrémolière era católico. No entanto, o cristianismo de Artaud desagradava até o abade Julien (capelão em Rodez), que o considerava severo e repressivo. A biógrafa Florence de Mèredieu, por sua vez, interpreta: uma religiosidade tal "que pôde ter marcado uma personalidade frágil desde a infância"[159].

Mèredieu assume em muitos momentos um olhar como este, de fundo psicanalítico, para contar a vida de Artaud, o que diminui bastante as possibilidades de acompanhá-lo em seus interesses no período de internação, sobretudo nas questões referentes à religião e, de modo inerente, à sexualidade. A autora apenas sinaliza um "misticismo elevado" nas cartas e recai em tom descritivo, como se apresentasse o quadro (no sentido clínico), sem possibilidade de conviver ou afetar-se para escrever a partir de um registro que não desconsiderasse as elaborações feitas por Artaud. Outras vezes, investe, como se viu, na interpretação dos acontecimentos que elenca como evidências desde a infância do paciente, procurando um trauma sexual, uma "cena primitiva" para aquele que, em Rodez, "se consome no fantasma"[160]. Mas o que Artaud estava operando com suas palavras?

> (...) esses homens, Sr. Delanglade, e falo da humanidade inteira, na hora presente se converteram todos em demônios. Eu lhe digo, e é a razão essencial de querer escrever-lhe, que os tempos anunciados no Apocalipse de São João estão próximos e que chegou o momento em que o Anticristo encarnação humana do Pecado erigido contra Deus vai manifestar-se no Mundo e na terra em toda a sua vilania e seu Poder que a final de contas não pode ser outro que o poder do Nada.[161]

---

[159] MÈREDIEU, Florence de. *Eis Antonin Artaud*. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 743.
[160] Ibidem, p. 749-753; 794-799.
[161] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 23. Tradução nossa.

Parece que as práticas sexuais figuravam a Artaud, em seu contexto, totalmente integradas ao fundo maléfico de seu tempo (este tempo, talvez), que apenas Deus poderia combater: a adoração dos homens pelo sexo equivalia ao culto do Nada. E é a partir desta recusa de Artaud ao sexo e ao Nada que se pode entender, então, sua ideia de Deus: é preciso reinventar um sentido para o Criador, tanto quanto uma outra prática anatômica (antianatômica, certamente) para o homem. Deleuze, explicando Nietzsche, pode tornar compreensível a busca de Artaud:

> (...) a Nietzsche não importa se Deus está morto. É uma outra questão que ele levanta. Se Deus está morto, não há razão para o homem também não estar morto. Temos de encontrar outra coisa que não o homem. Não lhe interessa a morte de Deus, mas a chegada de outra coisa que não o homem. Essa é a arte das questões e dos problemas.[162]

O problema do sexo, para Artaud, cola-se a todo tipo de violência praticada para a manutenção do homem moderno, ou seja, liga-se às práticas de dominação: neste caso, não como simples fantasia erótica, sadomasoquismo, mas abuso (em seu amplo sentido). Logo no início de seu ensaio em defesa de Van Gogh, ele vai atestar a normalidade do pintor da seguinte maneira:

> Pode-se falar da boa saúde mental de Van Gogh que, em toda a sua vida, apenas queimou uma mão e, fora disso, não fez mais que cortar uma vez a orelha esquerda,
> num mundo em que se come todo dia vagina assada ao molho verde ou sexo de recém-nascido flagelado e enraivecido,
> tal como foi colhido à saída do sexo materno.
> E isto não é uma imagem, mas um fato abundante e cotidianamente repetido e cultivado por toda a terra.
> E é assim, por mais delirante que possa parecer essa afirmação, que a vida presente se mantém em sua velha atmosfera de estupro, de anarquia, de desordem, de delírio, de desregramento, de loucura crônica, de inércia burguesa, de anomalia psíquica (pois não é o homem, mas o mundo que se tornou um anormal), de proposital desonestidade e de insigne tartufice, de imundo desprezo por tudo aquilo que tem raça,
> de reivindicação de uma ordem inteiramente baseada no cumprimento de uma injustiça primitiva,

---

[162] DELEUZE, Gilles. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Filme dirigido por Pierre-André Boutang, 1996, 450 min. Transcrição disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf> Acesso em: 12 jul 2018.

> de crime organizado, enfim.[163]

Neste ensaio, suas ofensas aos psiquiatras não deixam de passar pelo assunto: “Não existe um psiquiatra, na verdade, que não seja um notório erotômano”[164], declara. Assim, a castidade, para Artaud, ainda era um modo de resistência ao discurso biológico sobre seu corpo. Nisto poderia residir mais uma de suas formas de vidência, isto é, Artaud parecia entender muito bem que o capitalismo se desenvolveria de modo a capturar todo tipo de força para a geração de dinheiro. É explícito a respeito dos psiquiatras:

> Eu conhecia um que se rebelou, há alguns anos, diante da ideia de me ver acusar assim em bloco todo o grupo de altos crápulas e de fanfarrões patenteados a que ele pertencia.
> Eu, senhor Artaud, me disse ele, não sou um erotômano e o desafio a me mostrar um único elemento no qual o senhor se baseia para fundar sua acusação.
> Basta que eu mostre o senhor mesmo, Doutor L., como elemento,
> o senhor carrega na cara o estigma disso,
> seu canalha ignóbil.
> É o focinho de quem mete sua presa sexual debaixo da língua e a revira em seguida como uma amêndoa, para fazer figa de um certo modo.
> Isto se chama fazer seu pé de meia e aumentar seu lucro.
> Se no coito o senhor não conseguiu gargarejar com a glote daquele jeito que o senhor sabe e gorgolejar ao mesmo tempo com a faringe, o esôfago, a uretra e o ânus,
> o senhor não pode se declarar satisfeito.[165]

Então, se Artaud precisou renascer Virgem e afirmar um sentido para Deus, há de se perceber que seu corpo e seu Deus se negam a funcionar a partir de uma estratégia de subjugação da matéria para extrair dela sua soberania. Nietzsche, em seu tempo, já havia alertado dos perigos da tal morte de Deus: suas sombras. Quer dizer, o filósofo sabia que não bastaria tirar Deus de seu lugar, porque certamente o lugar de autoridade não permaneceria vazio. O fundo que ampara Deus também é um maquinismo que o homem moderno não pode perder se não tenciona perder-se: ele

---

[163] ARTAUD, Antonin. Van Gogh – O Suicidado da Sociedade. In: *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 257.
[164] Ibidem, p. 258.
[165] Ibidem, p. 259.

não deseja viver desamparado como aquele homem louco que invade o mercado com uma lanterna acesa de manhã, comemorando estar livre da exigência de realidade. Nietzsche anuncia:

> Novas lutas – Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante séculos – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. – Quanto a nós, nós teremos que vencer também a sua sombra![166]

O problema da substituição nos jogos de poder não é o mesmo no caso do duplo de Artaud-Nalpas: note-se que aquele que nasceu depois da morte de Antonin Artaud em um asilo francês tomou o lugar do morto (seu corpo), mas o próprio corpo não foi conservado tal e qual existia, ou seja, o "lugar" já não estava praticado como absoluto: Deus havia *refundido*, como dizia, o corpo de Antonin Nalpas, seguramente de um modo não definido (ou não finito), livre dos fins biológicos, lucrativos, que criam precisamente a ideia da morte como finitude para a criação de uma falsa infinitude para a vida.

Esta ideia de Deus como um "prolongamento ao infinito"[167] vai ser explorada por Artaud a partir da imagem dos homens que o negam – ou inventam seus deuses controladores e controlados – porque não se interessam mais pela criação, querem chegar ao fim de si mesmos, à demarcação de seus limites: "Deus é demasiado insólito para eles"[168]. Nesse sentido, a própria Guerra que acontecia, ou melhor, "todas as guerras jamais foram outra coisa que assunto de religião"[169]. Todo o Problema do Mal para Artaud aparece nestas cartas mais "religiosas" como aquilo que impede o acesso a Deus. Desse ponto de vista, Este não teria nada a ver com aquele (com letra minúscula) que precisa ser raspado na mesa de autópsia em sua transmissão radiofônica, a fim de que se faça um corpo sem órgãos. A finitude deste deus

---

[166] NIETZSCHE. Friedrich. A Gaia Ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.135.
[167] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 26. Tradução nossa.
[168] Ibidem, p. 60. Tradução nossa.
[169] Ibidem, p. 120. Tradução nossa.

minúsculo, o animalúculo, coincide com as operações do Organismo. Em outras palavras, o verdadeiro Deus para Artaud, o insólito (não o do Julgamento) está encarcerado.

> Se Deus é tão bom por que então o Mal, a Dor, o ódio, não haveria podido fazer portanto que tudo isso não exista. Para que isso não exista Deus teria tido que permanecer confinado fora das esferas, ali onde está só consigo mesmo, quer dizer, com Jesus Cristo, o Espírito Santo, sua Mãe e a coroa de Anjos do Incriado.
> O criado é imediatamente a Desgraça porque o Infinito com o Tempo se rebaixa e se compromete com o finito. E todo o problema do Mal na terra e nas esferas não é mais que o Problema desta Desgraça.[170]

Artaud associa o Mal ao próprio problema da Obra: não se pode circunscrever a alma do Criador à coisa criada. E é tão verdade que seu Deus não está (ou não deveria estar) fora do mundo, que o homem disposto a criar teria, segundo seu pensamento, as mesmas possibilidades de Deus e correria os mesmos riscos de terminar preso. Ao amigo Delanglade, escreve: “Em geral a alma de um pintor está em sua tela, mas a sua sempre se sente adiante. Você viu passar coisas e as pintou mas se guardou muito de colocar-se dentro”[171]. E, por fim, esta luta contra o Mal deve vir precisamente do Anjo, que é um pouco do espírito de Vida que Deus teria “colocado à disposição do Ser”. Por um lado, “todo ser criado tem um”, isto é, existe para todos os seres (com letra minúscula) a possibilidade de buscá-lo, não há os essencialmente malvados no pensamento de Artaud; e, por outro, “a Animação de todo Ser é o Anjo”[172], ou seja, um Anjo comum e um Ser maiúsculo, uma coletividade. Isto explicaria bastante por que Artaud não desistia nem mesmo de seus psiquiatras.

Agora, não se pode conceber a luta de Artaud contra o Mal sem sua atitude ofensiva. Feria com suas palavras, tanto quanto amavelmente oferecia seu coração ao final das cartas. Se via toda a matéria encarcerada como ele e já sabia não haver salvação individual, precisava não apenas destruir sua organização própria, mas

---

[170] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 44. Tradução nossa.
[171] Ibidem, p. 42. Tradução nossa.
[172] Ibidem, p. 27. Tradução nossa.

encontrar modos de rasgar os corpos encerrados ao seu redor. Nesse ponto, Artaud e Nietzsche mais uma vez se encontram: “Parece-me também que a palavra mais grosseira, a carta mais grosseira, são ainda mais humanas e mais honestas do que o silêncio”[173], diz o filósofo. E completa: “atacar é em mim prova de benevolência, ocasionalmente de gratidão”[174].

Como se sabe, o problema do mal para Nietzsche, e por isso fez sua filosofia contra a reação, negando-se à vingança, era o problema do *ressentimento*. Em outras palavras, a ação do ataque teria sido diminuída em formas injustas de guerra, que aconteciam por desprezo ao inimigo: “quando se vê algo abaixo de si, *não há* que fazer a guerra”[175]. Pensando na atitude de Artaud, sempre um respeitoso ataque, pode-se destacar, como diz em sua correspondência, que talvez seja preciso resolver “em primeiro lugar esta abismal oposição que separa as faculdades do eu a fim de uni-las melhor em um amor comum”[176].

Um ressentido, para Nietzsche, é aquele que está doente. O mal triunfa quando “esmorece no homem o verdadeiro instinto de cura, ou seja, o *instinto de defesa e ofensa*”[177]. Deve-se considerar então que o ressentido é um silenciado. Assim sendo, o ressentimento não é um sentimento pessoal, uma qualidade inata ou desenvolvida de maneira própria, mas uma ação exercida: alguém está sob o ressentimento/silenciamento forçado por outro ou outros (ou todos). Do mesmo modo como Van Gogh não se suicidou, mas foi suicidado pela sociedade, se o ressentido não disse, se ele engoliu as palavras e amargou, certamente foi silenciado.

Klaus Kinski, naquela noite, esperou até conseguir falar. Desceu do palco e, já no meio dos espectadores que quiseram ficar para ouvi-lo, disse o texto mais baixo,

---

[173] NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 27.
[174] Ibidem, p. 30.
[175] Ibidem, p. 29.
[176] ARTAUD, Antonin. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981, p. 30. Tradução nossa
[177] NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 27.

quase como se atuasse para si mesmo a partir das palavras de Jesus. O corpo balançava lentamente como uma folha que já parece morta, mas ainda não caiu. Chegou ao final da peça. E testemunhou: “Meu esgotamento foi-se dispersando. Já não sinto meu corpo. Às duas da manhã, Tudo terminou”[178].

Leonilson seguiu encontrando seus garotos, bordando e pintando suas palavras e seus homenzinhos. Em 1991, recebeu o diagnóstico de aids. Continuou gravando tudo o que via até morrer, aos 36 anos. Conta, já com a voz fraca, que enxerga duas espirais ao pé da cama, no hospital. Na verdade, não sabe se elas estão fora dele ou dentro de sua barriga. Sua respiração soa mais alto que suas palavras. As espirais, ele diz, giram e ficam maiores, bamboleando. Anuncia que começou a alucinação: sente que é só energia viajando pelo céu; entra em um túnel (“*um pedaço aberto, outro fechado, um pedaço aberto, outro fechado...*”[179]) e sai. Percebe, então, que já havia atravessado o túnel da coluna vertebral, e que agora podia circular fora dela.

---

[178] *Jesus Christus Erlöser*. Klaus Kinski (ator); Peter Geyer (diretor). Alemanha: Universal/ Music/ DVD, 2009. 84 min, Dolby Digital 2.0.
[179] *A Paixão de JL*. Direção: Carlos Nader. Brasil: Instituto Itaú Cultural, 2015. 82 min.

3 ALTO-MAR

Teatro

Nenhum ator.

Gênero infantil.

Inacabada.

CENA 1

Aquele homem velho que nunca imaginou poder chegar a sê-lo – velho mesmo, que esqueceu-se da doença, está esgotado de vida e descrente da morte –, conseguiu chegar à praia e girou sua cadeira de rodas com o único meio braço que lhe sobrou e nem pôde ver o fabuloso redemoinho de areia que subiu, porque estava cego desde sabe-se lá quando, mas foi o responsável por iniciar o Apocalipse. A cabeça enorme de um bebê apareceu sobre o pescoço de poeira e o velho invisível gargalhava, embora não estivesse nem alegre nem triste. O cabeção de bebê não chorava porque tinha o espírito de um natimorto, que tentava chegar por outras barrigas, e sempre morto, mas produziu uns sons totalmente novos, de alta tecnologia, quando começou a girar mais rápido que o furacão abaixo de si e no sentido contrário, de modo que a coisa toda começou a se deslocar, meio voando, meio rastejando, e todas as pessoas que acompanhavam desesperadas o atentado iniciado por um velho (de quem já não tinham imagem alguma) e facilitado por uma cabeça gigante de bebê (que também já fora esquecida na velocidade) sentiram um pavor que passou rápido, porque a coisa toda se confundiu com outras máquinas e avançou em direção ao mar, parecendo inofensiva, não fosse pelo ziguezague imprevisível, atípico da natureza de uma máquina. As ondas eram violentíssimas, mas, como a coisa ziguezagueava, formavam-se em várias direções e terminavam quebrando-se umas sobre as outras,

sem engolir nada, exceto as buzinas dos navios que se aproximavam do porto. Tudo acontecia já tão rápido que os marinheiros do grande navio chinês carregado de contêineres demoraram para perceber que a coisa passou muito perto e fez a embarcação dar meia volta. Passados quinze segundos desde que o velho soldado amputado chegou rolando sua cadeira até a praia, a coisa já estava sobre as águas sem dono do alto-mar. E, como tudo tinha desaparecido aos sentidos, nenhum resto de corpo, de voz, de objeto era próprio nem propriedade, e abriu-se, portanto, um enorme orifício adornado de ossadas inteiras no meio do Atlântico. Ninguém ouviu transbordar do buraco um canto em língua desconhecida e a coisa entrou por si mesma. Depois, o orifício começou a se fechar e, no instante em que terminou de soar o último estalo de crânios se chocando, um jovem grego, capa de revista, que já não tinha o menor desejo sexual por quem quer que fosse e só pensava em trabalhar para pagar as dívidas do pai que havia se suicidado numa praça de Atenas, viu seu rosto no espelho do banheiro do escritório, depois de cagar distraído e bater uma punheta mecânica pra aliviar a ansiedade, e paralisou.

CENA 2

Narciso não viu seu rosto no espelho, e ninguém saberia precisar o que foi que Narciso viu para paralisar assim pra sempre. Ele nem se achava o bonitão, desde a primeira vez teve problemas para transar, mas parece que a experiência do espelho lhe causara um espanto sem volta. Com a camisa ainda aberta e as calças arreadas, ele nem viu quando uma gota de lágrima escorreu do canto de seu olho esquerdo e foi contornando em sua face o osso zigomático – bem proeminentemente grego – e seguiu encontrando a curva do maxilar bem angulado; e, sem cair, continuou passando lentamente pela lateral do pescoço esculpido pela perfeita combinação entre veias grossas e músculos fortes, e atirou-se pequenina direto para a fossa da

clavícula, onde descansou por mais ou menos um dia. Sem secar, encontrou uma mínima palpitação vinda da artéria subclavicular, suficiente para apreender uma vibração e transbordar quase imperceptível, correndo um pouco mais ligeira pelos relevos do abdômen liso, até atravessar os pelos, percorrer o pau murcho, suspender-se na glande ainda suja e

Anunciou-se a morte do Organismo para toda a comunidade indigente do intestino, toda espécie de matéria viva que nunca pôde ser chamada de Corpo agora partia para a devoração em liberdade: bactérias, fungos, vermes, todo bicho sem nome, invisível, correndo para os melhores órgãos antes da chegada dos urubus. Sentem dificuldade de locomoção, o corpo ainda está na vertical. Primeiro comem os pulmões, que são a carne mais mole. Os que têm medo da fome, ficam pelo intestino mesmo, devoram a própria casa. O pâncreas, como sempre, destrói-se por si mesmo, libera enzimas que o decompõem antes da chegada dos famintos. O fígado é mais resistente, mas não tanto quanto o cérebro, claro. Piscinas de sangue transbordam e atraem as baratas, que sobem aos punhados pelos ralos do banheiro e procuram os buracos de entrada. Mas é só quando o primeiro grande urubu se choca contra o vidro da janela, que Narciso desperta e começa a falar.

CENA 3

Um homem irreconhecível, segurando uma lanterna no meio da rua, dá uma entrevista para a repórter do telejornal da manhã, que sente vontade de vomitar:

– É a terceira vez que sonho com uma palavra. Não quero dizer que sonho imediatamente com a imagem de uma palavra, não vejo ainda letra alguma, mas estou nela, coincido exatamente com seu ponto de vista. A palavra sonha, eu sonho com ela, e é a terceira vez que vejo o mundo através de sua existência. Não há pessoas,

talvez seja um tempo futuro, já não há leitores de palavras. Deve ter acontecido em algum momento, depois de haver continuado existindo durante milhões de anos sem consciência de si, como foi com a nossa espécie, a palavra percebeu-se viva. Neste sonho, a palavra alucina com sua existência ancestral, antes do fim de um remoto mundo em três dimensões, provocado pelo triunfo de uma virtualidade que prometia a expansão infinita do real a partir de um sistema binário. O Homo sapiens sapiens, este que sabe que sabe, antes de provocar o grande colapso, acabou com toda possibilidade de contato e naturalizou a solidão. Foi assim que pessoas e coisas experimentaram o período agudo de uma vida ensimesmada, que vinha dominando a matéria por meio de outras tecnologias binárias, anteriores ao computador. Sem o grau de isolamento que alcançaram, pessoas e coisas jamais poderiam ter sido codificadas e exterminadas. Este período da história, quando o humano desapareceu, foi o final da Idade do Corpo de Concentração. No pesadelo que se repete, como uma gênese apocalíptica, no princípio era a Palavra, que, um dia, vagando pela interface das águas, viu-se refletida e parecia-se com os pré-históricos letreiros neon: “TOUCH”, dizia. E viu TOUCH que a ironia era boa; e passou TOUCH, por vingança, a criar novos Céus e Infernos. Quando acordei, não soube dizer se estava propriamente existindo. Pensando, eu estava. Foi assim que, olhando a minha cara no espelho, soube que Deus é sempre algo mínimo que sobra depois de uma devastação, e que um mundo todo ainda será criado por uma palavra em inglês, onisciente e inalcançável.

A repórter esperou alguns segundos de silêncio, alguém que passava riu e o telejornal seguiu com a previsão do tempo.

NÃO ESQUECER DE CONTINUAR

Carta

São Paulo, 19 de agosto de 2016.

Aqui de longe, Rancharia se tornou um lugar que vai sumindo da vista. Quando eu era criança, subia no lugar mais alto da casa que agora ainda me é insuportável estar, para olhar sozinho a estrada. Lá do alto, eu tinha, no mesmo quadro, os caminhões que passavam em direção a qualquer outro lugar e uma paineira que, a cada mudança de estação, estava completamente diferente. Eu sentia inveja daqueles caminhões que cruzavam a paisagem por apenas dois segundos e daquela árvore que até hoje está lá, vendo os caminhões passarem. Quando penso em infância, meus olhos veem outra vez tudo isso. Quando fecho os olhos, agora com 25 anos, e tento rezar por vocês que ficaram aí, a imagem de Rancharia não se completa. Na verdade, agora não sei muito bem se rezo por vocês ou pelo menino que ficou sentado no topo da escada no quintal. Fecho os olhos, meu corpo segue rápido pela rodovia, mas é noite e há muita fumaça, como se tivesse um pasto incendiado escondendo a cidade.

Eu nunca soube explicar muito bem, principalmente para vocês, por que eu vim até São Paulo fazer teatro. Por um lado, eu só queria mesmo estar longe, descobrir o que sentia um caminhão. Meu corpo tem sempre a urgência de ir embora, não quer durar mais de dois segundos diante do olhar de alguém. Por outro lado, penso que fazer teatro foi uma forma de experimentar ter apenas um corpo e, ao mesmo tempo, ser outro, como a paineira. Eu chamei de teatro qualquer momento que fui capaz de sair de mim diante do olhar do outro, qualquer experiência de movimento para fora. Hoje eu sei que aquela árvore também me via todo final de tarde e sentia saudade de um lugar apagado no tempo.

Entendi uma coisa muito difícil. Sinto que tive de ser corajoso para reconhecer isso. No entanto, parece que vou precisar de ainda mais coragem para continuar olhando. Hoje foi dia de incêndio aqui. No meio da fumaça, avistei a nossa casa. A casa que agora, depois do final do casamento, vocês ainda estão decidindo de quem vai ser. Mas a casa que eu vi hoje foi mesmo aquela nossa, a casa que morava o menino da escada, com as irmãs, com pai e mãe. E o que entendi, com um certo terror, foi que o fogo em minha frente caminha direto pra lá.

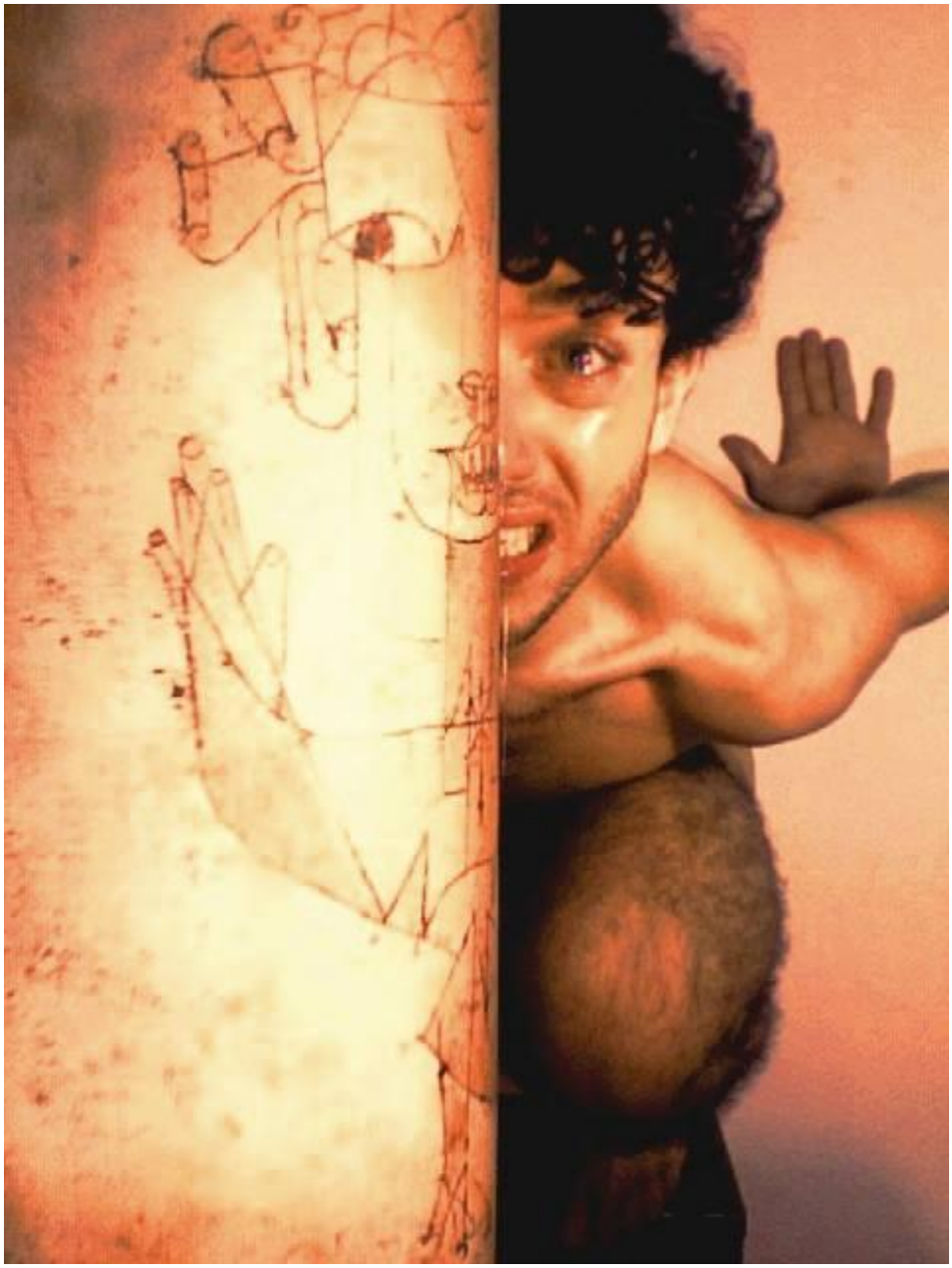
De tudo o que posso ser, tem um corpo que já não consegue parar em pé. Tentei fazer, nos últimos anos, um corpo-casa com pai e mãe. Sou como uma árvore morta que ainda não caiu. O pai e a mãe que levo comigo ainda trancam a porta e gritam um com o outro. A mãe ainda chora sozinha e o pai sai de casa com os olhos bêbados de quem elaborou o mundo sem falar com ninguém. Passei os últimos anos tentando não sentir a solidão de vocês, mas tentei, para isso, colocá-los juntos em meu corpo. Minhas ações já não conseguem dormir juntas na mesma cama, nem olhar com a cara inchada para os filhos que estão na sala com medo. Vivi e consegui entender o desejo de liberdade do pai. Vivi e consegui entender a falta de companhia da mãe. Só não consegui aceitar a tragédia daquilo que não se encontra. Tentei ser a estrada que resolveria a distância entre vocês. Não consigo mais. Não consigo mais.

Não sei agora onde está o teatro. Ainda preciso aceitar a distância entre uma ação e outra sem sentir solidão. Nesta morte necessária, estamos todos juntos, mas o que nos ilumina é o fogo. Como nas noites em que acabava a luz da cidade toda e colocávamos uma vela na sala para o tempo passar a nossa vida.

Autorretrato

Autorretrato de Pablo Picasso
São Paulo, 04 de julho de 2014
Técnica: fotografia com webcam

Autorretrato de José Leonilson
São Paulo, 05 de agosto de 2014
Técnica: fotografia com webcam



Autorretrato de Angelus Novus
São Paulo, 31 de agosto de 2014
Técnica: fotografia com webcam

Autorretrato de Raul Seixas
São Paulo, 08 de setembro de 2014
Técnica: fotografia com webcam

Autorretrato de Lua Barbosa
São Paulo, 10 de fevereiro de 2015
Técnica: fotografia com webcam

EPÍLOGO

RECONSTITUIÇÃO[180]

O seu despertador toca e você não se move

Você não se moverá

Uma outra coisa

Que não chega a ser uma pessoa

Uma outra coisa

Que também não é só uma coisa

Uma outra coisa que também é você

Mas que não chega a ser

Coisa íntima como um irmão gêmeo que nunca foi encontrado

Matéria idêntica que ninguém percebe

Você e isto

Coisas iguais

Que se encaixaram tão perfeitamente dentro da barriga da mãe

Que o médico

Quando puxou para o mundo

Disse sem dúvidas tratar-se de um só

Como qualquer um que puxa de uma vez dois copinhos descartáveis

E usa assim sem dar importância

Um copinho meio desagradável

Que sobra na boca

Ou duas folhas de papel que passam pela impressora tão perfeitamente coladas

Tão distraidamente juntas

Uma delas sai claramente cheia de palavras

E a outra ali embaixo

---

[180] Texto para leitura em voz alta. Livremente inspirado em *Un homme qui dort*, de Georges Perec (PEREC, Georges. *Un homme qui dort*. Paris: Gallimard, 1990).

Marcada

Mas ainda assim poderia ser uma folha em branco, percebe?

E a outra ali

Embaixo

Invisivelmente marcada

Mas que nunca nem chegou a ser outra, percebe?

O seu despertador toca e você não se move

Você não se moverá.

Essa outra coisa

Pedaço de carne viva e silenciosa

Talvez acabe fazendo em seu lugar movimento por movimento

Os gestos que você não faz mais

Os gestos que você evita fazer

Os gestos que você já não suporta

Depois de mais uma noite sem tempo de dormir

Ou talvez pelo calor

Pelos desejos

Aquilo que nunca se resolverá

Depois de mais uma noite de extremo cansaço

Você que já não tem forças nem para se abandonar e pegar no sono

Ou depois de mais uma noite sonhando com as mesmas coisas

O pai a mãe a casa um caminho de fogo

A espera

A solidão

Os amores antigos que aparecem nos sonhos

E ignoram a gente ou comem o nosso cu

Tanto faz

O seu despertador toca e você não se move

Você não se moverá.

É a carne agora

Esta usurpadora carne

Sem coração pulmão estômago intestino sem cu

A carne inútil e só

A carne e seus buracos sem nome

Inseto novo que rasga a pele do que sempre foi

Inseto novo que sai da casca de si mesmo

Esta carne agora

Que nunca desejou ser de fato

Carne aberta que te conhece completamente

Carne antiga que conhece até mais

Conhece o que você não sabe

Conhece o que você não conhece de si mesmo

Esta carne que antes era apenas a sua carne

Que você usa pra ir atrás de comida

Para sair na fotografia

Para seduzir atuar protestar

Esta carne

Fingirá ser você.

Ela se levanta.

Ela se banha.

Se veste.

Se olha no espelho.

Toma o remédio

Um remédio de pressão um anticoncepcional uma vitamina uma injeção de insulina

Foda-se

Come moderadamente

Volta ao banheiro

Sobe na balança

Está muito gorda

Está muito magra

Não tem tempo de esperar o ponteiro parar

Ela se espanta

Se olha no espelho de novo

Coisa estranha

Ela se olha

Se espanta

Se esquece

E sai.

Você está agora na garupa da moto do seu namorado

O vento na carne que sorri de olhos fechados

Você está apaixonada e grudada

Você não tem fim, percebe?

Carne grudada na outra na moto velha no vento no asfalto

Carne grudada no tempo

Os olhos estão abertos

Tudo em volta passando rápido

A vizinha caminhando calada a uma quadra de casa

Um vendedor de suco de laranja

A senhora que dorme no ponto de ônibus

A senhora que mora atrás do ponto de ônibus

Que disse Bom di/

Uma caçamba cheia de lixo

A esquina onde você uma vez outra noite beijou alguém

Olhos fechados

De novo você sonha

Outra vez o fogo

Incêndio numa cidade do interior

Você está na estrada e vê as luzes

A torre da igreja dois prédios fumaça

Você está na cidade querendo ir embora

Você volta

O barulho da moto

O barulho da moto

O barulho da moto

Você se perde

Você não dorme

Outra vez o fogo

E agora de repente ele queima as filas dos bancos do supermercado dos cinemas

Palhaços tristes no semáforo triste

Ruas tristes de uma cidade triste

Móveis tristes nas lojas tristes

A moto já nem corre no asfalto

Ela cruza o canteiro a calçada a vitrine os bares

Os garçons estão enchendo o copo dos clientes até transbordar

Os garçons estão enchendo os clientes de bebida de assunto de beijo de porrada

Em um segundo você atropela uma perua rica e um velho safado

E logo sai numa larga avenida

Engarrafamento

Você agarra mais forte na cintura do seu namorado

Que é agora bem mais interessante

Mas você não sabe se vai aguentar aquele mesmo carinho pra sempre

E você não sabe mais se quer trabalhar com o que você trabalha

E você não sabe mais se quer viver nesta cidade

E você anda sonhando com o que?

E a moto passa por cima dos ônibus parados

Sai voando

Atropela umas pombas brancas e uns drones

Você agora já está enorme e espera um colapso de tudo

Destruir

Desabar

Desmoronar

Os homens-caixa

Empilhados

Corpos

Caixa

Museus suspensos

Gente reta encaixada

No sofá no carro no prato

Tudo aquilo que sempre volta

Aquela dor e a paralisia

A moto para

É a polícia

Você abraça seu namorado mais forte

Abraça todo aquele dia depois de mais um aniversário

Puxa, você fez aniversário ontem!

É a polícia

Você abre os olhos

Tudo está tão longe

Você fecha os olhos

Passam homens de gravata

Gargalhadas

Olha pra trás

É a polícia

Puta que pariu só quero chegar no

Mas onde estamos indo mesmo?

Blitz de manhã

Estão procurando alguém

Eu também estou

Eu nunca me apaixonaria por um policial

Nem por um homem de gravata

Baby eu não quero me casar

Talvez seja esse o nosso último dia juntos

Olha lá

É a polícia

Você pensa

Você cansa

Gente chata

Olha de novo

Coisa estranha

Você se mexe se espanta se esquece

PARA

PORRA

É A POLÍCIA!!!

(Disparo)

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, GIORGIO. O que é o Contemporâneo? In: *O que é o Contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 17 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2016.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARTAUD, Antonin. *A perda de si*. Seleção, organização e prefácio: Ana Kiffer. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

_____. *Carta aos Poderes.* Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1979.

_____. *Cartas desde Rodez, 1*. 2 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1981.

_____. *Cartas desde Rodez, 2*. 3 ed. Madrid: Editorial Fundamentos, 1986.

_____. *Cartas desde Rodez, 3.* Madrid: Editorial Fundamentos, 1980.

_____. *Escritos de Antonin Artaud*. Org. Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983.

_____. *Linguagem e Vida*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *O Teatro e seu Duplo.* 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BECKETT, Samuel. *Malone Morre*. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Molloy*. Trad. Ana Helena Souza. Rio de Janeiro: Globo, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUCHNER, Georg. *Woyzeck*. EUA: Samuel French Trade, 2010

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Dois Regimes de Loucos*: textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Filme dirigido por Pierre-André Boutang, 1996, 450 min. Transcrição disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf> Acesso em: 12 jul 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DERRIDA, Jacques. *L'Écriture et la Différence*. Paris: Éditions du Seuil, 1967.

DIÉGUEZ, Ileana. *De malestares teatrales y vacíos representacionales:* el teatro trascendido. In: CORNAGO, Óscar (Org.). Utopías de la proximidad en el contexto de la globalización: la creación escénica en Iberoamérica. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2009.

_____. Necroteatro: Iconografías del cuerpo roto y sus registros punitivos. In: *Investigación Teatral* Vol. 3, Núm. 5. Invierno 2013-2014, p. 18.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*: na Idade Clássica. 8 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *Maladie mentale et personnalité.* Paris: Presses Universitaires, 1954.

_____. *Vigiar e Punir*. 36 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRANS, Elton. *Raul Seixas:* a história que não foi contada. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 2000.

GROTOWSKI, Jerzy. Ele não era inteiramente ele mesmo. In: *Para um teatro pobre*. 3 ed. Brasília: Teatro Caleidoscópio; Editora Dulcina, 2013.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita*: Jornal de Estudos Psicológicos. Brasília: FEB, 1862. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1862.pdf> Acesso em: 05 jan 2018.

_____. *Revista Espírita*: Jornal de Estudos Psicológicos. Brasília: FEB, 1858. Disponível em: <http://www.febnet.org.br/ba/file/Downlivros/revistaespirita/Revista1858.pdf> Acesso em: 02 jan 2018.

KIFFER, Ana. *Antonin Artaud.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

_____. Corpo, memória, cadeia: o que pode o corpo escrito? *Alea*. São Paulo, v. 8, n. 2, jul-dez 2016.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

_____. *Necropolítica*. 2 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MÈREDIEU, Florence. *Eis Antonin Artaud.* São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *Sur l'électrochoc, le Cas Antonin Artaud*. Paris: Paperback, 1996.

MORAES, Nelson. *Há Dez Mil Anos.* São Paulo: Aliança, 2014.

_____. *Um Roqueiro do Além.* São Paulo: Aliança, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Ecce Homo*: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Segunda Consideração Intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

RAMBELLI, Gilson. Tráfico e navios negreiros: contribuição da Arqueologia Náutica e Subaquática. *Revista Navigator*: subsídios para a história marítima do Brasil, v. 2, n. 4, pp. 59-72, 2006.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere* I. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

RÊGO, José Lins do. *O Nietzsche de Hitler*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cniet/v37n3/2316-8242-cniet-37-03-00088.pdf> Acesso em: 14 abr 2018.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição:* notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Laymert Garcia dos.; UNO, Kuniichi; GUATTARI, Félix. *Confrontações*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

SESTERHEIM, Patricia. SAITOVITCH, David. STAUB, Henrique L. Diabetes mellitus tipo 1: multifatores que conferem suscetibilidade à patogenia auto-imune. *Revista Scientia Medica*, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 212-217, out./dez. 2007.

SILVA, Priscila Elisabete da. *Um projeto civilizatório e regenerador*: análise sobre raça no projeto da Universidade de São Paulo (1900-1940). Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação da USP, 2015.

SONTAG, Susan. *Sob o Signo de Saturno*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.

XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1943. Digitalizada em 2011, por “Luz Espírita”. Disponível em: <http://www.luzespirita.org.br/leitura/pdf/l25.pdf> Acesso em: 06 dez 2017.